



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

EVELISE COUTO MORAES

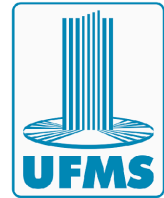
**DO LUTO À LUTA, DAS RUAS ÀS REDES: sobre o
que falam as ativistas do Movimento Mães de Maio?**

Campo Grande - MS
AGOSTO / 2024



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



DO LUTO À LUTA, DAS RUAS ÀS REDES: sobre o que falam as ativistas do Movimento Mães de Maio?

EVELISE COUTO MORAES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Linguagens, Processos e Produtos Midiáticos.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Katarini Giroldo Miguel

EVELISE COUTO MORAES

**DO LUTO À LUTA, DAS RUAS ÀS REDES: SOBRE O QUE FALAM AS ATIVISTAS
DO MOVIMENTO MÃES DE MAIO?**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Linguagens, Processos e Produtos Midiáticos.

Campo Grande - MS, 6 de agosto de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Katarini Giroldo Miguel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr^ª. Kelly Martins Quirino
Universidade de Brasília

Prof^ª. Dr^ª. Daniela Giovana Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

A todas as mulheres que
encorajam outras mulheres.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de muitos caminhos que tive oportunidade de percorrer e isso só foi possível pelo apoio sem igual que recebi de minha mãe Alice em meus passos iniciais nesse mundo. Minha mãe não teve formação acadêmica, mas sempre colocou o estudo e o conhecimento de seus filhos em primeiro lugar. Além de ter me incentivado a sempre reivindicar meus direitos e a nunca esmorecer em busca do meu lugar ao sol.

Agradeço também à minha orientadora Katarini que, mais que me orientar, foi sempre uma mulher generosa, parceira, amiga que me conduziu por todo o processo de forma leve e com quem aprendi e aprendo muito. Ter sido orientada por ela foi um grande privilégio.

Não poderia deixar de agradecer também meu companheiro de vida Daniel, que sempre me incentivou em cada escolha que fiz, me encorajando e me dando suporte e carinho, ao longo dessa jornada. Ele foi o primeiro leitor de todos os meus textos e esteve comigo em cada etapa dessa pesquisa, inclusive, quando ela era apenas uma vaga ideia.

Agradeço aos meus irmãos Evelina, Elenice, Luiz Carlos e, sobretudo, à Edmara, que, com muito amor me acompanhou nesse processo, desde a escrita do Pré-Projeto até a revisão desta dissertação. Aliás, agradeço a toda a minha família, aos meus sobrinhos, aos meus cunhados, aos Moraes e aos Rockenbach, que tanto vibraram comigo nesses últimos anos.

Agradeço também aos meus amigos, que tiveram paciência comigo nesse período em que disse muitos "não" aos seus convites, mas que sempre me incentivaram e fizeram os momentos mais difíceis virarem motivo de boas risadas.

E agradeço, com carinho muito especial, à Débora Maria da Silva, fundadora do Movimento Mães de Maio, que desde o início desta pesquisa me atendeu, me entendeu e me acolheu. Sem o auxílio dela, essa dissertação jamais seria possível.

(...) a boca fala do que está cheio o coração.

Mateus 12:34-35

*Hoje cedo/ Quando eu acordei e não te vi/
Eu pensei em tanta coisa / Tive medo / Ah,
como eu chorei / Eu sofri em segredo /
Tudo isso hoje cedo*

Emicida e Felipe Vassão

RESUMO

Esta dissertação investiga como o Movimento Mães de Maio utiliza as redes sociais digitais para se mobilizar e quais temáticas, além do movimento e dos Crimes de Maio, são relevantes para as ativistas atualmente. A metodologia escolhida foi a Análise de Conteúdo Categorical (Sampaio; Lycarião, 2021). A análise baseou-se em postagens da página do Facebook do movimento entre abril, maio e junho de 2022, totalizando 146 postagens classificadas em diversas categorias, incluindo "temáticas". A pesquisa revelou que o tema mais destacado foi a violência e seus desdobramentos, como violência policial, contra a juventude e crianças, mulheres, pessoas negras, população LGBTIAP+ e indígenas. Considerando os conceitos de Certeau (1998), conclui-se que o movimento utiliza as redes sociais de maneira tática, e não estratégica. Para alcançar esses resultados, foi necessário realizar uma Entrevista em Profundidade com Débora Maria da Silva, fundadora do movimento, e revisar conceitos sobre movimentos sociais de Gohn (2014), Vizer (2007) e Castells (2013).

Palavras-chave: Comunicação; Movimento Mães de Maio; Redes Sociais; Movimentos Sociais; Violência Policial.

ABSTRACT

This master's dissertation investigates how the Movement Mães de Maio uses digital social networks for mobilization and which themes, besides the movement and the Crimes of May, are currently relevant to the activists. The chosen methodology was Categorical Content Analysis (Sampaio; Lycarião, 2021). The analysis was based on posts from the movement's Facebook page between April, May, and June 2022, totaling 146 posts classified into various categories, including "themes." The research revealed that the most highlighted topic was violence and its ramifications, such as police violence, violence against youth and children, women, Black people, the LGBTIAP+ community, and Indigenous peoples. Considering Certeau's (1998) concepts, it is concluded that the movement uses social networks tactically rather than strategically. To achieve these results, it was necessary to conduct an in-depth interview with Débora Maria da Silva, the founder of the movement, and revisit concepts about social movements from Gohn (2014), Vizer (2007), and Castells (2013).

Keywords: Communication; Movement Mães de Maio; Digital Social Networks; Movimentos Sociais; Police Violence

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Posts levantados entre abril e junho de 2022. Disponível em: https://bit.ly/PostsMaesdeMaio	21
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Levantamento de temas tratados durante o período entre abril e junho de 2022 na fanpage Mães de Maio.....	103
---	-----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nora Cortiñas, co-fundadora do movimento Madres de La Plaza de Mayo, ao lado de Débora Maria da Silva, fundadora do Movimento Mães de Maio e outra integrante do movimento	38
Figura 2 - Dona Zilda Maria de Paula, uma das fundadoras das Mães de Osasco	44
Figura 3 - Mães de Maio protestam em frente ao Supremo Tribunal Federal, em Brasília.	83
Figura 4 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 14 de maio de 2022.....	84
Figura 5 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 19 de abril de 2022.....	94
Figura 6 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de maio de 2022.....	95
Figura 7 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 18 de junho de 2022.....	95
Figura 8 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 16 de abril de 2022.....	97
Figura 9 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 12 de maio de 2022.....	98
Figura 10 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 14 de junho de 2022.....	99
Figura 11 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 11 de abril de 2022.....	104
Figura 12 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 22 de abril de 2022	105
Figura 13 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 13 de abril de 2022.....	106
Figura 14 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 30 de abril de 2022.....	107
Figura 15 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 06 de junho de 2022.....	109
Figura 16 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de junho de 2022.....	109
Figura 17 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 03 de maio de 2022.....	111
Figura 18 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 08 de abril de 2022.....	112
Figura 19 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de junho de 2022.....	112
Figura 20 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 16 de abril de 2022.....	113
Figura 21 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 04 de abril de 2022.....	115
Figura 22 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 04 de abril de 2022.....	116
Figura 23 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 11 de abril de 2022.....	117
Figura 24 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 03 de maio de 2022.....	118
Figura 25 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 19 de junho de 2022.....	120
Figura 26 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 03 de maio de 2022.....	121
Figura 27 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 02 de abril de 2022.....	122
Figura 28 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 24 de abril de 2022.....	124
Figura 29 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 08 de abril de 2022.....	127
Figura 30 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 31 de maio de 2022.....	128
Figura 31 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 19 de abril de 2022.....	130
Figura 32 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 04 de maio de 2022.....	131
Figura 33 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 22 de junho de 2022.....	132
Figura 34 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 24 de junho de 2022.....	134

Figura 35 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de abril de 2022.....	136
Figura 36 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 28 de junho de 2022.....	137
Figura 37 - Registro do I Encontro Internacional de Mães e Familiares de Vítimas do Estado Democrático, em 2016.....	138
Figura 38 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 17 de junho de 2022.2.....	139
Figura 39 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 30 de junho de 2022.....	141
Figura 40 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de junho de 2022.....	143
Figura 41 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de junho de 2022.....	144
Figura 42 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de junho de 2022.....	146
Figura 43 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de junho de 2022.....	146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC - Análise Conteúdo

AI-5 - Ato Institucional

Caaf - Centro de Antropologia e Arqueologia Forense

Cecan - Centro de Cultura e Arte Negra

Cetic.Br - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação

CNJ- Conselho Nacional de Justiça

Condepe - Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana de São Paulo

DEM - Partido Democratas

ESMA - Escola Superior de Mecânica da Armada

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

FNB - Frente Negra Brasileira

H.I.J.O.S. - Hijos e Hijas por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio

IBCCRIM - Instituto Brasileiro de Ciências Criminais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

IHRC - International Human Rights Commission

IML - Instituto Médico Legal

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LAV - Laboratório de Análise da Violência

LGBTIAP+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero.

MJSP - Ministério da Justiça e Segurança Pública

MNU - Movimento Negro Unificado

NEV - Núcleo de Estudos da Violência

ONG - Organização Não Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

Ovir - Observatório da Violência Racial

PCC - Primeiro Comando da Capital

PCdoB - Partido Comunista Brasileiro

PFL - Partido da Frente Liberal – (PFL),

PL - Projeto de Lei

PM - Polícia Militar

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PT - Partido dos Trabalhadores

SIM - Sistema de Informações sobre Mortalidade

Sinan - Sistema de Informação de Agravos de Notificação

STJ - Superior Tribunal de Justiça

TEN - Teatro Experimental do Negro

TICs - Tecnologias da Informação e Comunicação

Uerj - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UHC - União dos Homens de Cor

Unicamp - Universidade Estadual de Campinas

Unifesp - Universidade Federal de São Paulo

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1.CAPÍTULO 1 – MÃES DE MAIO: DO NASCIMENTO AO LUTO	26
1.1 Os Crimes de Maio: uma história pela imprensa	26
1.2. As vítimas dos Crimes de Maio	28
1.3 O nascimento do movimento, em busca de respostas	31
1.4 Ecos da América do Sul: as Madres de la Plaza de Mayo	35
1.5 Criminalização das mães	43
1.6 Luto para quem: sobre o direito ao sofrimento e à justiça	45
1.7 Reivindicações do movimento	49
2. CAPÍTULO 2 – MÃES DE MAIO - ARTICULAÇÕES DE UM MOVIMENTO SOCIAL NAS RUAS E NAS REDES	51
2.1 Movimentos sociais na América Latina e suas articulações	51
2.2 Mulheres em movimento: protagonismo feminino no Brasil	54
2.3 Mobilizações de mulheres negras no Brasil: um recorte primordial	60
2.4 Mães no front:um recorte sobre a maternidade e os movimentos sociais brasileiros.....	69
2.5 Em rede e nas ruas: a atuação do Movimento Mães de Maio nas redes sociais	72
3. CAPÍTULO 3 – O MOVIMENTO MÃES DE MAIO NAS REDES	77
3.1 Mapeando as redes	77
3.2 Entendendo a escolha metodológica.....	79
3.3 Unidades de análise das redes sociais do Movimento Mães de Maio	82
3.3.1 Entendendo o período analisado: rua e rede.....	82
3.3.2 Números, tipos de posts e autorias.....	85
3.3.3 Curtidas, compartilhamentos e comentários.....	93
3.4 Temáticas das postagens.....	101
3.5 Violência: um tema que não se cala	101
3.6 Violência policial: uma categoria que pesa	124
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
5 REFERÊNCIAS.....	153

INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XX, os países do Cone Sul da América do Sul passaram por um período de grande violência e repressão. Entre os anos 1950 e 1980, Paraguai, Bolívia, Brasil, Chile, Uruguai e Argentina foram palco de golpes de Estado seguidos da instauração de ditaduras militares.

Em décadas de extrema violência e repressão, quem se opunha aos regimes ditatoriais em cada um desses países, era tido como inimigo. A justificativa para legitimar milhares de mortes e desaparecimentos era uma suposta luta contra o comunismo que, em tempos de Guerra Fria, "amedrontava a elite e a classe média naqueles países, que deram suporte aos golpes militares" (Wolff, 2013).

Uma das ditaduras mais sangrentas do Cone Sul foi a da Argentina, que ocorreu entre 1976 e 1986. Estima-se que mais de 30 mil pessoas tenham morrido e/ou desaparecido nesse sombrio episódio da história sul-americana (Molina, 2019). Assim como em outros países, em resposta à repressão, movimentos populares de resistência, organizações de direitos humanos e de defesa da cidadania começaram a surgir. (Wolf, 2013).

Em abril de 1977, surgiu o movimento Madres de La Plaza de Mayo, na Argentina, que viria a se tornar um dos mais conhecidos e relevantes da América do Sul. Essas mães se articularam em busca de respostas sobre o paradeiro de seus filhos que haviam desaparecido após a instauração da ditadura militar. O ponto de encontro dessas mulheres era a Praça de Maio, um local histórico importante da capital Buenos Aires, situado em frente à sede do governo argentino, onde diversas manifestações políticas costumavam acontecer. Desde então, em todas as quintas-feiras, elas se encontram no local para cobrar respostas do Governo, repetindo em voz alta o nome de seus filhos e netos desaparecidos e vestindo um tecido branco na cabeça que, com o tempo, se tornara o símbolo de sua luta.

Em 2019, em uma viagem a Buenos Aires, pude ver de perto como a ditadura militar havia deixado suas marcas na memória do povo argentino. Caminhando pelas ruas no centro da cidade, era frequente encontrar placas nas calçadas que indicavam os lugares onde pessoas haviam sido avistadas pela última vez antes de serem vítimas do "terrorismo de Estado"¹. A luta das Madres também era evidente. No chão da Praça de Maio, em um círculo desenhado com pastilhas, há marcações no chão do desenho do *pañuelo blanco*, a fralda branca que,

¹ As inscrições nas placas das ruas utilizavam exatamente esse termo.

desde a década de 1970, as identifica como Mães da Praça de Maio. São nessas marcações que até hoje elas se posicionam e continuam questionando sobre o paradeiro de seus filhos.

Ao retornar da viagem, passei a buscar mais informações a respeito daquelas mulheres. Não foi uma tarefa difícil. Há livros, artigos e filmes que contam sua história. Mas o que me surpreendeu foi o fato de que sua presença nas redes sociais era muito robusta. Identifiquei que elas utilizavam o Facebook, o Instagram, o YouTube, o Twitter e, até mesmo, a Twitch² para continuar em contato com a militância, seja convocando para manifestações e atos seja compartilhando conteúdos relacionados à sua luta. Percebi que realizar uma pesquisa de como o uso dessas ferramentas pode ou não ter ajudado as Madres a expandirem o alcance da causa e de quais maneiras elas faziam isso poderia ter um valor científico importante.

Ao pesquisar mais sobre essas mulheres, surgiu um questionamento importante: descobrir se no Brasil havia também movimentos formados por mães em busca de justiça pela morte e/ou desaparecimento de seus filhos. Encontrei diversos deles como Mães de Acari, Associação Mães da Sé, Mães de Manguinhos, Mães do Xingu e até o Mães da Fronteira, em Mato Grosso do Sul, estado onde esta pesquisa de dissertação foi realizada. Este último, inclusive, chegou a ser considerado como uma possibilidade de objeto de pesquisa, sobretudo, pela questão de sua atuação local.

A Associação Mães da Fronteira surgiu em setembro de 2012, a partir dos assassinatos dos universitários Breno Luigi Silvestrini de Araújo e Leonardo Batista Fernandes, vítimas de latrocínio. O crime, à época, repercutiu bastante em Mato Grosso do Sul, tanto na imprensa, quanto nas ruas e nas redes sociais. Além de diversas postagens utilizando o Facebook e o Twitter, os usuários locais chegaram a criar no Facebook o evento Caminhada pela Paz, convocando para um ato no dia 02 de setembro daquele ano, na principal avenida de Campo Grande. No Twitter, a convocação e as postagens vinham acompanhadas da hashtag #eunaovouseroproximo. Esse ato reuniu mais de duas mil pessoas, dentre elas, as mães das vítimas, Lilian Silvestrini e Angela Fernandes, as quais, logo após a mobilização, organizaram o Movimento Mães da Fronteira, posteriormente, transformando-o em associação.

Diferente de outros movimentos, como as Mães de Maio (São Paulo) e as Mães de Acari (Rio de Janeiro), por exemplo, que buscam até hoje respostas sobre os assassinatos de seus filhos e o julgamento dos culpados, as Mães da Fronteira acabaram variando suas reivindicações. Ao contrário destes movimentos, elas não tiveram a vida de seus filhos ceifadas por agentes do Estado, tampouco se baseavam na investigação ou na busca pelos culpados pelas mortes. Em menos de um ano depois dos assassinatos, os seis acusados de matar seus filhos foram

² Uma plataforma on-line para transmissões ao vivo, normalmente utilizadas por participantes de jogos virtuais.

condenados a uma pena total que ultrapassava 200 anos de prisão. Já esses outros movimentos citados (e tantos outros), continuam sem respostas, mesmo depois de décadas de luta. (Miguel; Moraes, 2023)

As Mães da Fronteira exigiam das autoridades mais segurança para a população, sobretudo, na região de fronteira, e chegaram a propor mudanças em leis, como a ampliação da pena máxima no Brasil de 30 para 50 anos.

Outro ponto que as diferenciava dos demais movimentos levantados era o fato de que, apesar de terem sido ativas entre 2012 e 2018, elas já haviam diminuído significativamente suas atividades, tanto nas ruas quanto nas redes sociais. Em 2020, durante o auge da pandemia de covid-19, elas anunciaram uma assembleia para encerramento das atividades da associação.

Levando todos esses fatores em consideração, o movimento encontrado que mais pareceu se aproximar da relevância das Madres de La Plaza de Mayo foi o Movimento Mães de Maio, de São Paulo, principalmente, pelo fato de que esse movimento de mães utiliza amplamente as redes sociais para sua militância e, ainda, por ser um grupo que ainda hoje continua ocupando ruas, protestando em frente a prédios públicos do governo e por afirmarem que seus filhos, assim como os mortos e desaparecidos argentinos, também foram vítimas do próprio Estado. Nesse contexto, elegemos, então, compreender as pretensas estratégias de comunicação utilizadas para manutenção e avivamento do Movimento.

Débora Maria da Silva, fundadora do Mães de Maio e mãe de Edson Rogério, morto durante os Crimes de Maio, aponta que "vivemos em um Estado dito democrático de direito que camufla uma verdadeira ditadura continuada, operando livremente, assolando lares de famílias periféricas, sem direito à justiça, à verdade e à liberdade" (Mães de Maio, 2011, p.96).

O Movimento Mães de Maio é uma rede de mães e familiares de vítimas de violência do Estado Brasileiro, a qual se originou no estado de São Paulo, a partir de uma série de crimes acontecidos em maio de 2006 na capital e em cidades do interior. Em um intervalo de duas semanas, mais de 500 pessoas foram mortas ou desaparecidas. A motivação teria sido uma retaliação aos ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC), facção que teria executado 49 agentes públicos. Em resposta, operações policiais rodaram todo o estado, sobretudo a Baixada Santista, onde o movimento surgira. Essa onda de execuções ficou conhecida como Crimes de Maio.

As Mães de Maio e as Madres de la Plaza de Mayo compartilham alguns pontos em sua formação. A primeira e mais evidente está em seus nomes. "Maio" está na alcunha dos dois grupos. No das mães argentinas, refere-se ao local onde se encontravam, a praça onde termina a avenida de Mayo, uma das principais de Buenos Aires e o ponto de encontro dessas mulheres. Já no Mães de Maio, ele se refere ao mês em que os crimes aconteceram. A infeliz coincidência para as mães brasileiras está no fato de que maio é conhecido como o mês das mães no Brasil³. Edson, filho de Débora Maria da Silva, morreu no dia 15, um dia depois do Dia das Mães, em 2006, que ela considera "o último dia mais feliz de minha vida" (Mães de Maio, 2011, p. 24).

Apesar dessas coincidências, é necessário pontuar que há diferenças geográficas, políticas, históricas e de classes entre esses dois grupos de mulheres. Porém, segundo Rocha, "existe uma semelhança fundamental: a luta por justiça e a busca pela verdade sobre a morte de seus filhos" (Rocha, 2011, p. 94). Ao mesmo tempo, é possível dizer que a impunidade é a maior diferença entre os dois grupos. As mães brasileiras ainda buscam respostas sobre a morte de seus filhos, enquanto que as argentinas já tiveram diversos resultados em suas reivindicações. Fato é que as vidas dos filhos de todas essas mães nunca mais terão volta e que a luta continua sendo o combustível de suas manifestações.

A partir da escolha do Movimento Mães de Maio como objeto de pesquisa, iniciei, então, um mapeamento sobre como e quais redes sociais esse grupo utilizava. Segundo essa pesquisa exploratória⁴, levantei que:

- no Facebook, há uma fanpage criada em 15 de agosto de 2012, com 119 mil seguidores e um grupo privado com 3,2 mil membros, criado em 27 de fevereiro de 2012. Ambos ativos;
- no Instagram, há uma conta ativa com 8.901 seguidores, cujo primeiro post data de 29 de março de 2018;
- no X (antigo Twitter), há uma conta ativa com 720 seguidores, criada em março de 2018, e
- seu blog foi mantido entre 2009 e 2014 com um total de 210 posts.

³ Na Argentina, o Dia das Mães é comemorado em outubro.

⁴ Dados revisados e atualizados no dia 1º de junho de 2024.

As Mães de Maio, além de serem muito atuantes nas redes sociais, também publicaram livros ⁵e foram tema de diversos artigos e dissertações⁶, sobretudo, na área do Direito e da Assistência Social, mas não na Comunicação. A fundadora Débora Maria da Silva tornou-se o rosto do movimento, participando de podcasts, de palestras em diversos países, de documentários e até mesmo de um filme. Pela produção *A Mãe*, ela chegou a ganhar o prêmio de melhor atriz coadjuvante no Festival de Cinema de Málaga, na Espanha. O filme é uma ficção baseada em histórias reais sobre a violência nas periferias do Brasil, o que está extremamente ligado à realidade de Débora.

Uma vez levantadas as redes sociais utilizadas pelo movimento e também as produções advindas dele, foi a vez de estabelecer o objetivo desta pesquisa, que é o de buscar compreender de quais maneiras o Movimento Mães de Maio, formado em 2006, utiliza as redes sociais digitais para se mobilizar e, ainda, quais temáticas, além do movimento em si e dos Crimes de Maio, são caras às ativistas ainda hoje.

Essa possibilidade de pesquisa foi consolidada a partir de um levantamento realizado no segundo semestre de 2022 sobre as postagens publicadas na página no Facebook do Movimento Mães de Maio. Esse período refere-se ao ano de ingresso no mestrado e, também, por permitir analisar um conteúdo mais atualizado e próximo ao período da pesquisa. Já a fanpage foi escolhida por ser o canal mais robusto do movimento, tendo mais de 120 mil seguidores e com publicações quase diárias desde sua criação em 2012.

O recorte temporal escolhido para a concentração dos levantamentos das postagens e das análises compreende os meses de abril, maio e junho de 2022. A escolha foi motivada por três fatores: a) em abril, as Mães participam de um evento tradicional de seu calendário, o Cordão da Mentira⁷; b) maio, por ser o mês em que aconteceram os crimes que motivaram o movimento, além de conter o Dia das Mães, uma data significativa para as integrantes e, c) junho, por ser um mês sem eventos pontuais-para base de comparação.

⁵ O movimento produziu quatro livros, publicados pela editora Nós por Nós: “Do luto à luta: Mães de Maio” (2011); “Mães de Maio: A periferia grita” (2012), “Salve Mães de Maio” (2018) e “Memorial dos nossos filhos vivos” (2019).

⁶ Como a dissertação *Do luto à luta: o Movimento Mães de Maio da Baixada Santista de São Paulo*, de Matheus de Almeida. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-30082021-173948/en.php>. Último acesso em 27 de maio de 2024.

⁷ O Cordão da Mentira acontece anualmente em São Paulo, no dia primeiro de abril. O evento é organizado por artistas e ativistas com o objetivo de lembrar os crimes de Estado do passado e atuais, como tortura, assassinatos e desaparecimentos, que persistem apesar do fim da ditadura. Os manifestantes percorrem ruas do centro da cidade durante o trajeto do Cordão. Mães de vítimas da violência policial de todo o Brasil, incluindo, o Movimento Mães de Maio, participam todos os anos. Em 2023, o movimento chegou à décima-primeira edição.

Para esse levantamento, a metodologia escolhida foi a Análise de Conteúdo Categorical, em que é necessário definir a unidade de análise e de possíveis subunidades de análise (Sampaio; Lycarião, 2021, p. 52). As unidades são as postagens que foram classificadas e organizadas em uma tabela⁸ respondendo às seguintes classificações: data, assunto, tipo de post (só foto, só texto, só vídeo, foto com texto, vídeo com texto, notícia), tipo de conteúdo (post ou repost), tipo de autoria (própria ou não), números de curtidas, compartilhamentos e comentários, e utilização ou não de hashtags, que podem indicar etiquetas temáticas.

Nos três meses selecionados do ano de 2022, foram levantados 146 posts no total, sendo 60 em abril, 32 em maio e 54 em junho. Foi necessário ainda estabelecer dois critérios de exclusão, desse modo, não foram considerados e nem constam da contagem posts como trocas de avatar, trocas de capa e imagens aleatórias, sem vínculos a alguma temática. Sendo assim, ficou estipulado um universo de 136 posts.

A partir desse levantamento, inicialmente quantitativo, chamou a atenção o fato de que as postagens do Movimento não se limitavam apenas a pedidos por justiça, a publicações referentes aos Crimes de Maio ou ainda a convocações e chamados para eventos. As temáticas dessas postagens eram variadas e, em um primeiro olhar, muitas delas pouco pareciam ter ligação com o movimento em si, mas isso deixou evidente a necessidade de pesquisar porque essas postagens estavam lá e por qual razão as Mães de Maio utilizavam seu espaço nas redes sociais para falar de causas outras que não a sua.

Assim, iniciei uma investigação para descobrir quais temas eram caros a essas mães mais de 16 anos depois da criação do movimento. Elaborei uma nova tabela, com a categoria "temática", na qual o tema com mais destaque foi a violência e seus desdobramentos como violência policial, violência contra a juventude e as crianças, violência contra a mulher, violência contra pessoas negras, violência contra a população LGBTIAP+ e violência contra indígenas. Todas as temáticas foram exploradas e analisadas, mas violência foi o tema no qual os esforços desta dissertação se debruçaram mais, exatamente, pode ter sido o que apresentou mais ocorrências na pesquisa.

Para que pudesse, no entanto, realizar as devidas interpretações na análise, era necessário todo um contexto. O primeiro passo era entender com mais cuidado quem eram as Mães de Maio. Desde o início desta pesquisa, ainda, no primeiro semestre de 2022, um apoio importante foi a própria fundadora do movimento, Débora Maria da Silva. Foram diversas as

⁸ Disponível em <https://bit.ly/PostsMaesdeMaio>

vezes em que ela participou como fonte e colaboradora frequente. Ela sempre se dispôs a me ajudar com informações a respeito da atuação do movimento, colocando-se sempre acessível e pronta a tirar dúvidas e a dar esclarecimentos. Uma das etapas mais significativas, inclusive, foram encontros on-line com Débora para entrevistas em profundidade⁹. Somamos mais de 200 minutos de conversa em duas entrevistas remotas via Internet.

A entrevista em profundidade é uma abordagem metodológica que procura obter informações a partir da perspectiva subjetiva de uma fonte específica, escolhida por sua capacidade de fornecer esses dados e de ter o conhecimento sobre o que se deseja aprender e/ou investigar. (Duarte; Barros, 2005, p. 63). Débora foi escolhida por ser uma personagem fundamental nesse processo.

Ouvir dessa mãe os detalhes que ela mesma viveu durante as duas semanas de violência durante os Crimes de Maio, com a perda do filho e também com o luto coletivo junto das outras mães, foi ao mesmo tempo triste, enriquecedor e importantíssimo para compor os dois capítulos teóricos desta dissertação. Ela também foi uma fonte fundamental para que essa história pudesse ser contada da forma mais fiel possível por alguém que presenciou e viveu o período, ainda que, neste trabalho, tenha utilizado como base documental também o que foi publicado na imprensa a respeito dos crimes.

Débora foi de grande ajuda também ao relatar de quais maneiras as Mães de Maio passaram a usar as redes sociais e como o faziam, principalmente, no início, quando o acesso à Internet, sobretudo, na periferia, era deficitário. Celulares com acesso a Internet e computadores em casa eram artigos de luxo. Elas dependiam de conhecidos ou de pessoas que também faziam parte do movimento, a quem Débora chamou de militância. Graças a ela também foi possível descobrir que o primeiro contato do movimento com as redes sociais ocorrera no Orkut, ainda, em 2006. Na pesquisa exploratória, isso não foi detectado, uma vez que essa rede social foi descontinuada em 2014.

Com o tempo e com o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), as mães puderam adquirir notebooks, celulares com acesso à Internet e isso, segundo a fundadora, facilitou ainda mais a comunicação do movimento com a sociedade. Hoje, a comunicação on-line é quase instantânea, as integrantes estão sempre registrando e postando

⁹ As perguntas das entrevistas com Débora Maria da Silva estão disponíveis em https://docs.google.com/document/d/1SRRrVwBneR-PsN4la-W18qF_VzvkvLUzXGIIdbeoyAik/edit?usp=sharing

manifestações e ações das quais estão participando em tempo real ou conteúdos que julgam interessantes (Silva, 2023b).

Este trabalho buscou entender o lugar das ativistas do Movimento Mães de Maio que, das ruas às redes, lutam ainda para que suas reivindicações sejam ouvidas e contempladas e, para isso, utilizam-se de meios como as redes sociais.

No primeiro capítulo, abordo sobre o que é o Movimento Mães de Maio. Para isso, é preciso entender inicialmente o marco zero de sua criação, que são os Crimes de Maio. Assim, de forma cronológica e utilizando notícias e reportagens de veículos como Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e A Tribuna (todos do estado de São Paulo), há um relato de como foram as duas semanas de maio de 2006 que vitimaram mais de 500 pessoas, entre elas, a maioria, civis. Além disso, colhi dados de relatórios realizados a respeito desses crimes os quais me proporcionaram entender melhor quem foram as vítimas desses ataques. Assim, com base nessas informações, foi possível contar como o movimento nascera e se expandiu. Tracei ainda um paralelo com as Madres de La Plaza de Mayo, cuja atuação inspirou o movimento e também apresentei as dificuldades que as mães brasileiras encaram como a impunidade, a falta de respostas sobre seus filhos e, ainda a criminalização de muitas delas, além de adoecimentos e mortes.

No segundo capítulo, passo a situar Mães de Maio como um movimento social, para isso, apresento um histórico sobre os movimentos sociais na América Latina e suas articulações a partir de teóricos como Maria da Glória Marcondes Gohn (2014), Eduardo Vizer (2007) e Manuel Castells (2013). Depois, abordo os movimentos sociais no Brasil, trazendo o recorte do protagonismo feminino. Para isso, foi necessário adentrar no histórico das lutas das mulheres, sobretudo, sob a perspectiva do Sul Global. Dando continuidade, cito os movimentos feministas em rede a partir de conceitos de Heloísa Buarque de Hollanda (2019) e Bila Sorj (2019) e também a perspectiva de raça. Uma vez que as Mães de Maio são, em sua maioria, mulheres negras, entender a formação e as motivações desses grupos mostrou-se fundamental. Para isso, autoras como Lélia Gonzalez (2022) e Rosalia Lemos (1997), dão importante contribuição no que se refere a questão do feminismo negro e o lugar dessa mulher negra nos movimentos sociais, seguido da importância de se entender o ativismo dessas mulheres a partir de um pensamento interseccional. Para isso, recorri a Carla Akotirene (2019) e Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021).

Após aderir à perspectiva de gênero e de raça, passei para o recorte da maternidade e a atuação de mães em movimentos sociais. Para isso, foi necessário trazer um debate sobre o público e o privado e entendê-las nas redes sociais e nas ruas, tendo como principal personagem o Movimento Mães de Maio.

Aqui, ao levar em conta o conceito de Certeau (1998), de que a estratégia está relacionada ao planejamento e à gestão de interações e influências, e que a tática vem exatamente da falta desses elementos, considere que as Mães de Maio não se organizam de forma estratégica, mas sim de maneira tática.

Abordei ainda a expansão desse movimento e a conexão com outros grupos de mães ativistas. Para iniciar a pesquisa sobre o uso das redes sociais pelas Mães de Maio e suas práticas comunicacionais, realizei um levantamento histórico de todas as plataformas utilizadas pelo grupo, desde 2006 até a atualidade.

No terceiro capítulo, apresento o resultado da coleta realizada para esta dissertação, ou seja, das postagens da página no Facebook do Movimento Mães de Maio, durante os meses de abril e junho de 2022. Tal levantamento, inicialmente, quantitativo, foi feito a partir da metodologia da Análise de Conteúdo Categorical, por meio da qual se classificaram as postagens realizadas na fanpage do Movimento Mães de Maio em diversas subcategorias, com foco nas temáticas abordadas.

Por fim, além de buscar compreender o comportamento digital do movimento, pude também levantar quais temas são importantes para essas mães, além de abordar o próprio movimento em si e reivindicar justiça por seus filhos. Dentre as temáticas presentes, a que mais se sobressaiu foi a violência, sobretudo a violência policial, o que se mostra inclusive coerente, uma vez que foram ações policiais que resultaram nos Crimes de Maio.

Para os próximos capítulos, utilizarei a primeira pessoa do plural, considerando que minhas motivações pessoais, expressas nesta introdução, passam agora a dar lugar a um trabalho científico coletivo.

Capítulo 1 Mães de Maio: do nascimento ao luto

Neste capítulo, apresentamos o Movimento Mães de Maio, a partir de pesquisa realizada em veículos de comunicação, que nos auxiliaram no resgate histórico do movimento, e também por meio de uma pesquisa documental e bibliográfica que evidencia oficialmente este histórico. Além disso, consultamos também fontes envolvidas nesses momentos para que esse entendimento fosse ainda mais efetivo, realizando uma entrevista em profundidade com Débora Maria da Silva, fundadora do movimento.

1.1 Os Crimes de Maio: uma história pela imprensa

O mês de maio de 2006 ficou marcado como um dos episódios mais sangrentos acontecidos no período democrático brasileiro. Em um intervalo de quinze dias, mais de 500 pessoas, entre civis e agentes públicos de segurança, foram mortas ou dadas como desaparecidas em uma série de eventos que ficou conhecida como Crimes de Maio.

Na noite do dia 12 de maio de 2006, véspera do final de semana do Dia das Mães, a imprensa brasileira começou a agitar-se. As notícias davam conta de que rebeliões em presídios, ataques a delegacias, bases e viaturas estavam em andamento por todo o estado de São Paulo. No final daquela noite, com a chamada "Ataques do PCC deixam pelo menos três policiais mortos em SP¹⁰", a edição on-line do jornal O Estado de S. Paulo cravava a autoria dos crimes, descrevendo-os como "uma série de ataques atribuídos à facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC)". A Folha de S. Paulo publicou como uma das matérias de capa, na manhã do dia 13, "Após transferências, PCC faz rebeliões e ataques e mata pelo menos seis"¹¹.

Ambos os jornais alegavam que os ataques foram motivados pela determinação de o Estado de São Paulo transferir 765 presos ligados ao grupo, entre eles, o líder Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola, para o presídio de segurança máxima de Presidente Venceslau, localizado a 620 quilômetros da cidade de São Paulo.

O relatório "Violência de Estado no Brasil: uma análise dos Crimes de Maio de 2006, realizado pelo Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (CAAF) e pela Universidade

¹⁰ Disponível em <https://www.estadao.com.br/brasil/ataques-do-pcc-deixam-pelo-menos-tres-policiais-mortos-em-sp/>. Último acesso em 01/03/2023.

¹¹ Disponível em <https://acervo.folha.uol.com.br/compartilhar.do?numero=16805&anchor=5240687&pd=a038d89a29c7c50fec269f94741ec900>. Último acesso em 01/03/2023.

Federal de São Paulo (Unifesp), aborda essa narrativa e explica que o objetivo da atitude do Estado era a de "isolar os líderes da facção criminosa conhecida como Primeiro Comando da Capital (PCC)" (Caaf/Unifesp, 2019, p. 41).

Outros fatores como a transferência de oito dos líderes do grupo para a penitenciária de Presidente Bernardes e a mudança de seus regimes para o Regime Disciplinar Diferenciado,¹² no dia 13 de maio, também teriam ajudado a fortalecer as ações do PCC contra os agentes públicos. No relatório, cita-se ainda que a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo afirmou que os ataques foram promovidos pelo PCC como retaliação.

Essa narrativa construída pelas autoridades afirma que o PCC começou com os ataques no dia 12 de maio, beneficiando-se inicialmente da falta de divulgação entre as forças de segurança, o que permitiu o assassinato de vários agentes públicos e, posteriormente, em resposta aos ataques, a morte de membros da organização criminosa em enfrentamentos com as forças de segurança (Justiça Global; IHRC, 2011, p. 58)

Nos dias que se seguiram, o número de mortes explodiu. Segundo o relatório do Laboratório de Análise da Violência (LAV) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Conectas¹³, de 2008, foram mortas 564 pessoas, entre os dias 12 e 21 de maio de 2006. Chama a atenção a discrepância entre o número de mortos civis e o de agentes públicos¹⁴ levantados: 505 mortos eram civis, enquanto que os agentes públicos contavam 59.

Se avaliarmos as datas em que esses assassinatos se concentraram, é possível entender melhor a dinâmica. A maior parte dos homicídios aconteceu entre os dias 14 e 17 de maio, sendo que 144 foram apenas no dia 14. Destes, 107 eram civis. Segundo a jornalista Laura Capriglione (2015, p.66), os civis eram "assassinados em supostos confrontos com a polícia, executados sumariamente por soldados da PM ou vitimados por grupos de encapuzados". Já as mortes de agentes públicos se concentraram majoritariamente nos dias 12 e 13, início do período. O LAV concluiu, então, que a letalidade dos civis não acontecera durante os ataques contra os policiais ou agentes penitenciários, mas num momento posterior, provavelmente, em intervenções realizadas por policiais (Cano; Alvadia, 2008, p.10).

¹² Segundo o Código Penal, o Regime Disciplinar Diferenciado (RDD), disposto no artigo 52 da LEP (Lei de Execução Penal) é uma forma especial de cumprimento da pena no regime fechado, que consiste na permanência do presidiário (provisório ou condenado) em cela individual, com limitações ao direito de visita e do direito de saída da cela.

¹³ A Conectas Direitos Humanos é uma organização não-governamental carioca que combate a violência policial desde 2001, ela encomendou um dos relatórios a respeito dos Crimes de Maio de 2006 ao LAV-UERJ.

¹⁴ Chamamos de agentes públicos, nesta pesquisa, policiais, bombeiros, guardas municipais e outros profissionais que trabalham para a segurança pública.

Para se ter uma ideia da letalidade¹⁵ dos Crimes de Maio, vale lembrar que, em duas semanas, eles vitimaram mais pessoas do que a ditadura militar ao longo de 21 anos¹⁶; registraram quatro vezes mais vítimas que o Massacre do Carandiru em 1992, quando 111 detentos foram executados; mataram mais de 20 vezes as vítimas da Chacina de Osasco, que foi a maior da história de São Paulo, em 2015; e vitimaram 18 vezes mais pessoas que a Chacina do Jacarezinho, considerada a operação policial mais letal da história do Rio de Janeiro.

Naquela época, o governador do estado de São Paulo era Cláudio Lembo do partido Democratas – (DEM), então, Partido da Frente Liberal – (PFL), que havia assumido o cargo menos de dois meses antes, após Geraldo Alckmin (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB) renunciar ao cargo para concorrer à Presidência da República, e o secretário de Segurança Pública era Saulo de Abreu Castro Filho; ambos eram os comandantes da polícia que atuou durante aquele período sangrento.

1.2 As vítimas dos Crimes de Maio

O relatório do Centro de Arqueologia e Antropologia Forense da Universidade Federal de São Paulo (Caaf/Unifesp) trouxe também outros detalhes do perfil das vítimas. Das 564 pessoas mortas, considerando as informações disponíveis, 96% eram homens e mais de 80% eram jovens, com menos de 36 anos. Além disso, 70% delas haviam estudado até o Ensino Fundamental e apenas três tinham diploma universitário, o que pode indicar um perfil socioeconômico de baixa renda.

Outro aspecto que o relatório apresentou é o de que apenas 6% das vítimas apresentavam antecedentes criminais e concluiu que "os confrontos não aconteceram na tentativa de prender suspeitos conhecidos com mandado judicial, mas em combates com opositores, quase sempre desconhecidos." (Caaf/Unifesp, 2019, p.71).

A cor das vítimas também pode nos dar uma pista de mais um aspecto do perfil das pessoas assassinadas durante os Crimes de Maio: 43,79% eram pessoas brancas; 31,91% pardas; 9,04% pretas; 14,72% de cor desconhecida e 0,54% amarelas.

¹⁵ Segundo dados do site A Ponte. Disponível em <https://ponte.org/crimes-de-maio-de-2006-o-massacre-que-o-brasil-ignora/>. Último acesso em 01 mar. 2023.

¹⁶ Segundo o relatório final da Comissão Nacional da Verdade, foram 434 pessoas mortas e desaparecidas.

Com base nesses pontos levantados pelo relatório, é possível afirmar que o perfil das vítimas dos Crimes de Maio coincide com o perfil das vítimas de homicídios no Brasil¹⁷: pessoas jovens, do sexo masculino, de baixa renda e não brancas (Caaf/Unifesp, 2019, p.71). Em seu ensaio sobre Necropolítica, o filósofo camaronês Achille Mbembe nos sinaliza como os governos definem quais corpos merecem continuar vivos e quais não, sobretudo, a partir da "percepção da existência do Outro como um atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança". (Mbembe, 2018, p.19).

Edson Rogério da Silva dos Santos foi um desses jovens eliminados durante os Crimes de Maio. O gari esteve no Dia das Mães com a mãe Débora Maria da Silva, como ela relembra: "Além de ser Dia das Mães, também era meu aniversário, mas nunca poderia esperar que seria o último dia mais feliz da minha vida" (Mães de Maio, 2011, p.24).

Rogério foi passar a noite na casa em que eles haviam comprado e que estava em reforma, pois, no dia seguinte pretendia sair para trabalhar, a contragosto de Débora. O rapaz havia acabado de passar por uma cirurgia dentária e tinha, inclusive, um atestado médico, que o liberava do trabalho naquela data. O medo do jovem era o de ficar desempregado (Mães de Maio, 2011, p.24).

Débora ficou o dia sem notícias do filho, mas já sabendo que as situações nas ruas da cidade eram atípicas.

No dia seguinte, pela manhã, recebi um telefonema: um parente policial militar dizendo para que eu avisasse ao meu genro que tomasse cuidado, não ficasse marcando bobeira na rua, pois quem estivesse na rua seria considerado inimigo da polícia. "Avisar também para as pessoas de bem, não para 'lixo'". É assim que eles tratam os seres humanos... (Mães de Maio, 2011, p.25)

À noite, Rogério dirigiu-se à casa da mãe para buscar um remédio e foi advertido por Débora de que deveria ficar em casa, por conta dos ataques violentos que estavam acontecendo nas cidades da Baixada Santista. "A situação era desesperadora: parou ônibus, fecharam os comércios, pessoas assustadas nas ruas" (Mães de Maio, 2011, p.24). Ainda assim, Rogério partiu.

Na manhã do dia 15, Débora, que tinha o costume de escutar um programa policial matutino na rádio, ouviu o apresentador anunciar que havia acontecido uma matança na região em que ela morava, com 16 mortos. Logo depois, ele passou a ler os nomes dos executados

¹⁷ Em entrevista para a pesquisa, Débora Maria de Oliveira afirma acreditar que o fato do filho Edson ser negro e estar na periferia foi um fator determinante para sua morte.

que haviam sido identificados. O terceiro a ser lido foi o do filho Rogério. "Imagina uma Mãe receber a notícia da morte de seu filho pelo rádio!", relatou. (Mães de Maio, 2011, p.25).

No mesmo dia, a edição on-line do Estadão trazia a seguinte chamada: "Cidades da Baixada Santista voltam à rotina após ataques". Em um de seus trechos, a matéria¹⁸ assinada pela Redação detalhou o episódio.

Dezoito pessoas baleadas encontram-se internadas nesta terça na Santa Casa de Misericórdia de Santos. De acordo com a Polícia, os crimes não podem ser atribuídos ao PCC, já que a maior parte das vítimas não tem antecedentes criminais. Três pessoas foram assassinadas na noite de domingo nas ruas de Santos e de São Vicente. Marcos Rebello Filho, de 26 anos, e Jô Farias da Silva, de 22, foram baleados no bairro Areia Branca, enquanto Felipe Barbosa Bonfim, de 18, levou três tiros na cabeça, na madrugada de domingo, na Vila Fátima, em São Vicente. A Polícia ainda apura as causas dos três homicídios que, a princípio, não têm ligação com o PCC. (Redação, 2006)

O veículo ainda apontou que o dia 15 havia sido uma "segunda-feira atípica, marcada por muitos distúrbios, ônibus incendiados e toque de recolher" (Redação, 2006). Nessa segunda-feira atípica, aos 29 anos, faleceu Rogério. Ele trabalhava há seis anos como gari e deixava um filho de três anos de idade. Mas, no dia 16, segundo o jornal, a Baixada Santista voltava à rotina.

Quem não voltou à rotina no dia 16 foi Débora. Após a morte de Rogério, durante 40 dias, a dona de casa moradora de Santos não conseguiu ter nenhuma reação diante da barbárie e chegou a ser hospitalizada. Um dia, relatou sentir Rogério dizendo que ela deveria ser forte e levantar-se. Foi o que fez. Débora teve alta e, uma semana depois, partiu em busca de outras mães cujos filhos também tinham sido mortos durante aquele período sangrento. "Fui pra casa e, passando mais ou menos uma semana, fui à procura das outras mães que tinham perdido seus filhos também" (Mães de Maio, 2011, p.25).

A primeira foi Ednalva Santos, mãe do balconista Marcos Rebello Filho, de 26 anos. Ele foi morto no dia 14, data em que, segundo os relatórios do LAV-Uerj e do CAAF/Unifesp, ocorreu a maior parte dos homicídios, sobretudo, de civis. Marcos levou nove tiros à queima-roupa, quando saía de uma lan house com os amigos em Santos (Almeida, 2021).

Débora e Ednalva foram em busca de outra mãe: Vera Lúcia Freitas, mãe de Mateus Andrade de Freitas. O estudante, que também trabalhava como representante de vendas,

¹⁸ Disponível em <https://www.estadao.com.br/brasil/cidades-da-baixada-santista-voltam-a-rotina-apos-ataques/>. Último acesso em 04/03/2023.

estava em uma pizzaria com os amigos, quando foram alvejados por duas duplas de motoqueiros. Ele e o amigo Ricardo foram assassinados. "Acabaram-se naquele momento todos os sonhos de dois jovens e de suas famílias, em verem seus filhos estudados, realizados profissionalmente e de constituírem suas próprias famílias" (Mães de Maio, 2011, p.28). Mateus tinha 22 anos e foi executado no dia do aniversário de seu pai.

Na casa de Vera Freitas, Débora conheceu Vera Lúcia dos Santos, mãe de Ana Paula, que estava grávida e havia marcado o parto de sua filha para o dia 16 de maio de 2016. Ela foi morta um dia antes, aos 20 anos, ao lado do marido Eddie Joey de Oliveira Lavezaris, a caminho do mercado na vizinhança (Almeida, 2021). Ana Paula fora executada com cinco tiros, um deles na barriga.

Uma semelhança entre essas mortes é a de que todas foram cometidas por grupos de homens encapuzados. Ednalva chega a citar os Ninjas¹⁹, grupo de extermínio da Baixada Santista (Mães de Maio, 2011, p.27). "Comecei a investigar, a interrogar possíveis testemunhas, por conta própria, e todas elas afirmaram que tinham sido policiais por trás das toucas ninjas. Deixaram transparecer que eram bandidos de fardas policiais" (Mães de Maio, 2011, p.27). Vera Lúcia dos Santos também afirmou que os assassinos de sua filha, de sua neta e de seu genro estavam encapuzados. Ana Paula, inclusive, teria arrancado o capuz de um deles, o que pode ter motivado sua execução (Mães de Maio, 2019, p. 23).

Ao lado dessas três mulheres, Débora pretendia buscar justiça e, inclusive, utilizou como estratégia para convencer Ednalva, Vera Lúcia Freitas e Vera Lúcia dos Santos que elas poderiam ajudá-las nessa missão. Ela acredita que o fato de ter alguns conhecidos no meio policial poderia facilitar os trâmites (Mães de Maio, 2019, p. 23).

1.3 O nascimento do movimento em busca de respostas

Juntas, as quatro mães originaram o coração do que viria a tornar-se futuramente o movimento social Mães de Maio. Elas iniciaram sua missão, indo, em um primeiro momento, a delegacias da Baixada Santista, ao Ministério Público Estadual de São Paulo e em busca de autoridades procurando respostas sobre a morte de seus filhos.

¹⁹ Os Ninjas eram um grupo de policiais, conhecidos popularmente, que usavam motocicleta e capuz pretos. Eles são conhecidos como ninjas. Tanto o comando da Polícia Militar quanto o da Polícia Civil admitiram abertamente a participação destes policiais em assassinatos. Disponível em <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/vinganca-motivou-grupo-de-extermínio-no-litoral-imp/>. Último acesso em 27 de julho de 2023.

"Ninguém queria saber da nossa dor: delegacias, Ministério Público, vereadores... Ninguém.

Corríamos de um lado para o outro atrás de explicações: nossos filhos eram trabalhadores e estudantes. Eu sabia que a polícia tinha matado eles, alguém tinha que nos ajudar. Assim pensávamos, mas foi puro engano.

As autoridades falavam que quem tinha matado nossos filhos foi o PCC. Não podia aceitar, pois tinha recebido aquele telefonema e já tinha uma série de indícios" (Mães de Maio, 2011, p.25)

Sem resultados, elas decidiram ir à capital do estado não apenas em busca de justiça, mas também de outras mães que haviam perdido seus filhos durante aquele período. O primeiro lugar que visitaram foi a Ouvidoria de Polícia de São Paulo onde foram aconselhadas a irem até o Condepe (Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana de São Paulo) e que procurassem pela jornalista Rose Nogueira, que era presidente do órgão naquela ocasião. (Almeida, 2021). Lá, elas receberam das mãos de Rose o livro Crimes de Maio, o primeiro relatório publicado sobre os eventos ocorridos em maio de 2006. Nele, além de textos escritos por diversos pesquisadores e profissionais da área de segurança, havia uma lista com os nomes de todos os mortos levantados até então: 493 pessoas. Esse número ainda se ampliaria em novas pesquisas e relatórios.

Além de ex-presidente do Condepe, Rose Nogueira²⁰ tem uma longa história de militância. Em 1969, foi presa pelo regime ditatorial militar no Brasil, um mês após ter dado à luz seu filho, enquanto ainda se recuperava de complicações decorrentes do parto. Passou por dois meses de torturas e condições de higiene e alimentação precárias no Deops/SP e foi transferida para o Presídio Tiradentes, onde dividiu cela com mais de 50 mulheres, entre elas a ex-presidenta Dilma Rousseff. No total, passou nove meses encarcerada.

Rose integra desde 2000 o Grupo Tortura Nunca Mais de São Paulo. Enquanto esteve no Condepe, publicou o livro Crimes de Maio e foi uma das colaboradoras da Comissão Nacional da Verdade, contribuindo para a investigação dos crimes da ditadura militar pela Comissão da Verdade, Memória e Justiça dos Jornalistas.

No encontro com Débora, Rose perguntou à dona de casa se ela conhecia a luta das mães da Argentina, referindo-se às Madres de La Plaza de Mayo, grupo organizado formado por mães argentinas. Diante da negativa de Débora, Rose explicou que se tratava de um grupo de mães que lutavam por seus filhos desaparecidos. A jornalista completou, aconselhando: "se a senhora não lutar e não se organizar, e não juntar as outras mães, não vai acontecer nada".

²⁰ Informações encontradas no site oficial Memórias da Ditadura. Disponível em <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/rose-nogueira/>. Último acesso em 04/03/2023.

Foi nesse encontro que, segundo Débora, se fortaleceu de maneira definitiva a intenção de buscar justiça por ela e pelas outras mães (Não Saia Hoje, 2016).

A primeira manifestação pública daquele grupo de mães que, até o momento se intitulava Mães da Baixada, foi quando os Crimes de Maio completaram um ano, em maio de 2007, em uma missa em homenagem aos mortos na Paróquia Santa Margarida Maria, em Santos. O jornal A Tribuna²¹ cobriu o ato.

Trezentos e sessenta e cinco botões de rosas vermelhas distribuídos na noite de ontem, durante a manifestação pelos assassinatos de jovens da região em maio de 2006, simboliza a indignação das famílias e vítimas diante da ausência de respostas sobre os crimes, que completaram um ano. (Honorato, 2007)

Os presentes vestiam camisetas estampadas com as fotos das vítimas e um laço da cor preta preso a suas roupas. Ao fim da celebração, em uma caminhada silenciosa, eles foram até o Cemitério da Água Branca, onde grande parte das vítimas estava enterrada, empunhando cartazes com pedidos de justiça e desabafos (Honorato, 2007).

Na ocasião, Débora Maria da Silva já liderava o grupo de mães e, na reportagem de Honorato, explicou que a Organização Mães da Baixada contava com dez mulheres e que o objetivo era atrair ainda mais pessoas e promover mais eventos. Ela ainda salientou que atos como aquele eram necessários para chamar a atenção da mídia para a apuração dos Crimes de Maio.

É importante lembrarmos que os Crimes de Maio vitimaram pessoas de todo o estado de São Paulo, não apenas da Baixada Santista e, com a atuação de Débora e suas companheiras tornando-se cada vez mais abrangente, elas passaram a abraçar o nome de Mães de Maio, em uma espécie de rede que contempla outras mães que também buscam por justiça por seus filhos.

Mães de Maio não foi o primeiro movimento de mães a lutar contra a violência de estado no Brasil. Na década de 1990, no Rio de Janeiro, surgiu o movimento Mães de Acari, "um grupo de mulheres que, ao que tudo indica, tiveram seus filhos assassinados pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro no dia 26 de julho de 1990, os quais até hoje estão desaparecidos" (Soares, 2021). O movimento surgiu após a chacina que ocorreu em Magé, um município da Baixada Fluminense. Na ocasião, 11 jovens negros que moravam na Favela de Acari e em seu entorno foram assassinados por um grupo de extermínio composto por

²¹ Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/153931_05/144375. Último acesso em 03/03/2023.

policiais militares. Seus corpos foram depositados clandestinamente em alguns pontos da cidade de Magé, segundo as investigações oficiais policiais e também algumas realizadas de maneira paralela pelas mães das vítimas. Desde o ocorrido, segundo a jornalista Leda Antunes, em reportagem²² para a edição on-line de O Globo, elas buscam por justiça e pela punição dos responsáveis.

Apesar de o caso ter sido arquivado por falta de provas, elas criaram uma articulação até então inédita e que influencia até hoje a forma como mães que também perderam seus filhos para a violência cometida por agentes do Estado lutam por Justiça.

(...)

Sem respostas para o paradeiro de seus filhos, as Mães de Acari cobraram as instituições e investigaram o caso por conta própria, levando suas denúncias para outros fóruns e organizações no Brasil e em outros países — elas chegaram a ser recebidas pela primeira-dama da França, Danielle Mitterrand. A metodologia de atuação criada por elas se repete até hoje quando familiares de vítimas de violência do Estado buscam esclarecimentos e Justiça. (Antunes, 2020)

Outro movimento de mães, também da década de 1990, é o "Movimento Candelária Nunca Mais", que nasceu da articulação de militantes e da sociedade civil. Ele nasceu após a Chacina da Candelária, quando oito crianças e adolescentes foram executados por policiais militares enquanto dormiam em frente à Igreja da Candelária, no dia 23 de julho de 1993. Todos os anos, nesta data, as mães das vítimas realizam uma vigília seguida de ato ecumênico e uma passeata pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, para que o episódio seja sempre lembrado. As ativistas reivindicam "políticas públicas efetivas e de qualidade para que se encerre o ciclo de violência que vitima a juventude negra, pobre e periférica neste país". (Antunes, 2020)

No primeiro livro publicado pelo Movimento Mães de Maio, em 2011, as próprias mães deixam claro que se constituem também como uma rede.

O movimento Mães de Maio é uma rede de Mães, Familiares e Amig@s de vítimas da violência do Estado Brasileiro (principalmente da Polícia), formado aqui no estado de São Paulo a partir dos famigerados Crimes de Maio de 2006. Foi a partir da Dor e do Luto gerado pela perda de noss@s filh@s, familiares e amig@s que nos encontramos, nos reunimos e passamos a caminhar juntas. (Mães de Maio, 2011, p. 20)

Além desse reconhecimento como sendo uma rede, que engloba tantos indivíduos contra a violência, Débora e Danilo citam também que a luta tem raízes ainda mais profundas,

²² Disponível em

<https://oglobo.globo.com/celina/maes-de-acari-inspiram-luta-por-justica-30-anos-apos-chacina-24584840>.

Último acesso em 08/03/2023.

o que eles apontam como uma "longa tradição de resistência popular" (Dara; Silva, 2015, p.95), fazendo "uma retomada histórica que data desde o momento em que o primeiro indígena foi massacrado nestas terras, ou que o primeiro africano foi sequestrado do outro lado do Atlântico Negro"; e apontam que o movimento Mães de Maio se situa também contra "este longo genocídio negro, indígena e popular, contra a classe trabalhadora destas terras, genocídio cuja escala só aumentou e as técnicas apenas se aprimoraram no Brasil pós-ditatorial." (Dara; Silva, 2015, p.95).

1.4 Ecos da América do Sul: as Madres de la Plaza de Mayo

Ainda que, em um primeiro momento, Débora desconhecesse as Madres de La Plaza de Mayo, o movimento argentino acabou se tornando uma grande inspiração para o Mães de Maio da Baixada Santista e, mais do que isso, elas se tornaram companheiras em uma luta por justiça social em terras sul americanas.

As Madres de La Plaza de Mayo ou Mães da Praça de Maio, em português, são uma associação argentina nascida durante a ditadura militar argentina, que ocorreu entre 1976 e 1986, em busca de respostas sobre o paradeiro de seus filhos desaparecidos durante o período.

Essas mulheres se organizaram e passaram a se reunir a partir de 30 de abril de 1977, na Praça de Maio, a mais importante e histórica de Buenos Aires, palco de grandes manifestações políticas e localizada em frente à Casa Rosada, a sede do governo argentino. "Bem em frente à janela do ditador, ocuparam a praça pública, o local das grandes manifestações políticas (Gonçalves, 2012). Naquela época, entendiam pouco ou praticamente nada sobre política, mas tinham a intenção de entregar uma carta ao General Jorge Videla, que esteve no poder entre 1976 e 1981 e foi autor do golpe militar que, em março de 1976, derrubou a presidente civil Isabelita Perón. Videla era a figura à frente de um regime que mataria mais de 10 mil civis, segundo a Comissão Nacional de Pessoas Desaparecidas (Palacios, 2018). O objetivo era saber do paradeiro de seus filhos desaparecidos, ainda na esperança de que eles estivessem vivos. Videla e os militares não as atenderam.

Elas passaram a ser perseguidas pelo regime e intimidadas pela pressão e pelo terror de Estado. Mas não recuaram, continuavam circulando pela Praça de Maio com cartazes e fotos em busca de seus filhos desaparecidos. Multiplicaram-se rapidamente e o grupo inicial de 14 mulheres; chegou a 200. (Gonçalves, 2012).

No mês de outubro de 1977, decidiram se unir a uma manifestação em Luján, uma cidade que fica a mais de 70 quilômetros da Praça de Maio, coração de Buenos Aires. A expectativa era de que mais de um milhão de pessoas se encontrassem para protestar contra a ditadura. Com tamanha multidão, para que elas pudessem se reconhecer, decidiram usar lenços nas cabeças da cor branca, remetendo às fraldas de pano com as quais haviam embalado seus netos (Ciancanglini, 2022). Surgia assim a imagem que sempre seria associada a esse grupo de mães.

A perseguição a essas mulheres passou a se tornar mais pesada. "Em dezembro do mesmo ano, começaram os sequestros e desaparecimentos de Madres e de seus parentes e amigos. Uma das primeiras protagonistas do movimento, a Azucena²³, mulher com nome de flor, desaparecia para nunca mais voltar". (Gonçalves, 2012)

Além de Azucena, também foram sequestradas outras duas ativistas importantes para o movimento. Sem elas, as Madres chegavam ao impasse de seguir ou desistir de sua luta. Decidiram ir em frente, não só pelos seus filhos e filhas, mas também por suas companheiras (Ciancanglini, 2022); além disso, passaram a defender as causas que os filhos desaparecidos consideravam importantes. Em 10 de dezembro de 1981, organizaram a Marcha da Resistência. A data foi escolhida em alusão ao Dia Internacional dos Direitos Humanos e também pelo aniversário de desaparecimento de Azucena (Gorini, 2006, p. 414). O local foi o de sempre, a Praça de Maio. Somaram-se ao movimento diversas organizações argentinas que lutavam para denunciar os horrores da ditadura. Em um comunicado emitido pelas Madres no jornal *El Clarín*, elas convocavam ao povo e às Organizações Trabalhadoras, Estudantis, Profissionais e Políticas a comparecer ao local às 15h30 daquela quinta-feira e reforçaram que a manifestação se estenderia por 24 horas, marchando em torno da Pirâmide que fica no centro da praça, o que seria um grande desafio ao grupo, que era composto por muitas mulheres, muitas delas já em idade avançada.

Quando as Mães lançaram sua primeira Marcha da Resistência, imaginaram, sobretudo, concretizar uma iniciativa que demandasse um esforço particular, especialmente físico. Permanecer, por exemplo, 24 horas seguidas na Plaza de Mayo. Sim, essas velhas loucas iriam demonstrar o que eram capazes de fazer como expressão de entrega e compromisso com a vida de seus filhos. Novamente, como mães, colocavam seus corpos, cada vez mais, como se tudo o que tivessem feito até o momento não fosse suficiente. (Gorini, 2006, p. 415)²⁴

²³ Azucena Villafior foi uma das fundadoras do movimento das Madres de La Plaza de Mayo. Seu filho Néstor e a namorada foram sequestrados pelas forças militares argentinas no dia 30 de novembro de 1976.

²⁴ Traduzimos do espanhol para o português. O texto original é: Cuando las Madres lanzaron su primera Marcha de la Resistencia imaginaron sobre todo concretar una iniciativa que importara un esfuerzo particular,

De fato, não foi fácil resistir às 24 horas. O clima era hostil, a polícia pressionava os manifestantes e uma chuva intensa caiu sobre os manifestantes, que circulavam em marcha. Chegaram até a apagar todas as luzes da Praça para tentar assustar as Madres e dissuadi-las da ideia de permanecerem ali. Com a chegada da manhã, mais e mais manifestantes se juntaram às Mães e, ao completarem-se as 24 horas, a marcha parou de girar em torno do monumento e se enfileirou na avenida de Mayo até a avenida 9 de Julho, dois grandes eixos do centro histórico portenho e onde se concentram prédios importantes da Administração Pública. Durante a passeata, os manifestantes empunhavam cartazes que perguntavam sobre os desaparecidos e apresentavam protestos pelo fim da ditadura e pela liberdade (Gorini, 2006, p. 416).

Gorini explica que aquele esforço físico teve um significado político muito poderoso, pois mostrava às Forças Armadas e ao regime militar que as Madres resistiriam e não deixariam de protestar em busca de respostas sobre seus filhos.

Esse encontro das Mães com a palavra "resistência" marca a culminação de um ciclo em seu desenvolvimento como movimento social: é o momento de autoconsciência da passagem já sem retorno da casa para a Praça, e, sobretudo, a passagem da busca pelos filhos para a apropriação das ideias e bandeiras dos filhos (Gorini, 2006, p.418)²⁵

As Mães da Praça de Maio mantiveram-se firmes em seu propósito durante todo o período da ditadura militar, protestando e chamando a atenção da mídia. Com o passar dos anos, foram também envelhecendo e ficando conhecidas como as Abuelas, ou seja, as Avós da Praça de Maio.

Em novembro de 2022, Hebe de Bonafini, uma das fundadoras do grupo e que estava à frente do movimento desde a década de 1970, faleceu, mas o grupo mantém-se ativo até hoje e sua principal missão, que era a de descobrir o paradeiro ou encontrar os mortos ou desaparecidos, continuou sendo cumprida.

especialmente físico. Permanecer, por ejemplo, 24 horas seguidas en la Plaza de Mayo. Sí, esas viejas locas iban a demostrar lo que eran capaces de hacer como expresión de entrega y compromiso con la vida de sus hijos. De nuevo, como madres, ponían el cuerpo, más y más, como si no hubiese sido suficiente todo lo que habían hecho hasta el momento.

²⁵ Traduzimos do espanhol para o português. O texto original é: Ese encuentro de las Madres con la palabra "resistencia" señala la culminación de un ciclo en su desarrollo como movimiento social: es el momento de autoconsciencia del pasaje ya sin retorno de la casa a la Plaza, y sobre todo, el pasaje de la búsqueda de los hijos a la apropiación de las ideas y banderas de los hijos.

Há anos, elas buscam também o que chamam de "seus netos". Em 3 de novembro de 1995, nasceu o grupo H.I.J.O.S. Um de seus objetivos era buscar a restituição de identidades de irmãos e familiares sequestrados pela ditadura. Muitos deles foram separados de seus pais (militantes desaparecidos ou mortos durante a ditadura) e entregues para adoção a outras famílias. Elas estimam que cerca de 500 bebês tenham sido roubados pela ditadura. (Lorenzo, 2019). Em julho de 2023, elas conseguiram restituir a identidade do neto número 133.

Atualmente, as Madres são uma organização que tomou grande proporção e que se utiliza dos mais diversos meios para alcançar o público e se comunicar com a população. Mais à frente, nesta pesquisa, abordaremos sobre suas práticas comunicacionais. É importante lembrar que elas foram pioneiras na América Latina na militância contra violações de direitos humanos e seu legado permanece. Sua atuação foi se amplificando e hoje elas lutam não só pelos direitos humanos, políticos e civis dos argentinos, mas também de indivíduos de outros países da América Latina.

A triste coincidência de lutarem por justiça em meio ao luto de seus filhos e pelo mês de maio em seus nomes podem trazer mais semelhanças com o movimento Mães de Maio do Brasil do que se imagina.

Também essas mães eram inconvenientes, intransigentes, insuportáveis. E, por isso, eram chamadas de "las locas de la plaza de Mayo". Mas elas mudaram a história. E é isso o que Débora também quer em sua incansável militância diária. (Capriglione, 2015, p.66)

Já dissemos aqui que as mães da Argentina foram uma inspiração para o movimento das mães do Brasil, mas, mais do que isso, sua ligação transformou-se em laços de amizade e cumplicidade visíveis. Débora Maria esteve com Nora Cortiñas, uma das fundadoras das Madres de La Plaza de Mayo, na conferência Rio+20, ocorrida em 2012.

Figura 1 - Nora Cortiñas, cofundadora do movimento Madres de La Plaza de Mayo, ao lado de Débora Maria da Silva, fundadora do Movimento Mães de Maio e outra integrante do movimento.



Fonte: acervo Movimento Mães de Maio.

Há inclusive uma carta aberta, enviada pelo Mães de Maio ao Madres, quando uma de suas integrantes, Nora Centeno, fora assaltada e agredida até quase ficar desfigurada na cidade de La Plata, na Argentina. Ela relatou que foi atacada após ter revelado que fazia parte do movimento das Mães da Praça de Maio. Aqui reproduzimos a carta²⁶ na íntegra, na qual elas se apresentam como movimento, firmam um compromisso na busca de uma sociedade mais justa e também prestam sua solidariedade.

São Paulo, 15 de Março de 2012

Queridas Madres e Abuelas de La Plaza de Mayo,

É com extrema preocupação e, ao mesmo tempo, em irrestrita solidariedade que, do Brasil, lhes escrevemos esta mensagem. Acabamos de receber a notícia de que uma das fundadoras do movimento, a companheira Nora Centeno (foto), foi violentamente agredida e torturada em sua própria casa, na presença de familiares, na manhã da quinta-feira, 15 de março, por razões ainda desconhecidas.

Considerando intoleráveis esses bárbaros e sinistros acontecimentos, registramos nossa indignação e nos colocamos lado a lado da companheira Nora, sua família, sua luta histórica, e de todo o movimento das Madres e Abuelas. Mais que um patrimônio do povo argentino, consideramos Nora e esses movimentos, um patrimônio da nossa América Latina e

²⁶ Disponível em

<https://fpabramo.org.br/2012/03/19/carta-das-maes-de-maio-do-brasil-as-madres-e-abuelas-da-plaza-de-mayo/>.

Último acesso em 08 mar. 2023.

de toda a humanidade, na luta pela verdade e justiça sem fronteiras. É, portanto, a partir deste nosso entendimento, que nos juntamos a vocês para exigir das autoridades competentes, o completo esclarecimento sobre mais esta violência, suas motivações e o indiciamento e punição em termos da lei dos responsáveis diretos e indiretos (se os houver) por tamanha barbárie.

Inspiradas também por vocês, nós constituímos em nosso país o movimento das Mães de Maio da Democracia Brasileira. Talvez vocês ainda não nos conheçam: somos um movimento relativamente recente, formado por Mães, Familiares e Amig@s de vítimas do Estado Brasileiro, criado a partir dos Crimes de Maio de 2006.

Nosso país, como a Argentina, também viveu uma longa ditadura civil-militar, de 1964 até 1988 – quando foi proclamada uma nova Constituição por aqui. No entanto, o novo Estado Democrático constituído, por não haver esclarecido os crimes cometidos no regime anterior, e não haver, portanto, julgado e punido seus responsáveis, mantém agentes estatais (sobretudo no poder Executivo e Judiciário, e suas respectivas polícias) que continuam a promover o terror contra os nossos trabalhadores e os mais pobres, principalmente nos bairros populares e das periferias das grandes cidades, em especial contra a nossa juventude pobre e negra. Para vocês terem uma ideia da dimensão dessa violência sistemática vivida por nós, a média anual brasileira de homicídios gira em torno de 47 a 50 mil assassinatos por ano, ao longo de toda a última década, deixando o Brasil no topo do ranking dos países com o maior número de homicídios em todo o planeta, segundo a ONU. Ou seja, nas últimas 3 décadas de “transição democrática”, já contabilizamos cerca de 1 Milhão de assassinatos, conforme assume o próprio Ministério da Justiça em nosso país ao divulgar o seu “Mapa da Violência 2012”. A grande maioria desses assassinatos é realizada por agentes do próprio Estado, ou grupos paramilitares e de extermínio, ligados a ele e/ou aos grandes proprietários, o que configura um estado de sítio continuado e permanente, pelo menos contra os trabalhadores de menor renda e o povo pobre das cidades e do campo, em plena “democracia plena”.

Nosso movimento é fruto e resposta a essa barbárie, e a ele demos o nome de “Mães de Maio”: durante o mês de maio de 2006, no estado de São Paulo (o mais rico do nosso país) ocorreu o maior dos massacres destes mais de 20 anos de “democracia plena” – uma democracia plena de chacinas. Numa série de ataques contra a população das periferias das grandes cidades de São Paulo, agentes policiais e paramilitares ligados a grupos de extermínio mataram mais de 560 pessoas durante apenas 8 dias (de 12 a 20 de Maio de 2006). Um verdadeiro massacre que tirou a vida de muitos dos nossos filhos, e que passamos a chamar de “Crimes de Maio de 2006”.

A triste coincidência entre o mês de Maio que vitimou nossos filhos, e a “Plaza de Mayo” – que dá nome ao movimento de vocês na Argentina, bem como toda a referência histórica que o movimento de vocês significa para todas nós na luta pelo direito à Memória, à Verdade e à Justiça, e na luta por uma Verdadeira Democracia, fez com que escolhêssemos chamar ao nosso movimento de Mães de Maio da Democracia Brasileira. Mas não se trata apenas de um nome, ou de um recurso de propaganda e marketing. Trata-se de um compromisso. O compromisso de buscar e praticar o exercício cotidiano da solidariedade com as lutas históricas da classe trabalhadora, dentre as quais a resistência contra todas as ditaduras civis-militares no Cone Sul – o que consideramos absolutamente fundamental. Nós das Mães de Maio sempre fomos, e continuaremos a ser, solidárias à luta de tod@s @s perseguid@s, pres@s polític@s e assassinad@s pelos Estados latino-americanos, desde os povos originários massacrados, @s african@s sequestrad@s para o nosso continente na condição de trabalhador@s escravizad@s, os camponeses e camponesas expulsas de suas terras e assassinad@s, @s operári@s explorad@s, as vítimas e parentes de pres@s e perseguid@s políticos das ditaduras civis-militares, e a@s milhares de pres@s polític@s atuais de nossos países, em sua maioria de origem afro-indígena e pobre, das periferias e dos movimentos sociais.

Estamos convencidas de que é o sepultamento da Memória, a não-revelação da Verdade e a falta de verdadeiros processos de Justiça contra as violências históricas dos

Estados contra seus cidadãos e cidadãs – estas negações de direitos – que estão na origem da continuidade da violência e do terror do Estado, mesmo em tempos de “democracias plenas”. Enquanto não se tiver a coragem de enfrentar todo o poder econômico, político e militar que faz questão de perpetuar, em cada um de nossos países, a violência das elites e seus respectivos aparatos estatais contra a maioria de nossas populações, para nós de nada significará a utilização dessa palavra “democracia”, a não ser como forma de engodo.

A barbárie desencadeada nesta quinta-feira (15/03) contra a companheira Nora Centeno, longe de nos intimidar, nos torna ainda mais alertas e solidári@s, e aumenta a nossa disposição de nos juntarmos a vocês em mais esta jornada.

As notícias que temos são de que – em termos da Justiça de Transição para a Democracia – o avanço das conquistas na Argentina são bem maiores que o que temos conseguido em nosso país. Sem dúvida, são notícias que procedem – enfim, vocês já conseguiram levar às barras dos tribunais, julgar e condenar generais e até chefes de Governo e Estado do período da ditadura. Isto nos dava, portanto, algum alento frente ao que aí se passava. No entanto, a recente violência contra Nora Centeno, nos deixa preocupad@s e em estado de alerta.

A violência cometida contra Nora Centeno é um alarme para que sigamos mais próxim@s e mais solidári@s uns aos outros – trabalhadores e povos latino-americanos – atentos a qualquer tipo de continuidade ou de reação dos fascistas de plantão, que seguem vivos e atuantes em cada um de nossos “estados democratizados”, muitas vezes travestidos na pele de “gestores progressistas”. Não foi em nome de “democracias” que considerassem “normais” este tipo de violência cometida hoje contra Nora aí na Argentina, e praticada cotidianamente contra jovens pobres e negros aqui no Brasil, que lutaram todos os nossos netos ou filhos assassinados, tampouco é por esta “democracia” que nós Mães e Avós seguimos lutando!

*Força a todas vocês, companheiras! Sigamos atent@s e solidári@s!
Abraço carinhoso e especial à companheira Nora Centeno e toda sua família!
Pelo Direito à Memória, à Verdade e à Justiça! Ontem e Hoje! Aqui e aí!
A Luta por Liberdade não tem fronteiras no Tempo e no Espaço!*

Mães de Maio da Democracia Brasileira

Nora faleceu em 30 de maio de 2024 e manteve-se ativa à frente do Madres de La Plaza de Mayo até os últimos dias de sua vida.

Nora Cortiñas não é uma só: é a mãe que grita em frente às câmeras, a que usa o lenço branco na cabeça, a que leva o lenço verde no pulso, a que joga bola, a que sobe em uma moto, a que anda com sua bengala com flores ou a que se deixa conduzir em uma cadeira de rodas. É a mulher que foi até seus últimos dias à Praça de Maio – aquele lugar em que chegou em maio de 1977 com a esperança de recuperar seu filho sequestrado pela ditadura. Nora Cortiñas, que morreu nesta quinta-feira aos 94 anos, é eterna na memória do povo argentino que luta pela verdade e justiça. (Bertoia, 2024)²⁷

²⁷ Traduzido pela pesquisadora do Espanhol para o Português. O texto original é: Nora Cortiñas no es una sola: es la madre que grita frente a las cámaras, la que lleva el pañuelo blanco en la cabeza, la que porta el pañuelo verde en la muñeca, la que juega a la pelota, la que se sube a una moto, la que anda con su bastón con flores o la que se deja conducir en una silla de ruedas. Es la mujer que fue hasta sus últimos días a la Plaza de Mayo —a ese lugar en el que recaló en mayo de 1977 con la esperanza de recuperar a su hijo secuestrado por la dictadura—. Nora Cortiñas, que murió este jueves a los 94 años, es eterna en la memoria del pueblo argentino que quiere verdad y justicia.

A ativista nunca soube o que o Estado fez com o filho Carlos Gustavo, mas é importante lembrar que o Madres, em quase 47 anos de mobilizações, conseguiu encontrar o paradeiro de mais de 130 "netos" desaparecidos (algumas vítimas da ditadura estavam grávidas quando desapareceram e algumas famílias com crianças pequenas foram separadas também durante o período ditatorial).

A justiça que elas tanto esperavam foi chegando aos poucos e nem sempre como vitórias definitivas. Em 1985, os líderes militares que orquestraram e executaram diversos dos horrores da ditadura foram condenados à prisão perpétua. Porém, na década de 1990, o presidente Carlos Menem os indultou (Rocha, 2011, p. 95).

As Madres e outros grupos que lutavam por Direitos Humanos começaram a ver resultados apenas com o governo de Néstor Kirchner, eleito em 2003. Foi ele que anulou leis como a de Ponto Final²⁸, que travavam os julgamentos.

Como resultado, 486 ex-militares e ex-policiais, entre eles dois dois tres presidentes-militares, Jorge Videla e Reynaldo Bignone, foram processados pelos crimes de tortura, sequestros e homicídios durante a ditadura e julgados por tribunais civis, não militares.

Não existe, desde o julgamento dos Nazistas no fim da Segunda Guerra, nenhum outro país que, após viver uma situação de terrorismo estatal, conseguiu prender e julgar os algozes com suas próprias leis e em tribunais do Estado, sem ter que recorrer a tribunais especiais ou de exceção. (Rocha, 2011, p.96)

Esses processos se iniciaram em 2006, mesmo ano dos Crimes de Maio, em São Paulo. Ao contrário das mães da Argentina que conseguiram resultados, ainda que parciais, as mães brasileiras não avançaram em suas reivindicações. Em entrevista ao site A Ponte²⁹, Débora afirmou que os Crimes de Maio foram um crime contra a humanidade, significando um dos maiores massacres da história contemporânea e destacou: “Esses crimes representam a negação dos corpos da maioria pobre, de moradores de favela, é uma afronta à nossa Constituição praticada pelo Estado de São Paulo, que não foi punido”.

Além dos julgamentos, tanto o governo de Néstor Kirchner (2003-2007) quanto o de Cristina Kirchner (2007-2015) criaram diversos monumentos permanentes de memória. A Escola Superior de Mecânica da Armada (ESMA)³⁰, um dos lugares onde ocorriam detenções

²⁸ A Lei do Ponto Final, de 1986, estabelecia um prazo-limite (de 60 dias a partir daquela data) para a apresentação de novas causas contra envolvidos na repressão. Além disso, foi sancionada em 1987, a Lei de Obediência Devida, que isentou de culpa os oficiais subalternos, com base no fato de que, supostamente, estariam cumprindo ordens.

²⁹ Disponível em <https://ponte.org/crimes-de-maio-de-2006-o-massacre-que-o-brasil-ignora/>. Último acesso em 20 jun. 2024.

³⁰ Hoje, chama-se Escola de Mecânica da Armada.

e torturas e para onde as presas grávidas eram levadas para dar à luz, foi transformado no Museu de Memória e Defesa dos Direitos Humanos. Um parque também foi inaugurado, às margens do rio da Prata, em cujas águas foram arremessadas de aviões milhares de pessoas sequestradas pelo regime, nos chamados Voos da Morte.³¹ No local, em um monumento, estão inscritos mais de 9 mil nomes de mortos e desaparecidos. As ruas do bairro de Porto Madero, em Buenos Aires, homenageiam mulheres argentinas históricas e uma de suas avenidas leva o nome de Azucena Villaflor.

No livro *Do Luto à Luta* Mães de Maio, a jornalista inglesa Jan Rocha lembra que os mortos e desaparecidos argentinos nunca serão esquecidos e que essa pode ser uma diferença crucial entre as Mães de Maio e as Madres da Plaza de Mayo. "Talvez a impunidade seja a maior diferença entre o Brasil e a Argentina" e ressalta que o que une essas mães "é a dor da perda dos filhos e a coragem na luta por justiça. Apesar das mentiras, das pressões e das ameaças, nunca desistiram de buscar a verdade" (Rocha, 2011, p. 97).

1.5 Criminalização das mães

Assim como as integrantes do Mães da Praça de Maio foram perseguidas pela ditadura militar e chamadas de loucas pelo governo argentino, que insistia que elas buscavam por pessoas que não estavam em lugar algum³² (Ciacanglini, 2020), também as brasileiras do Mães de Maio passaram por um processo de descredibilização de sua atuação.

O enfrentamento passou a ser tão forte que as Mães começaram a ser vítimas do mesmo sistema que matou nossos filhos. Esse sistema se chama Estado, que se considera gigante e é autoritário, mas eu tenho uma certeza: mais gigantes somos nós, as Mães de Maio, que jamais iremos nos curvar perante essa tamanha barbárie que fizeram com nossos filhos, pois vivemos em um Estado dito democrático de direito que camufla uma verdadeira ditadura continuada, operando livremente, assolando lares de famílias periféricas, sem direito à justiça, à verdade e à liberdade. (Mães de Maio, 2011, p.26)

A primeira a ser confrontada foi Ednalva Santos, uma das fundadoras do movimento. Em 2007, policiais foram até seu estabelecimento, onde ela vendia lanches e marmitas, para ameaçá-la por divulgar à imprensa casos de violência por parte do Estado. Confrontada, ela respondeu que os denunciaria à Corregedoria da Polícia Militar. No dia seguinte, agentes da

³¹ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56969227>. Último acesso em 08 mar. 2023.

³² No texto original, o autor diz: "(...) les contestaron que eran unas mujeres trastornadas, unas Madres Locas que andaban buscando a gente que no estaba en ningún lado". Disponível em <https://lavaca.org/notas/la-historia-de-las-madres-de-plaza-de-mayo-erase-una-vez-catorce-mujeres/>. Último acesso em 28 jul. 2023.

Polícia Civil compareceram ao local e afirmaram ter descoberto ali uma sacola contendo drogas. Ednalva ficou detida por oito dias, mas foi inocentada da acusação.

(...) por conta de nossa luta toda ao longo desses anos, já cheguei a parar até na cadeia, acusada de tráfico de drogas, enquadrada por policiais, que forjaram esta acusação pois queriam e querem que eu pare de falar que foram eles que mataram meu filho. Mas o Ministério Público e uma série de testemunhas conseguiram provar que eu era inocente. (Mães de Maio, 2011, p. 27)

Em novembro de 2015, Débora Maria da Silva denunciou, durante audiência pública com vítimas de violência policial na Câmara Municipal de São Paulo, a criminalização do movimento. Ela revelou que, em um vídeo³³, gravado durante uma audiência em Cubatão, a ex-promotora do Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco) Ana Maria Frigério Molinari acusara as mães do movimento de estarem envolvidas com o tráfico de drogas.

Sem mostrar provas, a promotora afirma que, quando atuava no Gaeco, havia recebido a informação de que o grupo de direitos humanos seria formado por mães de traficantes, que, após a morte de seus filhos, em maio de 2006, teriam passado a gerenciar pontos de venda de drogas, com o apoio da facção criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital). (Gonzo, 2015)

Em um momento, ela afirmou que “Algumas dessas pessoas faleceram nos Crimes de Maio e os direitos [de gerenciar biqueiras³⁴] são transmitidos aos familiares, que, por vezes, gerenciam ou até mesmo arrendam os pontos de tráfico de drogas”. Além disso, ela relatou que as Mães de Maio teriam adotado a prática de denunciar “policiais que efetivamente combatiam o tráfico de drogas”.

As falas de Molinari teriam repercussão em outros momentos contra integrantes do movimento Mães de Maio. No final de 2015, Maria Goreti Rodinick Marques, então com 60 anos, foi ameaçada pelo cabo da Polícia Militar André Ferreira da Silva, que prometeu “mandá-la para a cadeia por tráfico de drogas”. Ela estava saindo do shopping quando fora abordada por André, que estava fardado dentro de um carro da polícia militar. Ele se aproximou e disse que a idosa “estava presa por ser dona de uma biqueira e mal sabia o que viria pela frente”. Uma das cofundadoras do Mães de Maio, Vera Lucia dos Santos, também passou por situação semelhante e chegou a ser presa. Mais à frente, voltaremos nesta pesquisa, a falar como isso afetou sua vida de forma violenta.

³³ Esse vídeo foi postado originalmente pelo site A Ponte, que teve de tirá-lo no ar por decisão judicial. Ele está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XW0HYcmUqpc>. Último acesso em 08 mar. 2023.

³⁴ Biqueiras são como são conhecidos os pontos de venda de drogas nas periferias.

Mas não foi só contra o movimento Mães de Maio que as falas de Molinari foram utilizadas. Outros grupos de mães que lutavam por filhos que haviam sido assassinados por policiais militares também foram alvo de opressão.

Em um dos julgamentos da Chacina de Osasco e Barueri³⁵, em 2021, no qual dois dos quatro agentes de Estado acusados foram ao Tribunal do Júri, uma das estratégias da defesa foi utilizar o vídeo de Molinari para tentar desacreditar o movimento Mães de Osasco, comparando-o ao que a ex-promotora disse sobre o movimento Mães de Maio. Além disso, foram anexadas 122 páginas de prints de postagens publicadas em uma rede social por Zilda Maria de Paula, líder do movimento, que perdera o filho Fernando Luiz de Paula durante a chacina. Os agentes de Estado acabaram sendo inocentados. Em julgamento anterior, outros dois policiais haviam recebido penas superiores a 500 anos de prisão pelas mortes em Osasco.

Figura 2 - Dona Zilda Maria de Paula, uma das fundadoras das Mães de Osasco.



Fonte: Agência Pavoio/ Autor: Caio Castor

1.6 Luto para quem: sobre o direito ao sofrimento e à justiça

Além da perseguição policial, as Mães de Maio também precisaram lutar para vivenciar o luto, o mesmo que funcionou - e funciona - como energia para que o movimento tome forma. Viver o luto de vítimas de uma chacina como os Crimes de Maio, no entanto,

³⁵ A chacina de Osasco e Barueri, municípios da região metropolitana de São Paulo, vitimou jovens periféricos, vítimas de agente do Estado encapuzados, dias depois que um guarda civil municipal (GCM) foi morto na região. Não existe uma contagem oficial de mortos até hoje, mas especulam-se 28 vítimas. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2022/08/13/com-maes-em-luta-contr-a-violencia-que-se-repete-chacina-de-osasco-e-barueri-completa-7-anos>. Último acesso em 04 mar. 2023.

pode ter camadas mais profundas. O filósofo e psicanalista Fábio Luís Franco aborda sobre o conceito de negrogovernamentalidade, destacando que ele "ao gerir os corpos, gere as subjetividades, definindo quais mortes poderão ser pranteadas na sociedade e quais desaparecerão sem deixar qualquer rastro" (Franco, 2021, p.19). Para falar sobre isso, Franco se apoia no conceito de necropolítica de Achille Mbembe, que explica que a soberania de um governo ou regime está, sobretudo, no poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. O poder está, inclusive, em impedir que certas vidas sejam dignas de luto, tornando essas perdas irreais.

Em outras palavras, essas vidas não possuem a mesma qualidade de outras, são vidas indignas de ser vividas, cuja extinção pouco ou nada afeta os sujeitos e sua comunidade. Ao contrário, o que os afeta é a existência dessas vidas, na medida em que elas são o radicalmente outro, uma vida indeterminada que ameaça destruir a sociedade.

Ao mesmo tempo, a desaparecimento dessas vidas dos discursos públicos reitera a violência de Estado que sobre elas recai. Afinal, o que impede que se mate, torture, prenda em condições subumanas existências que já trazem a marca de seu desaparecimento futuro, existências que, após a morte, não serão choradas, cuja perda ninguém poderá sofrer? (Franco, 2021, p. 87)

A reportagem "Crimes de Maio de 2006: o massacre que o Brasil ignora"³⁶ feita pela jornalista Beatriz Drague Ramos para o site A Ponte, explica que apesar de mais 500 pessoas terem sido executadas, até então³⁷, os crimes não foram solucionados e muitas famílias ainda buscavam o paradeiro de pessoas que estavam desaparecidas desde aqueles acontecimentos. Esses corpos nunca foram encontrados, velados ou enterrados. Em entrevista, Débora Maria reforçou que "Esses crimes representam a negação dos corpos da maioria pobre, de moradores de favela" (Ramos, 2021).

O luto ou a não possibilidade de prantear levaram muitas mães do Movimento Mães de Maio a desenvolverem doenças como a depressão. Vera Lúcia dos Santos soube que o processo de luto por sua filha Ana Paula, pelo cunhado Eddie Joey e pela neta Bianca, seria um processo difícil. Logo após os corpos serem liberados pelo Instituto Médico Legal (IML), Vera fora orientada de que não deveria haver um velório por conta das condições em que sua filha havia sido morta. A orientação dos funcionários do local era de "levar para a Santa Casa, pôr no caixão e enterrar" (Mães de Maio, 2018, p. 24). Vera insistiu e conseguiu retardar o horário de liberação dos corpos e, assim, poder realizar o velório. Ali, a mãe também não teve

³⁶ Disponível em <https://ponte.org/crimes-de-maio-de-2006-o-massacre-que-o-brasil-ignora/>. Último acesso em 08 mar. 23.

³⁷ É importante lembrar que até o momento em que esta pesquisa estava sendo realizada, julho de 2024, não houve ainda nenhuma resposta do Estado às reivindicações das Mães de Maio.

paz para prantear. Durante o serviço, policiais abordaram os presentes, coagindo e pedindo documentos de quem estava ali. Eles só foram embora quando Vera ameaçou denunciá-los. (Mães de Maio, 2018, p. 24).

Vera esteve presente desde o início da criação do movimento Mães de Maio e, assim como outras mães, também foi perseguida pela polícia. Em 2008, após passar por diversas entrevistas sobre os Crimes de Maio, a cabeleireira teve sua casa em Santos invadida por policiais militares. Ela estava sendo acusada de tráfico de drogas.

Eles revistaram a casa, quebraram mobílias e tiraram roupas do armário. Estavam na casa com Vera uma amiga, o genro e um amigo do genro. Todos foram levados à delegacia.

No dia seguinte, Vera soube que a polícia a acusava de tráfico porque haviam sido encontradas drogas dentro do tanque de sua moto. Atordoada, sem saber o que dizer ou o que pensar, ela negou que a droga fosse dela. Os quatro acabaram presos e acusados de tráfico. O marido da amiga presa arrumou um advogado para tentar livrá-las. Vera soube depois que era um ex-policial, que acabou atrapalhando a defesa dela no caso e impediu que um defensor público a ajudasse. (Manso, 2018)

As Mães de Maio tentaram defender Vera, mas sem sucesso. Ela foi condenada por tráfico e passou três anos e dois meses na prisão. Em entrevista ao site A Ponte, ela disse:

Antes de tudo isso acontecer comigo, eu acreditava na Justiça. Achava que só iam para cadeia pessoas que eram culpadas de algum crime. Por isso me senti humilhada com a prisão. Sabia que um monte de gente ia achar que eu era culpada. Precisei conviver com isso, mesmo sem dever nada a ninguém. (Manso, 2018)

Após cumprir sua pena, Vera continuou sua luta dentro do movimento. Seu último encontro com Débora, como documentado pelas edições on-line e impressa ³⁸ da Folha de S. Paulo, foi em 2018, em um encontro com mães no Rio de Janeiro. Ela se despediu e deixou um recado à militância local: "Avisa para elas que a gente precisa se unir".

Alguns dias depois, em 3 de maio, Vera foi encontrada morta em sua casa. "Ela estava deitada entre fotos e documentos pessoais. Na porta do quarto, deixou uma camisa de manga longa do movimento Mães de Maio" (Claudia, 2018). Ela chegou a ser atendida, mas acabou falecendo. A suspeita do médico era de suicídio.

Desde o início do movimento, em 2007, nove integrantes do Mães de Maio faleceram e dezenas desenvolveram doenças que, segundo Débora, tinham ligação ao sofrimento ao qual

³⁸ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/mortes-as-muitas-perdas-no-maio-de-vera-lucia.shtml>. Último acesso em 08 mar. 2023.

essas mães foram submetidas (Silva, 2023b). Em entrevista ao site A Ponte, Débora afirmou que acredita que essas mortes estavam sendo causadas pela impunidade e pelo descaso do Estado e que isso tinha trazido diversos problemas de saúde para as ativistas. (Vasconcelos, 2019)

O relatório do Caaf/Unifesp confirma o que Débora afirmou, constatando que as mortes dos filhos e familiares causaram processos de adoecimento físico e psicológico.

Diante desse quadro, a reivindicação histórica dos familiares pela reparação psíquica, para alguns, já é tardia. Já existem outras mortes decorrentes dos homicídios dos Crimes de Maio. Não será possível falar em justiça se a reparação material e imaterial não for contemplada na sentença do esperado julgamento. (CAAF/Unifesp, 2019, p. 215)

A ajuda psicológica às famílias das vítimas dos Crimes de Maio sempre foi uma reivindicação importante do movimento. Em uma carta enviada à então presidente Dilma Rousseff, em 23 de julho de 2012, alguns dos encaminhamentos emergenciais propostos pelas Mães de Maio eram:

É preciso se criar urgentemente uma Política Nacional voltada para os Familiares de Vítimas da Violência do Estado. Uma Política que aponte diretrizes de Amparo, Proteção, Assistência Psico-Social, Reparação (Material e Psíquica) e Indenização a todos os Familiares Diretos que são Vítimas Colaterais e Conexas da Violência de Estado (Mães de Maio, 2018, p. 124)

No final de seu mandato como vereador da cidade de São Paulo, em novembro de 2020, Eduardo Suplicy, do Partido dos Trabalhadores (PT), protocolou "um projeto de lei municipal para amparar sobreviventes e familiares de vítimas da violência produzida por agentes do Estado, em especial pelas forças de segurança" (Lopes, 2012). Tal lei leva o nome de Lei Mães de Maio e tem o objetivo de oferecer suporte institucional, proteção social e assistência médica para minimizar os impactos negativos gerados por episódios de violência.

O PL nº 734/2020³⁹ foi criado originalmente pelas Mães de Maio com a ajuda dos advogados voluntários Gabriel Sampaio, coordenador do Programa de Enfrentamento à Violência Institucional e de Litígio Estratégico da Conectas Direitos Humanos, e Sílvia Souza, coordenadora adjunta do departamento antidiscriminatório do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM). Posteriormente, o movimento apresentou o texto ao gabinete do vereador Eduardo Suplicy para ser proposto no pleito de 2021.

³⁹ Disponível em <https://www.radarmunicipal.com.br/proposicoes/projeto-de-lei-734-2020>. Último acesso em 10 mar. 2023.

O projeto baseava-se em três pilares: oferecimento de suporte institucional, proteção social e assistência médica aos familiares de vítimas de violência estatal. O PL foi arquivado no final do mandato de Suplicy e até hoje o Mães de Maio não tem nenhuma garantia ou apoio do Estado para o atendimento psicológico dos familiares das vítimas.

1.7 Reivindicações do movimento

Além do cuidado psicológico, o movimento sempre trouxe a público uma série de reivindicações. A primeira e a mais central delas é "a luta pela verdade, pela memória e pela justiça para todas as vítimas da violência, denunciando especialmente a violência contra os pobres, os negros e os habitantes das periferias (Mães de Maio, 2011, p.20).

Outro ponto principal é o de buscar a verdade sobre os Crimes de Maio. Para elas, a versão oficial do massacre, massivamente divulgada inclusive pela imprensa como "Ataques do PCC" não corresponde à realidade, uma vez que as Mães denunciam o Estado como o principal agente da violência, pelo assassinato de centenas de inocentes pelas forças de segurança do estado de São Paulo. (Caaf/Unifesp, 2019, p. 85).

O Mães de Maio também denunciam contra a continuidade da violência como um dos legados da Ditadura Militar. Elas destacam que a estrutura da segurança pública implementada após o Golpe de 1964 continua a mesma, inclusive, com a impunidade dos agentes públicos.

Na avaliação do movimento, a cultura da impunidade foi um dos legados mais trágicos da ditadura militar. Da mesma forma que os crimes da ditadura continuam impunes ainda hoje, também continuam impunes os Crimes de Maio. Ainda mais porque não houve até o momento sequer um reconhecimento oficial da responsabilidade do Estado pelas centenas de assassinatos do período (Caaf/Unifesp, 2019, p. 86)

O Movimento também luta desde 2009 pelo desarquivamento e deslocamento de competência das investigações para a esfera federal, "em razão da falta de uma investigação séria por parte das autoridades do estado de São Paulo e do reconhecimento da responsabilidade do Estado" (CAAF/Unifesp, 2019, p. 86) e, ainda, inserindo-se em uma "longa tradição de resistência dos oprimidos e oprimidas destes país; com os quais nos solidarizamos (Mães de Maio, 2011, p.21). Apenas em agosto de 2022, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) aprovou essa federalização.

Hoje, quase duas décadas depois dos Crimes de Maio, as Mães de Maio persistem em uma luta ainda sem vitórias e sem a justiça que tanto esperam. A resistência, no entanto, continua. Débora elucidou que os participantes do grupo são encorajados a se incentivarem e

a perseverarem na militância, sem ceder ao desânimo diante da ausência de soluções do Estado (Silva, 2023b).

De 2006 aos dias de hoje, as Mães de Maio utilizaram-se das ruas e também de diversos outros meios para levar à sociedade suas reivindicações. Publicaram livros, participaram de documentários, divulgaram cartas abertas, foram entrevistadas em podcasts e convidadas a palestrar em diversos países. O movimento expandiu-se abraçando, inclusive, outros movimentos de mães ao redor do Brasil, cujas participantes também buscam respostas pelas mortes de seus filhos pela violência do Estado. Nessa expansão, fez parte de suas práticas o uso das redes sociais, tema que abordaremos com mais profundidade a seguir.

Capítulo 2: Mães de Maio - articulações de um movimento social nas ruas e nas redes

Para podermos nos aprofundar no objetivo desta pesquisa que é o de analisar as práticas de comunicação do Movimento Mães de Maio e, considerando-o como um legítimo movimento social, é necessário compreender, inicialmente, o que são e como se dão os movimentos sociais, o que nos propomos neste capítulo.

2.1 Movimentos sociais na América Latina e suas articulações

Diversas são as acepções sobre os movimentos sociais, para entendê-las, recorreremos, em um primeiro momento e de forma breve, a abordagens mais clássicas. Isso acontece por se tratar de um tema complexo, com grande diversidade de objetos e contextos, o que o torna uma "fonte quase inesgotável de estudos, análises e novas teorizações" (Machado, 2007, p. 249).

Machado (2007) pontua que, segundo as abordagens clássicas, essas ações coletivas podem se classificar em duas grandes correntes. Uma se enquadra nos estudos da Escola de Frankfurt, com Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber que, apesar de terem enfoques diversos entre si, tinham o mesmo pensamento a respeito das ações populares coletivas. Segundo eles, elas "dariam veredas a tipos de solidariedades complexas (Durkheim), a mudanças sociais do tradicionalismo para o tipo racional-legal (Weber) ou poderiam marcar o início de um processo revolucionário (Marx)" (Machado, 2007, p. 250).

Já a outra abordagem se refere a uma manifestação irracional que motiva as erupções de massa, relacionando os comportamentos coletivos às questões sobre o risco à ordem social estabelecida e até trazendo à discussão a exaltação das emoções e a tendência à imitação de comportamentos coletivos. Ela foi dominante até a década de 1960 e, geralmente, estava relacionada a processos abrangentes e transformações sociais, associadas às rápidas mudanças da sociedade industrial.

Até os anos 70, era freqüente a associação das lutas políticas dos movimentos sociais a um suposto quadro de luta de classes no interior das sociedades capitalistas – portanto, dentro de um contexto muito mais amplo, relacionado com o desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção existentes. Os movimentos sociais eram identificados basicamente como um produto da ação histórica da sociedade, ante as contradições do sistema capitalista. (Machado, 2007, p.252)

Essa associação, no entanto, foi deixando de fazer sentido, uma vez que os movimentos sociais começaram a se multiplicar e a ganhar mais alcance e complexidade, sobretudo, com o surgimento de coletivos e organizações. Foi a partir dessas mudanças, que o estudo dos movimentos sociais passou a ser reconhecido e considerado como um objeto científico de análise (Gohn, 2014, p.10).

Se falarmos de América Latina, os movimentos sociais atuais se distinguem dos que ocorreram em décadas passadas, como os anos 1970 e 1980. Nessa época, eles se relacionavam a grupos políticos em oposição aos regimes militares ou a movimentos populares que, entre outras coisas, reivindicavam melhorias urbanas e eram articulados por grupos como pastorais. Sobretudo, eles "lutavam para ter 'direito a ter direitos'". (Gohn, 2014, p.12). Além disso, as demandas sociais se afastaram um pouco da questão política, e os movimentos passaram a se expressar de maneiras diferentes das décadas anteriores. Os sujeitos também sofreram modificações.

O corpo social (povo, classe social, trabalhador, etc.) ia se fragmentando e anarquizando em grupos e setores sociais embandeirados com o direito à identidade e à diferença, mas sempre dentro de um paradigma de integração ao sistema. O direito à diferença dentro da igualdade. (Vizer, 2007, p. 30)

Segundo Vizer, com o restabelecimento dos regimes democráticos nos anos 1980 e 1990, surgiu também a tendência de se trabalhar com comunidades locais em um plano de igualdade para construir e, em algumas vezes, reconstruir as bases das formas institucionais de um regime democrático sem, no entanto, apossar-se do Estado tampouco confiando em instituições, políticos ou indivíduos que poderiam prometer soluções. Há, nesse momento, a adoção de um discurso coletivo e com foco no universal, baseado em valores como direitos humanos e sociais, cidadania, gênero e outras temáticas como meio ambiente, direito à identidade e à diferença.

Com a chegada do novo milênio, os movimentos sociais ganharam outros contornos e passaram a se afastar ainda mais daqueles que estiveram em destaque no século XIX e nas primeiras décadas do século XX e que eram, sobretudo, relacionados a movimentos operários e/ou revolucionários e também daqueles que emergiram nos Estados Unidos na década de 1960, os quais protestavam por direitos civis e englobavam lutas estudantis contra a violência e a favor do feminismo.

Gohn chama esses movimentos mais recentes de "novíssimos movimentos" e pontua algumas de suas características. Uma delas é o fato de que eles já não têm mais a

universalidade como horizonte, mas sim o foco no particular, nos interesses imediatos e nos direitos de sua categoria ou grupo social. Além disso, apresentam uma mudança em sua forma de atuação, com mobilizações que deixam de ser de cima para baixo e passam a ser horizontais, atuando em redes. Atualmente, há também uma expansão das fronteiras dos conflitos e tensões sociais, graças à nova geopolítica que a globalização econômica e cultural gera. (Gohn, 2014, p. 12) Vizer aponta também que os movimentos sociais desenvolvem práticas e dispositivos instrumentais de ação com o fim de transformar relações e práticas de poder instituídas por meio de mobilizações, apropriando-se conflituosamente de tempos e espaços públicos estimulados para cultivar vínculos entre grupos e indivíduos motivados e inspirados criativamente. Outro ponto é que o "ativismo social já não deve ser forçosamente organizado, nem requerer 'atos de fé' nem formalidades. Pode ser espontâneo e tomar a forma de 'multidões' convocadas por situações críticas"(Vizer, 2007, p.36).

Essas convocações, aliás, podem sinalizar a influência da disseminação do uso das novas tecnologias e o aumento dos meios de comunicação. Para Vizer, quatro elementos são fundamentais para o novo cenário: a evolução das tecnologias; a diminuição dos custos de produção; maior acesso, os usos sociais que permitem essas tecnologias e as mudanças nas demandas sociais. A visão trazida por Vizer ainda é atual, mesmo depois de mais de 15 anos. Os ativismos, desde então, expandiram-se e reconfiguraram-se graças ao apoio das tecnologias como o autor já julgava anteriormente.

A internet continua sendo fundamental nesse panorama. É ela que possibilita uma comunicação ágil, de baixo custo e que assume o papel de principal ferramenta para a articulação e a comunicação dos movimentos sociais, da sociedade civil e de grupos de indivíduos, colocando-os em rede. Essa rede se tornou uma espécie de espaço público de suma importância para que as demandas dos atores se fortaleçam e possam ter seu alcance ampliado, além de possibilitar o desenvolvimento de estratégias de lutas mais efetivas.

(...) a rede é um espaço público que possibilita novos caminhos para interação política, social e econômica. Principalmente pelo fato de que nela qualquer cidadão pode assumir, ao mesmo tempo, uma variedade enorme de papéis - como cidadão, militante, editor, distribuidor, consumidor, etc. - superando barreiras geográficas e, até certo ponto, as limitações econômicas (Machado, 2007, p. 269)

Castells (2013), já na década passada, destacava que essas conexões em rede não estavam apenas no ambiente digital da Internet, mas sim em múltiplas formas, o que acreditamos que ainda possa ser levado em conta atualmente; com o aparecimento de novas

plataformas graças às mudanças promovidas por novas tecnologias e num maior acesso a elas. Ele pontuava ainda que essas conexões poderiam incluir redes sociais on-line e off-line e, também, redes anteriores ou formadas durante as ações dos movimentos.

Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a blogosfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral. As tecnologias que possibilitam a constituição de redes são significativas por fornecer a plataforma para essa prática continuada e que tende a se expandir, evoluindo com a mudança de formato do movimento. Embora os movimentos tenham em geral sua base no espaço urbano, mediante ocupações e manifestações de rua, sua existência contínua tem lugar no espaço livre da internet. (Castells, 2013, p. 160)

Esse é o caso, por exemplo, da atuação do Movimento Mães de Maio. Em 2006, ano em que ele surgiu no Brasil, apenas 14,5% dos domicílios⁴⁰ tinham acesso à Internet, e as integrantes se utilizavam de formas de comunicação off-line para engajarem novos membros e se comunicarem, como visitas presenciais e ligações telefônicas. Desde o início do movimento, elas utilizaram a Internet para se comunicar, trazer ao público suas reivindicações e engajar outros indivíduos em torno de sua causa, primeiro, por meio do Orkut; depois, por meio de um blog em 2009; e, apenas em 2012, começaram a utilizar o Facebook e, finalmente, em 2018, o Instagram e o Twitter.

2.2 Mulheres em movimento: protagonismo feminino no Brasil

Para a pesquisa, sentimos a necessidade de situar o Mães de Maio dentro de um contexto histórico e social de mobilizações de mulheres no Brasil e na América Latina para entendermos melhor como essas movimentações encontraram um terreno minimamente pavimentado para se legitimarem. Gohn (2014, p. 133) lembra que, em movimentos que se encontram dentro da temática de gênero, são as mulheres que apresentam os índices mais significativos de participação e de organização de suas demandas em coletivos, além de serem presença majoritária em redes solidárias em projetos sociais com as mais diversas bandeiras.

(...) quer como grupos de mobilizações de causas femininas quer como participação feminina em diferentes mobilizações, as mulheres têm constituído a maioria das ações coletivas públicas. O conjunto dessas ações une categorias sociais, que criam Sujeitos, que produzem movimentos sociais. (Gohn, 2014, p. 134)

⁴⁰ Dados disponíveis em

<https://www.cetic.br/noticia/nic-br-anuncia-resultados-da-pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-no-brasil>. Último acesso em 23 jun. 2023.

Gohn (2014, p. 135) aponta que Touraine apresenta um fator que também merece atenção, o fato de que "as mulheres, por terem vivido a dominação em suas experiências, poderão vir a ter ações mais gerais, de recomposição de todas as experiências individuais e coletivas", ponto que pode caracterizar muito bem a atuação do Mães de Maio, cujas fundadoras são mulheres periféricas, em sua maioria negras, e cujas vidas foram pautadas por situações de violência e vulnerabilidade. Mais do que isso, para a fundadora do movimento, Débora Maria da Silva, é comum ver que as mulheres estão na linha de frente dos movimentos sociais, pois são motivadas a transgredir em uma sociedade que sempre limitou a voz feminina e, ainda, por terem habilidades importantes para engajar os movimentos. Em sua opinião, "as mulheres têm a logística na palma da mão, elas vêm para fazer uma revolução" (Silva, 2023b).

É importante também levarmos em conta de que maneira os movimentos sociais organizados por mulheres ganham força com o passar do tempo, lembrando que "pesquisas têm destacado o papel das mulheres desde sociedades antigas e primitivas. Mas foi com o feminismo que elas geraram uma visibilidade pública de um coletivo" (Gohn, 2014, p. 135).

Algumas autoras segmentam o feminismo em fases, pontuando-as como "ondas". Esse conceito é frequentemente identificado na literatura como uma representação da multiplicidade de tempos e espaços no contexto dos movimentos feministas. Essas "ondas" evoluem em consonância com os processos sócio-históricos e carregam consigo perspectivas, paradigmas e concepções ontológicas distintas, mas é importante lembrar que a abordagem das "ondas" pode ser interpretada como uma perspectiva normativa da história do feminismo ocidental, alinhada fundamentalmente ao Norte e não ao Sul Global, o que pode trazer uma visão equivocada ao se falar do movimento feminista em países como o Brasil, uma vez que a ela pode resultar a exclusão de particularidades de outros contextos (Ribeiro; Nogueira; Magalhães, 2021). Tendo isso em consideração, traremos um olhar mais cuidadoso em como essas fases se deram localmente na América Latina.

Gohn (2014) aponta que a primeira onda está relacionada à igualdade de direitos perante a lei, com lutas sobre direito ao voto e ao trabalho, nos séculos XVIII, XIX e início do XX. A segunda compreende o período entre 1960 e 1980 e apresenta as preocupações das feministas com relação à igualdade de comportamentos, trazendo ao debate temas como sexualidade, mercado de trabalho e gênero. A terceira situa-se na década de 1990 e traz a

construção da imagem feminina pelos meios de comunicação de massa em um cenário no qual as mulheres passam a falar de uma libertação de sua sexualidade e também da de outras mulheres e, desta maneira, começam a conduzir e a sustentar transformações culturais e a atuar na busca por reconhecimento (Gohn, 2014, p. 136).

É necessário levar em consideração a colonização desses países, sobretudo, a do Brasil, com todo o contexto patriarcal em que ele se insere e as numerosas tentativas de violência e apagamento das culturas originárias. Além disso, devemos apontar o racismo, as estruturas de classe e o discurso hegemônico que não reconhecem as experiências distintas enfrentadas pelas mulheres em diferentes partes do globo. Fazer essa distinção para acionar os conceitos das ondas feministas, no entanto, não deve ser entendido como excludente, mas sim como um ponto de tensionamento (Ribeiro; Nogueira; Magalhães, 2021).

No Brasil, conseguimos perceber melhor essas fases a partir das dinâmicas sociais. As mulheres brasileiras abraçaram causas abolicionistas no século XIX. Gohn (2014) cita a atuação de mulheres como Nísia Floresta e Chiquinha Gonzaga nesse movimento. Já, no início do século XX, as mulheres passaram a reivindicar direitos, como Maria Lacerda de Moura, que fundou em 1921 a Federação Internacional Feminina, ligando a vida operária à política; Ana Aurora Lisboa mobilizou grupos pelo direito das mulheres à educação e Bertha Luz que encabeçou a luta pelo sufrágio feminino. Patrícia Galvão, a Pagu, na década de 1930, ficou conhecida como grande defensora dos direitos das mulheres e, por conta de sua luta, foi a primeira mulher a ser presa política no país, no século XX. Foi na efervescência dessa primeira onda, ainda, que foram publicados diversos periódicos femininos que, além de discutirem os assuntos acima citados, ainda traziam questões relacionadas ao dia a dia das mulheres, apresentavam temas como a educação igualitária e o direito ao divórcio (Perez; Ricoldi, 2019).

Para Gohn (2014, p.138), em um mundo em que os homens dominavam as pautas, as mulheres passaram a se destacar como atrizes independentes em defesa de seus direitos, exercitando o princípio democrático da igualdade, tanto nos direitos civis quanto nos políticos. No entanto, a ideia de coletivos públicos ainda era limitada, uma vez que as mulheres estavam confinadas ao espaço privado, doméstico.

No contexto brasileiro, a segunda onda ganhou força durante a ditadura militar, iniciada em 1964, e foi se potencializando ao longo dos anos até a década de 1970. Vale ressaltar que, aqui podemos ver, dentre outros papéis, sobretudo o da mãe como agente

mobilizadora e que nos chama a atenção, especialmente, por se relacionar com o tema desta pesquisa.

As mulheres começaram a se posicionar e a se destacar no cenário público brasileiro a partir de 1975, ainda dentro do período ditatorial, desempenhando diversos papéis sociais que refletiam suas demandas e lutas. Elas assumiram protagonismo como mães que se engajaram na busca por seus filhos desaparecidos durante a ditadura militar. Além disso, diversas mulheres que participaram ativamente na resistência contra a ditadura militar brasileira estiveram exiladas e, ao retornarem ao país com a anistia, trouxeram consigo experiências e influências dos movimentos feministas estrangeiros com os quais tiveram contato (Gohn, 2014, p. 141).

Mas é importante perceber que havia uma confluência de atuações. As lutas feministas passaram a fazer parte dos espaços acadêmicos e também das classes sociais mais altas, ao mesmo tempo em que foram adotadas pelos movimentos de mulheres de classes mais populares.

Foi no início da década de 1970 que mulheres da periferia, sobretudo de São Paulo, passaram a se mobilizar. Eram grupos de mães e donas de casa, que se reuniam em clubes de mães, associações ou sociedades de amigos de bairros. Elas levantavam junto aos demais moradores quais eram as principais solicitações locais, com o intuito de encaminhá-las às autoridades. A necessidade que essas mulheres tinham de trabalhar fora, para ajudar nas despesas da casa, criaram um grande problema para as mães trabalhadoras: com quem deixar os filhos naquele período.

Suas primeiras preocupações foram manifestadas em cartas públicas, lidas primeiramente em algumas paróquias, durante as missas de domingo. Falavam do custo de vida, dos baixos salários e da creche. Esses grupos de mães chegaram a ir até algumas autoridades para exigir as soluções necessárias. Foram mal recebidas e muitas vezes policiais “infiltrados” passaram a rondar os bairros onde elas moravam. Todo cuidado era pouco (Teles, 2017, p. 64)

Essas movimentações foram se ampliando e chegando a mais regiões e mobilizando cada vez mais pessoas. Organizadas e em maior número, essas mulheres das periferias; criaram o Movimento do Custo de Vida, que ficou conhecido por ser sido o primeiro movimento popular e de massas após o Ato Institucional nº 5, o AI-5, um dos mais opressores da ditadura militar brasileira. Inicialmente, o movimento era dirigido por mulheres da periferia e por setores da Igreja e, mais tarde, mudou seu nome para Movimento Contra a Carestia e passou a ter predominantemente a direção de sindicatos e de agrupamentos

políticos de esquerda. Apesar disso, é importante lembrar que foram as mulheres da periferia as pioneiras e as principais protagonistas dessa iniciativa, que engajou milhares de pessoas e, a médio prazo, fortaleceu as lutas em busca da democracia.

Num dos documentos elaborados por elas mesmas, há um relato de como tudo começou: “(...) aos poucos, as mães, conversando umas com as outras, foram percebendo que o seu problema é o problema da vizinha também e que diante disso a gente não encontra solução sozinha. (...) Se ajuntar um grupo de mães de um bairro com outro, uma região com outra, é possível fazer com que todo o povo compreenda esses problemas, e assim encontrem uma verdadeira solução” (Teles, 2017, p. 70)

Aqui precisaremos fazer um tensionamento com o objeto de estudo desta pesquisa. Levando em consideração esses interesses do Movimento Custo de Vida que se tornou o Movimento pela Carestia, é possível, inclusive, traçar alguns paralelos com o Mães de Maio. Suas organizadoras também eram mulheres com origem na periferia e, mesmo décadas depois, ao precisarem confrontar o Estado em busca de respostas para suas reivindicações, acabavam por ser sistematicamente oprimidas e intimidadas por forças policiais.

Outro ponto de aproximação está nas estratégias de mobilização. No início de suas movimentações, Débora Maria, uma das fundadoras do movimento, e suas companheiras do Mães de Maio buscavam engajar mais mães e novos membros de maneira presencial por meio de ações corpo a corpo, indo de casa em casa, apresentando-se e conversando com outras mães que haviam perdido seus filhos para a violência policial. As ativistas do Movimento Custo de Vida e do Movimento pela Carestia também utilizavam desse mesmo procedimento, inclusive, saindo às ruas e ouvindo o que a comunidade tinha a dizer.

(...) uma de suas formas de luta foi fazer mutirões para colher assinaturas de adesão ao movimento. A cada um desses mutirões se juntavam mais mulheres, que se redistribuíam nos bairros, favelas, portas de fábrica e centro da cidade. Um dia as mulheres chegaram à praça da Sé, o centro político de São Paulo, para colher assinaturas. No começo eram poucas, mas depois de algum tempo já eram mais de 100. Populares começaram a ficar curiosos para ver os cartazes carregados por elas, como um que dizia: “O preço do custo de vida sobe pelo elevador, enquanto nosso salário sobe pela escada” (Teles, 2017, p. 72)

Há que se tensionar, no entanto, que, na década de 1970, não havia as tecnologias já existentes no início do movimento Mães de Maio; nos anos 2000.

Gohn afirma que foi, na segunda onda, no período em que o Brasil vivia uma ditadura militar, conjuntura que também levou as mulheres a se assumirem como militantes nos movimentos, partidos e sindicatos, que pautas como saúde, sexualidade e violência passaram

a fazer parte das lutas das brasileiras (Gohn, 2014, p. 141), temas que, ainda hoje, são muito caros à sociedade.

Nos anos 1990, no Sul Global e, também no Brasil, o Estado buscou uma aproximação de movimentos de uma forma geral, inclusive, com as organizações feministas e de mulheres. Essa interação aconteceu de variadas formas como o financiamento e a participação desses movimentos na formulação e na implementação de políticas públicas. Também foi considerado como um período em que o movimento feminista e de mulheres se tornou-se institucionalizado (Alvarez, 2014). Gohn (2014) situa esse momento como parte de uma potencial terceira onda no Brasil, quando "grupos de mulheres foram organizados em inúmeros campos da vida cotidiana, com atuação na política, em redes de conscientização de seus direitos, em frentes de lutas contra as discriminações no mercado de trabalho e no cotidiano em geral" (Gohn, 2014 p. 142).

Hoje, o Norte Global, mas sobretudo a América Latina e, aí incluímos o Brasil, vive o que podemos denominar como quarta onda feminista. Suas principais características residem no fato de que ela está inserida em um mundo onde a tecnologia e as redes sociais são amplamente usadas, podendo assim, "ser definida como digital, interseccional, fluida e plural" (Perez; Ricoldi, 2019). Ela apoia-se, sobretudo, no uso das tecnologias e na popularização das redes sociais, ao que podemos chamar de ativismo feminino digital. As redes sociais, neste momento, têm um papel importante na esfera política e nas mobilizações; as discussões passam a ser mais amplas e os temas, mais nichados, com discussões relacionadas a identidade e corpo, trazendo luz a pontos como a questão trans e a gordofobia, por exemplo, e também a questões que já foram levantadas em outros momentos do feminismo, mas que, até hoje, procuram solução como a violência de gênero.

(...) causando um alargamento no padrão da comunicação, que se torna mais autônoma e democrática, além de potencializar mobilizações que, em primeira instância, parecem ter um caráter individual, mas tornam-se coletivas ao serem difundidas na rede, trazendo para o campo político aquilo que é de ordem pessoal. (Perez; Ricoldi, 2019)

Analisando anteriormente as ondas feministas, percebemos que há características da segunda, da terceira e da quarta onda na atuação do Movimento Mães de Maio. Em um momento, logo no início de suas mobilizações, essas mães desenvolviam práticas comunicacionais tradicionais, assim como as mulheres e as mães da segunda onda no Sul

Global, indo de casa em casa, comunicando-se no boca a boca, circulando em suas localidades e levando em conta os anseios de sua comunidade (no caso das integrantes do Mães de Maio, as dores das mães da periferia cujos filhos foram mortos pela violência de Estado). Da terceira, podemos citar o apoio de diversas instituições e de ONGs, como o Laboratório de Análise da Violência da Uerj, a ONG Conectas Direitos Humanos e o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana de São Paulo (Condepe), que apoiaram e ajudaram a oficializar as demandas dessas mulheres desde o início de sua atuação, realizando investigações, mobilizando especialistas e pesquisadores para que esses crimes não passassem em branco.

Pesquisadoras como Heloísa Buarque de Hollanda situam os movimentos feministas atuais do Brasil como pertencentes a uma quarta onda, levando em consideração fatores como a interseccionalidade, a multiplicidade de opressões e demandas e, ainda, as novas estratégias de mobilização.

(...) vejo claramente a existência de uma nova geração política, na qual se incluem as feministas, com estratégias próprias, criando formas de organização desconhecidas para mim, autônomas, desprezando a mediação representativa, horizontal, sem lideranças e protagonismos, baseadas em narrativas de si, de experiências pessoais que ecoam coletivas, valorizando mais a ética do que a ideologia, mais a insurgência do que a revolução. Enfim, outra geração (Hollanda, 2018, p. 10)

Os elementos da quarta onda e sua influência na atuação do Movimento Mães de Maio são os mais evidentes, sobretudo, no momento atual de sua atuação, quando se utiliza, sobretudo, de suas redes sociais para engajar a população em torno de sua causa e também para trazer ao debate outros temas que perpassam a questão dessas mulheres de uma forma geral.

2.3. Mobilizações de mulheres negras no Brasil: um recorte primordial

Como já citamos anteriormente, na década de 1970, no cenário turbulento da ditadura militar, diversos setores da população brasileira começaram a se mobilizar reivindicando seus direitos. As pessoas negras, no entanto, historicamente já se mobilizavam, reivindicando o fim da desigualdade, o racismo e uma série de problemas de caráter social, frutos de uma sociedade cujo passado escravista deixou diversas sequelas para essa população. Essas marcas são tão profundas que decidimos trazer para este estudo um breve histórico sobre essas mobilizações, sobretudo, o das mulheres negras, uma vez que o Movimento Mães de Maio

também se articula com as opressões de raça que essas mulheres e seus filhos sofreram e sofrem ao longo dos tempos.

A primeira fase de articulação do movimento negro no país surgiu logo após a abolição da escravatura e da proclamação da República no Brasil, em 1889, com o surgimento de diversos grupos cujos objetivos eram basicamente assistencialistas, recreativos ou culturais. Grande parte deles eram formados por homens negros de classes trabalhadoras, como ferroviários e portuários, por exemplo. Os grupos formados por mulheres negras eram minoria. Dessa mesma época, há registro apenas da Sociedade Brinco das Princesas (1925), em São Paulo, e da Sociedade de Socorros Mútuos Princesa do Sul (1908), em Pelotas (RS). Para se ter uma ideia da discrepância, apenas, em São Paulo, entre 1907 e 1937, existiam ao total 123 associações negras, e, apenas uma delas tinha integrantes do sexo feminino (Domingues, 2008, p.104).

O cenário passou a mudar na década de 1930 com a fundação da Frente Negra Brasileira (FNB), em 1931, em São Paulo.

Na primeira metade do século XX, a FNB foi a mais importante entidade negra do país. Com "delegações", espécie de filiais e grupos homônimos em diversos estados (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia), arregimentou milhares de "pessoas de cor", conseguindo converter o Movimento Negro Brasileiro em movimento de massa. Pelas estimativas de um de seus dirigentes, a FNB chegou a superar os 20 mil associados. A entidade desenvolveu um considerável nível de organização, mantendo escola, grupo musical e teatral, time de futebol, departamento jurídico, além de oferecer serviço médico e odontológico, cursos de formação política, de artes e ofícios, assim como publicar um jornal, o A Voz da Raça. (Domingues, 2008, p.106)

Apesar do protagonismo masculino, as mulheres negras desempenhavam papéis ativos na FNB. Elas constituíam uma presença significativa e constante nas atividades da frente, além de ocuparem funções importantes no movimento. Por exemplo, a Cruzada Feminina, uma comissão dentro da FNB, era encarregada de mobilizar mulheres negras para realizar trabalhos de assistência. Outra comissão, conhecida como Rosas Negras, organizava eventos como bailes e festivais artísticos, proporcionando espaços de expressão e celebração para a comunidade negra.

Em 1936, a frente tornou-se um partido político com o objetivo de conquistar o voto da população negra. No entanto, um ano depois, com a instauração da ditadura do Estado Novo, por Getúlio Vargas, em 1937, ela juntamente com todas as outras organizações

políticas, foi dissolvida. Isso resultou no esvaziamento do movimento negro, assim como de outros movimentos sociais que estavam em ascensão.

É importante notar que, além da Frente Negra Brasileira, outras instituições surgiram nesse período com o propósito de promover a integração dos negros na sociedade em geral, como o Clube Negro de Cultura Social (1932) e a Frente Negra Socialista (1932) em São Paulo, a Sociedade Flor do Abacate no Rio de Janeiro, a Legião Negra (1934) em Uberlândia/MG, e a Sociedade Henrique Dias (1937) em Salvador (Domingues, 2008, p.107)

Durante o Estado Novo, que se estendeu de 1937 a 1945, a população foi vítima de uma violenta repressão política, o que impedia qualquer articulação de movimentos sociais. Com o final desse período, o movimento negro voltou a se organizar e a se articular. Surgiram movimentos como a União dos Homens de Cor (UHC), no Rio Grande do Sul, que viria a se expandir para outros estados como Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná. "Em linhas gerais, sua atuação era marcada pela promoção de debates na imprensa local, publicação de jornais próprios, serviços de assistência jurídica e médica, aulas de alfabetização, ações de voluntariado e participação em campanhas eleitorais" (Domingues, 2008, p.108).

Outro grupo importante foi o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado no Rio de Janeiro, em 1944. Inicialmente, era um grupo teatral formado exclusivamente por atores negros, mas ampliou sua atuação, publicando o jornal Quilombo; oferecendo cursos como os de alfabetização e corte e costura; fundando importantes instituições como o Instituto Nacional do Negro e o Museu do Negro; além de ter organizado o I Congresso do Negro Brasileiro e o Conselho Nacional das Mulheres Negras; apenas para citar algumas de suas realizações.

Sua posição crítica em face do racismo e de suas práticas, seu trabalho concreto de alfabetização, informação, formação de atores e criação de peças que apontam para a questão racial, significou um grande avanço no processo de organização da comunidade. (Gonzalez, 2022, p.22)

Com o golpe militar de 1964, o TEN acabou se enfraquecendo e quase foi extinto em 1968, com o autoexílio de sua principal liderança, Abdias do Nascimento. Gonzalez (2022, p.22) lembra que, com a ditadura, as elites intelectuais negras foram quase que totalmente desarticuladas e Domingues destaca que os militares tentaram descredibilizar a luta dos negros.

O golpe militar de 1964 representou uma derrota, ainda que temporária, para a luta política dos negros. Ele desarticulou uma coalizão de forças que palmilhava no enfrentamento do "preconceito de cor" no país. Como consequência, o Movimento Negro organizado entrou em refluxo. Seus militantes eram estigmatizados e acusados pelos militares de criar um problema que supostamente não existia, o racismo no Brasil. (Domingues, 2008, p. 111)

No início dos anos 1970, ainda sob o regime ditatorial no país, no entanto, os movimentos de resistência ainda continuavam a despontar, como exemplo, a retomada do teatro negro pelos integrantes do Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan) em São Paulo; o alerta geral do Grupo Palmares, do Rio Grande do Sul, deslocando as comemorações do Dia da Abolição (13 de maio) para o dia da morte de Zumbi dos Palmares (20 de novembro) e, ainda, o surgimento de um novo fenômeno no Rio de Janeiro, quando uma massa de negros anônimos da comunidade jovem passou a se mobilizar por meio da arte e da música, no movimento Black Rio. A juventude, aliás, foi peça fundamental nesse período, uma vez que se tratava de pessoas que viviam e percebiam o preconceito em seu cotidiano e sentiam "a existência do racismo e de suas práticas" (Gonzalez, 2022, p. 29).

Quando os movimentos negros começaram a articular de forma cada vez mais organizada, eles representaram " (...) um papel de extrema relevância na luta antirracista em nosso país, sensibilizando inclusive os setores não negros e buscando mobilizar as diferentes áreas da comunidade afro-brasileira para a discussão do racismo e suas práticas (Gonzalez, 2020, p. 101).

Um dos pioneiros dentro deste cenário foi o Movimento Negro Unificado (MNU) que surgiu em 1978 reivindicando ações que pudessem reparar a desigualdade social entre negros e não-negros estabelecida no processo de formação da sociedade brasileira. Seu foco estava na preocupação com problemas de raça e classe (Gonzalez, 2020, p. 113). Em sua atuação, ele "desenvolveu uma série de atividades que muito contribuíram para o avanço da consciência democrática, antirracista e anticolonialista em nosso país" (Gonzalez, 2020, p. 101) e não se limitou apenas a São Paulo, estendendo-se a outros estados do Sudeste e das regiões Norte e Sul.

Foi nessa época também que as mulheres negras passaram a se organizar de forma cada vez mais intensa, ao buscarem um lugar de representatividade que não conseguiam encontrar nem no movimento feminista branco, tampouco no movimento negro. Isso porque, como explica González (2020, p. 102), no movimento feminista ou de mulheres, cuja origem se dera nos setores mais avançados da classe média branca, geralmente, a questão racial era

deixada de lado. Além disso, as mulheres negras eram muitas vezes consideradas "agressivas" e até mesmo "não feministas" por sempre insistirem que o racismo e suas práticas, assim como o sexismo, precisavam ser considerados pelas lutas feministas, uma vez que constituíam formas estruturais de opressão e exploração em sociedades como a brasileira.

Quando, por exemplo, denunciávamos a opressão e exploração das empregadas domésticas por suas patroas, causávamos grande mal-estar: afinal, dizíamos, a exploração do trabalho doméstico assalariado permitiu a "liberação" de muitas mulheres para se engajarem nas lutas "da mulher". Se denunciávamos a violência policial contra os homens negros, ouvíamos como resposta que violência era a da repressão contra os heróis da luta contra a ditadura (como se a repressão, tanto num quanto noutro caso, não fizesse parte da estrutura do mesmo Estado policial-militar). (Gonzalez, 2020, p.105)

As mulheres brancas acreditavam que tratar de recortes como classe e raça poderia dividir o movimento, enquanto as mulheres negras tinham em mãos o desafio de compreender quais questões eram essenciais para elas e como os conceitos feministas poderiam ser aplicados para sua realidade, já pensando em organizar o feminismo negro.

As mulheres negras estavam profundamente insatisfeitas com a forma pela qual suas demandas vinham sendo tratadas dentro do movimento feminista e deixavam claro que a existência de desigualdades sociais e raciais dentro do Movimento era o catalisador da divisão. (Santos, 2009, p. 277)

As agendas dos dois grupos eram extremamente difíceis de serem conciliadas e, para piorar, as feministas brancas não estavam preparadas para discutir sobre racismo ou diferenças raciais, tampouco socializar o poder (Lemos, 1997, p.121-123).

Quanto ao movimento negro, Lemos (1997) lembra que, frequentemente, eram delegados às mulheres "papéis subalternos" e "tarefas domésticas como cozinhar, limpar e secretariar nos eventos e encontros promovidos, ao invés de posições relacionadas à luta política, mostrando que o próprio movimento reproduzia, como González (2020) cita, algumas práticas originárias da ideologia dominante; como o sexismo.

Havia uma certa tensão entre homens e mulheres dentro do movimento negro, bem como uma disputa por espaço e poder, além disso, elas foram acusadas de estarem criando um movimento separado, o que acirrava ainda mais os ânimos. Para além de toda essa situação, algumas mulheres eram vítimas de abuso sexual dentro do grupo, outra demonstração de que o machismo era uma presença de peso no movimento (Santos, 2009).

Lemos (1997) lembra também que as feministas negras tinham uma necessidade cada vez mais urgente de criar sua própria agenda e demandas políticas e, desse modo, passaram a se articular para construir um movimento feminista negro em busca de "enegrecer o

feminismo" (Lemos, 1997, p. 118) como uma estratégia que delineava o percurso das mulheres negras dentro do movimento feminista brasileiro. Tal conceito visava tanto destacar a identidade branca e ocidental da abordagem clássica do feminismo quanto revelar a inadequação teórica e política para integrar as diversas expressões do feminino presentes em sociedades multirraciais e pluriculturais. Por meio dessas iniciativas, foi possível formular uma agenda específica que abordava de forma simultânea as desigualdades de gênero e intragênero. Isso permitiu a afirmação e a visibilidade de uma perspectiva feminista negra que emergia da vivência específica de ser mulher, negra e, geralmente, de baixa renda. Por fim, foi delineado o papel dessa perspectiva na luta antirracista no contexto brasileiro.

Essa necessidade de enegrecer o feminismo foi tão importante e necessária que até mesmo ativistas do século XXI citam sua importância, como Djamila Ribeiro, que lembra que o feminismo negro não era apenas uma luta identitária, visto que conceitos como branquitude e masculinidade também se encontram como identidades. "Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos" (Ribeiro, 2018, p. 7).

Já para bell hooks, ativista negra estadunidense, que sempre teve um olhar muito cuidadoso e global no que diz respeito às questões de raça e gênero e também contemporânea de nomes como Rosalia Lemos e Lélia Gonzalez, desenvolver uma consciência feminista é fundamental para que uma subjetividade negra radical possa ser desenvolvida e ainda lembra que todas as sujeitas negras radicais foram, em algum momento, obrigadas a confrontar e desafiar o machismo.

Se, no entanto, essa luta individual não estiver conectada a um movimento feminista ainda maior, então toda mulher negra se vê reinventando estratégias para resistir, quando deveríamos deixar um legado de resistência feminista capaz de nutrir, sustentar e guiar outras mulheres e homens negros. (hooks, 2023, p.121)

Entre 1976 e 1985, a Organização das Nações Unidas (ONU) desenvolveu uma campanha mundial chamada Década das Mulheres. A ideia era que, nesse período, fosse desenvolvida e aplicada uma agenda para que as condições de vida das mulheres pudessem ter uma melhora significativa. Em 1975, durante o Congresso das Mulheres Brasileiras, foi apresentado pelas feministas negras o Manifesto das Mulheres Negras.

O manifesto chamou atenção para como a vida das mulheres negras no trabalho, na família e na economia era moldada por gênero, raça e sexualidade. Durante essa década, as feministas brancas permaneceram indiferentes ou incapazes de abordar as preocupações das mulheres negras. Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e muitas outras ativistas feministas negras continuaram a lutar pelas questões

relativas às mulheres negras. Essa luta é ainda mais notável quando se sabe que ocorreu sob o regime militar no Brasil (1964-1985) e precedeu o entendimento contemporâneo da interseccionalidade. (Bilge; Collins, 2021, p.16)

É importante destacar também que, naquela época em especial, esse ativismo era combatido pela política nacional no país que alegava oficialmente a inexistência da categoria "raça". O governo durante a ditadura apagava o conceito de categorias raciais, inclusive, sem contar com "negros" como "grupo racial" reconhecido. Em vez disso, o discurso nacional era o de que ser brasileiro substituíra todas as outras identidades como raça, por exemplo (Bilge; Collins, 2021, p.17).

Hill Collins e Bilge (2021) lembram ainda que o mito da identidade nacional brasileira suprimiu a noção de raça para estabelecer uma ideologia de democracia racial na qual a identidade brasileira suplantava outras identidades como as raciais. Em essência, ao negligenciar a categoria política de raça, o discurso nacional da democracia racial excluiu a linguagem que poderia descrever as disparidades raciais que afetavam a vida dos negros brasileiros. Essa omissão da "negritude" como categoria política permitiu a perpetuação de práticas discriminatórias contra pessoas claramente de ascendência africana em áreas como educação e emprego, uma vez que não havia termos oficialmente reconhecidos para descrever a discriminação racial nem recursos oficiais para combatê-la. A imagem da identidade nacional que o Brasil promovia, sustentava que o racismo era inexistente e que a cor não tinha relevância, exceto quando glorificada como um aspecto do orgulho nacional. Identidade que não emergiu por acaso e não significava que indivíduos de ascendência africana a aceitavam. Além disso, naquele cenário, as mulheres negras eram ainda mais invisibilizadas do que os homens, o que fazia do manifesto um posicionamento audacioso por meio do qual essas sujeitas desafiaram o seu próprio apagamento.

Ao longo dos anos, as mulheres negras têm denunciado as desigualdades às quais são submetidas. Desigualdades essas sempre marcadas por circunstâncias socioeconômicas, históricas, culturais, geográficas e políticas (Santos, 2009). Em entrevista a Lemos (1997), a feminista negra Jurema Werneck lembra algumas dessas questões: "tem o subemprego, as questões do trabalho, o direito à procriação que é diferente, porque se a mulher branca reivindica o direito de evitar filhos, a mulher negra reivindica o direito de tê-los, criá-los e vê-los vivos até a velhice"(Lemos, 1997, p. 125).

E, se levarmos em consideração que o "lugar de negro", como cita Gonzalez (2016) está nas periferias das cidades, precisamos fazer aqui mais um recorte e lembrar que é nesse *locus* que as mulheres negras se tornam bastante representativas, impulsionando seus processos organizativos. Enquanto os movimentos negros como os citados anteriormente ganhavam impulso predominantemente a partir das classes médias negras, uma movimentação paralela emergia nas periferias e favelas urbanas, sendo constituídas principalmente pelo subproletariado local, que se articulava por meio de associações de moradores, em grupos autoorganizados, que contestavam a ordem social vigente, reivindicavam seus direitos e condições melhores de sobrevivência. Essas mobilizações eram diversas e se estruturavam em movimentos grevistas, mas também em torno de assuntos que afetam diretamente o dia a dia das mulheres trabalhadoras desses locais como os movimentos em prol de creches, regularização de moradia e educação, por exemplo. Joice Berth (2023, p. 57) lembra que "a pobreza é, primordialmente, negra e, em segundo plano, feminina. No caso das mulheres negras, tendo em vista a tríade raça, classe e gênero como condicionantes invariáveis, a pobreza é simultaneamente negra e feminina".

Falar do Mães de Maio e de sua formação como movimento social sem dar o devido destaque às questões de classe e de raça, além do gênero, é deixar de lado traços basilares de sua atuação e existência. Como já citamos no primeiro capítulo, o perfil dos mortos durante os Crimes de Maio era de homens jovens, com baixa renda e não brancos (Caaf/, Unifesp 2019, p.71). Alguns desses traços são comuns também a suas mães, que são "(...) mulheres pobres, moradoras de regiões periféricas, em sua maioria, negras, (...)" (Cerqueira; Bueno, 2020, p. 67-73).

Esses pontos não são coincidência. A relação entre classe e raça e o fato de que esses indivíduos tenham sido exterminados, principalmente, em regiões periféricas de São Paulo encontra respaldo no que Lélia Gonzalez (1982, p.15) classificou como lugar de branco e lugar de negro.

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casagrande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados, conjuntos "habitaçãoais" (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço.

Essa divisão, segundo Joice Berth, acaba oferecendo às forças policiais e judiciais um pretexto para que esses sujeitos e esses locais possam ser violados sob a justificativa de que a criminalidade se encontra ali e, portanto, deve ser combatida.

A guerra às drogas é a tecnologia atuante da colonialidade urbana que, a um só tempo, serve de facilitadora da função primordial do racismo (exploração, controle e eliminação de contingente negro) e caracterização territorial do mito da marginalidade. Esse mecanismo se apresenta socialmente como justificativa para mortes por abandono do estado, chacinas intragrupos (pretos e pobres), genocídio como pretexto de pacificação e uma espécie de sublimação (desvio de tensão) da persona social branca. (Berth, 2023, p. 143)

No caso dos Crimes de Maio, como trouxemos anteriormente, a razão publicizada pela mídia foi a de uma retaliação à atuação do PCC, grupo notoriamente associado ao tráfico de drogas. Além disso, vale lembrar que algumas das integrantes das Mães de Maio sofreram com denúncias sobre envolvimento com o tráfico após passarem a se articular como movimento.

Ainda relacionando raça, classe e gênero, há um importante fator a ser levado em conta para entendermos o perfil das integrantes das Mães de Maio e que diz muito sobre seu papel dentro da sociedade: a ausência dos pais nas famílias periféricas. Segundo dados de um levantamento publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)⁴¹, em 2009, 4,1 milhões de famílias em todo o Brasil eram chefiadas por mulheres. Quando a pesquisa traz os dados de famílias chefiadas por mulheres negras, percebemos a questão da vulnerabilidade financeira. Para termos uma ideia, naquele período, 69% das famílias chefiadas por mulheres negras ganhavam até um salário mínimo.

Podemos dizer que essas mulheres, como pontua Akotirene (2019, p. 30), estão "posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal" e que é necessário um olhar mais atento ao entender os fatores que fazem delas essas sujeitas ativistas. Esses são pontos que demarcam ainda mais a atuação das integrantes do Mães de Maio, exigindo que se leve em conta mais de uma camada para entender sua atuação como um todo, delineando-o um movimento interseccional.

⁴¹ Dados presentes na quarta edição do estudo Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, publicada em 2011 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, pela ONU Mulheres, pela Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM e pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR. A escolha por utilizar esses dados é por serem os mais próximos ao surgimento do Movimento Mães de Maio. Ele está disponível em www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf. Último acesso em 23 jun. 2023.

(...) a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos (Akotirene, 2019, p. 63)

Quando colocamos a interseccionalidade como uma lente para enxergarmos a luta feminina, sobretudo, da mulher negra e, em especial, de movimentos como o das Mães de Maio, entendemos que, além de uma luta por justiça, há mais barreiras a se transpor.

2.4 Mães no front: um recorte sobre a maternidade e os movimentos sociais brasileiros

Mais do que compreender o Mães de Maio como um movimento de mulheres e, além disso, um movimento principalmente formado por mulheres negras e periféricas, acreditamos que seja imprescindível dar destaque ao recorte da maternidade em sua organização e estrutura. Como já citamos no capítulo anterior, esse movimento faz coro a alguns anteriores à sua atuação no Brasil, como as Mães de Acari e as mães do Movimento Candelária Nunca Mais, no Brasil, e, na América Latina, como as argentinas do Madres de La Plaza de Mayo.

Em uma observação empírica, os movimentos organizados por mães e não por pais⁴² são os que tomam destaque na figuração pública. E, aqui, o recorte de gênero pode então trazer luz às questões das emoções, que autores como Castells (2013) indicam como grandes propulsores dos movimentos sociais. Esse recorte feminino é importante, levando em conta a concepção estereotipada de que as mulheres são mais sensíveis e emotivas e que suas ações são pautadas essencialmente por meio de sentimentos.

É um estereótipo social a propensão a que as mulheres se expressem de forma mais emotiva, que sejam movidas por seus sentimentos e pautem suas ações a partir deles. Nesse sentido, há, em geral, maior aceitação a uma mulher que ressalta publicamente os seus sentimentos, em comparação a um homem. (Quintela, 2021, p.886)

Essas emoções podem trazer atenção a esse tipo de mobilização, pois causam comoção. É importante levar em consideração que há toda uma identidade da mulher ancorada em papéis sociais que se inserem no contexto da família e, ainda, uma valorização de atributos geralmente atribuídos a elas, como sensibilidade, expressividade e intimidade.

⁴² Aqui nos referimos a pais como a figura masculina, e não ao uso comum da forma masculina plural que se refere ao pai e à mãe conjuntamente. Isso indica ainda como a dominação masculina é imposta também pela Língua Portuguesa.

Eles são adquiridos por meio da experiência no âmbito privado e se estendem e são incorporados ao domínio público. (Sorj, 2019, p. 113)

Apesar de haver o entendimento de que os movimentos sociais possam estar pautados, em certo nível, pelas emoções e, sendo as mulheres, tão relacionadas a isso, há que se levar em conta o paradoxo de que elas não costumam tomar, tampouco ser aceitas nos espaços públicos, tradicionalmente, ocupados por homens. Considerando que a esfera pública se basearia em princípios como a razão e a impessoalidade e a esfera privada, onde as mulheres teriam situado sua atuação, abordaria relações de caráter pessoal e íntimo, as mulheres estariam posicionadas, exclusivamente, em um ambiente doméstico e familiar. Segundo Biroli (2014, p.21), na esfera pública, os indivíduos são caracterizados como expressões da humanidade ou da cidadania compartilhada por todos. Por outro lado, na esfera privada, é inevitável que eles se revelem em suas singularidades concretas e pessoais.

Somam-se, a essa percepção, estereótipos de gênero desvantajosos para as mulheres. Papéis atribuídos a elas, como a dedicação prioritária à vida doméstica e aos familiares, colaboraram para que a domesticidade feminina fosse vista como um traço natural e distintivo, mas também como um valor a partir do qual outros comportamentos seriam caracterizados como desvios. A natureza estaria na base das diferenças hierarquizadas entre os sexos. (Biroli, 2014, p.21)

É possível dizer então que, essas mulheres, quando se organizam e ocupam os ambientes públicos, além de confrontarem expectativas sociais, mobilizam suas emoções politicamente. Assim, vão de encontro ao que a sociedade espera delas, sobretudo, pelo fato de serem mães. A expectativa social é a de que a maternidade esteja atrelada ao ambiente doméstico e não às arenas públicas (Quintela, 2021, p. 886). As emoções e as motivações desse movimento, então, e também o entendimento de sua atuação exigem um olhar mais cuidadoso à pesquisadora.

As mães do Movimento Mães de Maio estão, em primeiro lugar, em busca de justiça por seus filhos, o que nos faz relacionar suas reivindicações à questão das emoções. Assim, acreditamos que seja pertinente também elencar o fator emocional como mais um determinante. Essa luta por justiça é vista como um "ato de amor" e como um "prolongamento de suas obrigações maternas" (Quintela, 2021, p. 871). Mas mais do que isso, a maternidade para essas mulheres representa uma ferramenta para enfrentar situações cotidianas de tortura e violência por parte do Estado e da sociedade.

Segundo um estudo envolvendo pesquisadores do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da Universidade de São Paulo, da Universidade Federal de Minas Gerais e do Danish

Institute Against Torture, da Dinamarca, ao buscarem justiça, memória e verdade em relação às violências que vitimaram seus próprios filhos, essas mães se transformam em sobreviventes, testemunhas e defensoras dos direitos humanos, buscando legitimidade para suas lutas (De Jesus, et. al, 2022).

Do luto à luta, as chamadas mães ativistas ressignificam sua dor e sofrimento, levando-os da esfera privada a espaços públicos e coletivos de atuação. De acordo com o estudo, a maneira como estas mulheres verbalizam e expõem suas perdas constitui uma ação política enraizada em noções de gênero e mobilizando expressões de angústia, obrigação e sacrifício. (Said, 2022)

Além disso, de acordo com o estudo, quando essas mães buscam justiça para seus filhos, sua primeira reação é uma tentativa de restaurar a moralidade desses indivíduos, contradizendo as autoridades que tentam relacionar as mortes de seus filhos a algum desvio moral ou comportamental. Elas enfatizam que independentemente de seus filhos terem cometido crimes ou estarem envolvidos em atividades ilícitas, nada justifica uma abordagem policial violenta (De Jesus, et al, 2022). "A rotina de ação dessas militantes é orientada por um desejo de justiça, mas, preponderantemente, pela dor, a dor materna pela perda de um filho" (Quintela, 2021). Existem ainda outros elementos que unem essas mães ativistas como a cumplicidade, a solidariedade e a união, não só canalizadas na luta por justiça, mas também no compartilhamento de um sofrimento em comum (Calado, 2018).

Débora aponta que, dentro do movimento que lidera, o poder da fala está intimamente ligado à maternidade, mais do que isso, a uma maternidade que foi violentada com a morte de seus filhos, considerada pelo movimento como um genocídio de Estado.

Ninguém pode falar por esse genocídio, por mais que tentam falar. Uma mãe consegue falar do genocídio, consegue transmitir para outras pessoas, com o consentimento de trazer para a luta. Essa é a nossa potência. Por isso, nunca deixamos ninguém entrar na nossa frente ou falar por nós, queríamos que as pessoas viessem para o nosso lado, porque a gente sabia que poderia mover montanhas. (Silva, 2023b)

Para Castells (2013), "o big bang de um movimento social começa quando a emoção se transforma em ação" e podemos dizer que movimentos como Mães de Maio ganham potência sobretudo a partir da indignação e de emoções como frustração e tristeza. "Suas raízes estão na injustiça fundamental de todas as sociedades, implacavelmente, confrontadas pelas aspirações humanas de justiça" (Castells, 2013, p. 16).

Além do mais, vale lembrar que esse é "um movimento formado por mulheres a quem foi imposta uma dor dilacerante, a interrupção violenta da maternidade, e que se tornaram militantes a partir do amor do filho e da indignação que se seguiu à sua perda" (Quintela, 2021, p. 884).

De um modo geral, elas não eram pessoas engajadas em lutas sociais anteriormente, mesmo vivendo a injusta realidade a que estão submetidas as populações pobres e periféricas. É, então, a partir de uma negação inaceitável - a negação do direito à vida dos filhos e de seu direito à maternidade - que elas transformam a sua raiva, dor e o ultraje em ação, dando início ao movimento social.

É importante lembrar que, mais do que serem importantes para o início dos movimentos sociais, as emoções são vitais para a manutenção dessas mobilizações e também para que mais pessoas se identifiquem e se engajem em torno de suas causas. "No caso do movimento em questão, há identificação do Estado como infrator, como antagonista das militantes, as quais demandam a correção de sua postura, e há a criação de laços de solidariedade entre as mães das vítimas (Quintela, 2021, p. 884).

Débora cita que, apesar da tristeza e da emoção que a situação inspira, sempre orienta às mães que falam em nome das Mães de Maio, e, até mesmo de outros movimentos de mães, que evitem chorar em atos públicos e, sobretudo, ao falar na presença de autoridades de Estado, quando usam os espaços para denunciar a violência pela qual seus filhos passaram e nos quais se apresentam em posições combativas. Ela conta sobre uma ocasião com uma das mães de Paraisópolis, em São Paulo:

Ela chorava, não conseguia falar. Eu sugeria: 'pede um minuto, pede um tempo, não chora para esse povo. Respira fundo e vai. Hoje, ela tem uma potência em sua fala. Ela não quer chorar, ela está cobrando! Ela tem direito ao choro, mas aquele momento é sagrado. É ali, com aquele microfone, que a gente vai se rasgando e já não chora mais. (Silva, 2023b)

2.5 Em rede e nas ruas: a atuação do Movimento Mães de Maio nas redes sociais

Em 2006, ano que o Mães de Maio surgiu, uma plataforma digital despontava como destaque no país, o Orkut. À época, ele foi declarado como a segunda maior rede social do mundo e, a cada dez usuários, sete eram brasileiros. O Brasil tinha 14 milhões de internautas e 11 milhões deles (79%) estavam no Orkut.

A rede criada pelo engenheiro turco Orkut Büyükkökten foi a primeira rede social utilizada pelo Mães de Maio e o marco zero do uso da Comunicação Mediada por Computador (CMC)⁴³ pelo movimento.

Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador (...) Elas conectam não apenas computadores, mas pessoas. (Recuero, 2009, p.16)

Débora conta que, por meio do Orkut, conseguia fazer o primeiro contato com outras mães que haviam perdido seus filhos durante os Crimes de Maio ou, por onde se conectava com aquelas que ela já conhecia pessoalmente. (Silva, 2023b). Isso ajuda a mostrar como, de fato, a CMC provoca mudanças no modo como as interações e as comunicações ocorrem entre os indivíduos dentro de um contexto social, fomentando a convergência e a divergência de diferentes grupos dentro de uma rede social e proporcionando um espaço de expressão livre para suas opiniões e anseios. Essas redes podem ser chamadas de redes sociais virtuais ou digitais e é, por meio delas, que a interação simultânea ou assíncrona entre indivíduos distintos se torna viável, uma vez que supera as barreiras geográficas, temporais e linguísticas que antes representavam obstáculos significativos no processo comunicativo (Berto; Gonçalves, 2011).

O uso da Internet pelos movimentos sociais é pontuado por Castells (2013, p.160): "Embora os movimentos tenham em geral sua base no espaço urbano, mediante ocupações e manifestações de rua, sua existência contínua tem lugar no espaço livre da internet."

Quando as mulheres do Mães de Maio passaram a utilizar o Orkut, elas inauguraram uma nova fase para o movimento. A partir desse momento, ele pôde não só utilizar formas de contato pessoais, indo de casa em casa, em busca de outras mães, mas também compartilhar localmente suas atividades e mensagens em uma rede comunicativa de alcance mundial.

O cenário comunicacional desenhado pelas mídias digitais tem a interatividade como conceito chave, pois a busca por diferentes formas de interação e participação é cada vez mais facilitada pelas novas tecnologias (Berto; Gonçalves, 2011)

Em entrevista ao portal Geledés⁴⁴, em 2020, Débora Maria da Silva afirma que, a partir das interações tanto on-line quanto nas ruas, a rede das Mães de Maio "vai se tornando

⁴³ Não há uma data correta de quando as Mães de Maio passaram a utilizar o Orkut, pois não há registros dessa rede, uma vez que o mesmo foi descontinuado em 2024. Assim, não há dados disponíveis do uso da plataforma do uso pelo movimento, mas estima-se, com base na entrevista com a fundadora que, ainda em 2006, elas começaram a utilizá-lo.

⁴⁴ Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/debora-do-maes-de-maio-luta-por-memoria-meu-filho-morreu-por-ser-preto/>. Acesso em: 08 jun. 2023.

infinita" e que "pode servir de inspiração para que outras mulheres denunciem a violência do Estado, que vitimiza jovens, negros e pobres, no Brasil e no mundo". A fundadora acredita que essa infinidade estará sempre em pauta, enquanto o país for "produtor de Mães de Maio", enquanto a violência não acabar e for necessário se manterem firmes nessa luta. (Silva, 2023b)

O caráter amplificador das redes sociais aumenta ainda mais o alcance de grupos como o Movimento Mães de Maio e tantos outros. Para Débora Maria, seu uso é o ponto principal que difere a atuação do Mães de Maio de movimentos de mães anteriores, como Mães de Acari, por exemplo. Ela pontua que, graças ao uso deles, desde o início, elas puderam se aproximar de outras mães, conhecer e engajar não só outras pessoas, mas movimentos de mães ao redor do Brasil e do mundo (Silva, 2023b).

Ainda que a força das ruas não possa ser atribuída integralmente às redes sociais, a web sem dúvida foi um fator estratégico e central das marchas feministas. Nunca as táticas e a militância das mulheres foram tão potencializadas e produziram reações e alianças na escala que se vê hoje. (Costa, 2018)

Utilizar a Internet no início do movimento não era exatamente uma tarefa simples (Silva, 2023b). Segundo o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), em 2006, apenas 14,5% dos domicílios brasileiros tinham acesso à Internet. Na época, as fundadoras do Mães de Maio não tinham celulares com acesso à Internet e nem computador, assim acabavam indo para lan-houses ou dependiam da ajuda de outras pessoas para acessar a rede. Débora conta também que elas não sabiam utilizar a ferramenta e nem haviam feito cursos, mas que os militantes do movimento, em grande maioria mais jovens, ajudavam a escrever, a publicar fotos e a alimentar a rede.

Fomos mexendo e descobrindo, perguntando para a militância alguma dúvida e aprendendo, porque por mais que a gente tinha muita demanda, a gente tinha que aprender. Até hoje, fomos aprendendo pela dor e aprender com a dor é interessante, porque aprendemos de uma vez só." (Silva, 2023b)

À medida que outras redes iam surgindo e se popularizando, o movimento também começava a adotá-las. Em 2009, o Mães de Maio, além de utilizar o Orkut, passou a organizar um blog, na plataforma Blogspot, por meio do qual realizavam chamamentos para protestos e eventos dos quais faziam parte tanto na Baixada Santista como na capital paulista.

Em uma das primeiras publicações, as Mães convocavam o público para uma manifestação no dia 02 de outubro de 2009, em frente ao Espaço Unibanco de Cinema, em São Paulo, onde seria lançado o filme "Salve Geral" que, segundo as integrantes do

movimento, espetacularizava o sofrimento pelo qual elas passavam. No protesto, elas pretendiam dar sua versão dos fatos apresentados no longa e convocaram os manifestantes a levarem velas, tambores, fotos e camisetas das vítimas dos Crimes de Maio e de outras chacinas.

Nós, familiares, amigos e amigas das vítimas dos ataques da polícia durante uma das maiores chacinas da história brasileira, os "Crimes de Maio" de 2006, não fomos ouvidos durante a produção deste filme hollywoodiano que hoje é lançado sobre a nossa história: "Salve Geral". Não fomos consultados nem convidados pra mais essa festa que os homens armaram pra nos convencer... Viemos contar nossa história real, que também daria um filme... (Mães de Maio, 2009)

Esse não foi o primeiro protesto público realizado pelo Mães de Maio, mas foi o primeiro a ser anunciado por meio de uma ferramenta comunicacional digital. Sites como o Uol, Portal Geledés e a Revista Fórum repercutiram a manifestação e até publicaram na íntegra ou em trechos, o post⁴⁵ publicado no blog. Segundo dados do Google, em 2009, o Brasil era o segundo maior utilizador do Blogger (plataforma online de publicações) no mundo.

O blog Mães de Maio acabou ganhando destaque na blogosfera brasileira naquele período, tanto que, em 2010, elas foram convidadas a participar do 1º Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas, em São Paulo, organizado pelo Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé, pelo alterCom e pelo Movimento dos Sem-Mídia. O objetivo era o de contribuir para a democratização dos meios de comunicação, fortalecer as mídias alternativas e discutir os temas relacionados à internet e à construção de veículos de comunicação alternativos no país (Ramalho, 2010).

Estiveram presentes também diversos blogueiros, usuários do Twitter e formadores de opinião, como os jornalistas Paulo Henrique Amorim, Luis Nassif e Leonardo Sakamoto, cujos blogs estavam entre os mais acessados do país naquele momento. Débora reconhece que o blog do Mães de Maio pautava a imprensa, sobretudo, a alternativa, e que foi graças à existência desses veículos e também à atuação dos blogueiros progressistas que ele havia tomado corpo e se tornado relevante (Silva, 2023b).

Em 2012, elas ingressaram no Facebook, rede que estava em ascensão no período, principalmente, com o novo recurso das fanpages. Por meio dele, as ativistas passaram a compartilhar textos, notícias, imagens, comunicados, cobertura de eventos e, mais do que

⁴⁵ Disponível em <http://maesdemaio.blogspot.com/2009/09/ato-politico-cultural-na-estreia-do.html>. Último acesso em 19 jun. 2023.

meras autoras de conteúdo, elas passavam a receber o retorno de outros usuários das plataformas, por meio das curtidas e dos comentários. Além disso, suas publicações podiam, a partir daquele momento, ser compartilhadas por outras pessoas, fazendo com que o conteúdo chegasse a cada vez mais pessoas. Isso acontece porque "o Facebook viabiliza uma forma de interação social complexa, na qual diferentes signos relacionam-se para compor a mensagem" (Berto; Gonçalves, 2011, p.101).

Em maio de 2024, a página do Movimento Mães de Maio somava mais de 120 mil seguidores⁴⁶, pessoas que se solidarizam com a causa. Esse fenômeno evidencia que os movimentos sociais podem transcender fronteiras geográficas, tornando-se tanto locais quanto globais, graças à capacidade das ações coletivas contemporâneas de compartilhar suas demandas, preocupações, desafios e realizações em plataformas de redes sociais digitais.

Além da fanpage, o Mães de Maio também está no Facebook em um grupo privado, com 2,7 mil membros, criado em 27 de fevereiro de 2012. Ambos estão ativos até hoje.

Em 2018, o movimento passou a utilizar o Instagram como plataforma de compartilhamento de conteúdo. Hoje são 7.620 seguidores e, desde então, foram publicados 239 posts. No mesmo ano, elas também passaram a usar o Twitter, no qual há 711 seguidores. Elas continuam ativas tanto no Twitter quanto no Instagram, porém ambas as redes citadas são muito menos utilizadas quando em comparação ao Facebook.

Acreditamos que isso pode ser explicado por conta das múltiplas semioses que apresenta, trazendo, ao mesmo tempo, plataformas conversacionais por onde os usuários podem interagir e onde se encontram diversos recursos comunicacionais como a postagem de fotos, a publicação de textos e informações escritas de maneiras diversas e o compartilhamento de mídias como sons e vídeos, por exemplo (Berto; Gonçalves, 2011). Além disso, avaliamos que o Facebook permite interações mais amplas do que as outras redes sociais utilizadas pelas integrantes do Mães de Maio, pois, além das curtidas, os usuários podem interagir, comentando as postagens, compartilhando as publicações em suas redes pessoais ou páginas, enviando mensagens diretas via aplicativo de mensagem do próprio Facebook e estabelecendo conexões mais imediatas.

Por conta da robustez da fanpage do movimento que, ainda hoje, é o principal meio de comunicação dessas mães, analisamos quais práticas comunicativas são realizadas a partir

⁴⁶ Dados coletados no dia 23 de junho de 2024.

dessa plataforma, quais temáticas são abordadas em suas postagens, e o que elas representam atualmente; na sequência, apresentamos os achados.

Capítulo 3: O Movimento Mães de Maio nas redes

Neste capítulo, apresentamos uma discussão a partir dos resultados obtidos por meio da coleta dos dados desta pesquisa, levando em consideração o objetivo deste trabalho que é entender de que forma o Movimento Mães de Maio utiliza as redes sociais digitais para se mobilizar e, ainda, quais temáticas, além do movimento em si e dos Crimes de Maio são caros às ativistas ainda hoje.

3. 1. Mapeando as redes

O primeiro passo foi levantar em quais redes sociais o movimento estava presente e quais eram os números de cada uma delas. No Facebook, foram encontrados três resultados referentes ao movimento:

- a) uma fanpage com o nome Mães de Maio⁴⁷, com 119 mil seguidores, ainda ativa e com início em 15 de agosto de 2012;
- b) um grupo privado⁴⁸ com 3,2 mil membros, ainda ativo, criado em 14 de agosto de 2021;
- c) outra fanpage com o nome Movimento Mães de Maio⁴⁹, com 748 seguidores, ainda ativa, criada em 27 de fevereiro de 2012.

No Instagram, encontramos duas contas distintas:

- a) uma conta com o nome Mães de Maio (@movimentomaesdemaio)⁵⁰, com 5.417 seguidores, criada em 29 de março de 2018, ainda ativa e na qual o movimento se classifica como Organização.
- b) outra conta com o nome Mães de Maio | Oficial ® (@maesdemaiooficial)⁵¹, com 1.157 seguidores, criada em 22 de agosto de 2017 e cuja última publicação foi postada em 10 de janeiro de 2018, considerada, portanto, inativa. Não apresenta descrição e nem classificação em seu perfil.

⁴⁷ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio>. Último acesso em 02 jun. 2024.

⁴⁸ Disponível em <https://www.facebook.com/groups/maesdemaio>. Último acesso em 02 jun. 2024.

⁴⁹ Disponível em <https://www.facebook.com/maioaestretas>. Último acesso em 02 jun. 2024.

⁵⁰ Disponível em <https://www.instagram.com/movimentomaesdemaio>. Último acesso em 02 jun. 2024.

⁵¹ Disponível em <https://www.instagram.com/movimentomaesdemaio>. Último acesso em 02 jun. 2024.

Encontramos ainda:

- a) uma conta no X (antigo Twitter), com o nome Mães de Maio (@movmaesdemaio)⁵², com 720 seguidores, criada em março de 2018 e ainda ativa;
- b) uma conta no YouTube, com o nome Mães de Maio⁵³, com 163 inscritos, 14.176 visualizações. Criada em 8 de outubro de 2009 e com 7 vídeos publicados, sendo o primeiro em 2010 e o último em 2017;
- c) um blog, hospedado na plataforma Blogspot, com o nome Mães de Maio⁵⁴, criado em maio de 2009, com 212 posts publicados, cuja última postagem foi incluída em 18 de dezembro de 2014.

Uma vez levantadas as redes sociais utilizadas pelo movimento, foi o momento de selecionar qual delas seria pertinente para o levantamento das estratégias comunicativas⁵⁵ do Mães de Maio. Levando em consideração fatores como a rede estar ativa ou não, haver constância nas postagens e a quantidade de seguidores, a rede escolhida foi a fanpage com o nome Mães de Maio, por ter mais de 120 mil seguidores e publicações quase diárias desde sua criação, em 2012. Além disso, é importante considerar que o Facebook, mesmo após quase 20 anos de sua criação, continua sendo uma rede social relevante no Brasil que é o terceiro maior público do mundo, com 109 milhões de usuários; perdendo apenas para os Estados Unidos, com 175 milhões, e para a Indonésia, com 119,9 milhões (Costa, 2023).

Depois, estabelecemos um recorte temporal para concentração dos levantamentos das postagens e das análises. Foram escolhidos os meses de abril, maio e junho de 2022. A escolha foi motivada por três fatores:

- a) abril é o mês em que o movimento participa do evento tradicional de seu calendário, o Cordão da Mentira⁵⁶;

⁵² Disponível em <https://twitter.com/movmaesdemaio>. Último acesso em 02 jun. 2024.

⁵³ Disponível em <https://www.youtube.com/user/maesdemaio>. Último acesso em 02 jun. 2024.

⁵⁴ Disponível em <http://maesdemaio.blogspot.com>. Último acesso em 02 jun. 2024.

⁵⁵ Pensamos de início estar diante de estratégias de comunicação, mas no avançar da pesquisa e do próprio referencial teórico, deparamos com incoerências e práticas em redes sociais que não são planejadas, como pressupõe o conceito de estratégia discutido por Certeau. Assim, em diversos pontos desta pesquisa, compreendemos que se tratava de "táticas".

⁵⁶ O Cordão da Mentira acontece anualmente em São Paulo no dia primeiro de abril. O evento é organizado por artistas e ativistas com o objetivo de lembrar os crimes de Estado do passado e atuais, como tortura, assassinatos e desaparecimentos, que persistem apesar do fim da ditadura. Os manifestantes percorrem ruas do centro da cidade durante o trajeto do Cordão. Mães de vítimas da violência policial de todo o Brasil, incluindo, o Movimento Mães de Maio, participam todos os anos. Em 2023, o movimento chegou à décima-primeira edição.

b) maio, por ser o mês em que aconteceram os crimes que motivaram o movimento, além de ser Dia das Mães, uma data significativa para as integrantes e ;

c) junho, por ser um mês sem eventos pontuais; para efeitos de comparação.

Essa possibilidade de pesquisa foi consolidada a partir de um levantamento realizado no segundo semestre de 2022 sobre as postagens publicadas na página no Facebook do Movimento Mães de Maio e que passou por observações e análises durante os meses subsequentes. Esse levantamento traz as publicações e também um registro categorial dessas postagens o qual será explicado posteriormente com mais detalhamento nesta pesquisa.

3.2. Entendendo a escolha metodológica

Escolhidos a rede social e o período de análise, e realizada a coleta dos primeiros dados no período estipulado, buscamos um procedimento metodológico que desse conta, naquele momento inicial da pesquisa, de um levantamento quantitativo, sendo assim, a opção levantada foi a da Análise de Conteúdo (AC), que merece um olhar mais cuidadoso quanto à questão de seu caráter numérico e, por esse motivo, foi seguida de novas inferências para interpretar de forma mais completa os resultados.

O método, conhecido por trazer bons resultados às pesquisas em Comunicação, "tem demonstrado grande capacidade de adaptação aos desafios emergentes da comunicação e de outros campos de conhecimento" (Fonseca Jr., 2005, p. 280) .

Nós levamos ainda em consideração que, segundo Bardin, uma das grandes teóricas do método, "a técnica consiste em classificar diferentes elementos nas diversas 'gavetas' segundo critérios susceptíveis de fazer surgir um sentido dentro de uma 'confusão' inicial" (Bardin, 2016, p. 43) e acreditamos que essa comparação possa ser bastante pertinente em se tratando de analisar as redes sociais do Movimento Mães de Maio.

Para além da Análise de Conteúdo, nesse caso específico da análise de elementos advindos das redes sociais, foi necessário recorrer à Análise de Conteúdo Categorial, apresentada por Sampaio e Lycarião (2021), que permite destrinchar ainda mais as possibilidades analíticas. No entanto, antes de nos aprofundarmos nesse conceito, é importante lembrar que, primordialmente, a AC é:

(...) uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos. (Sampaio; Lycarião, 2021, p. 17)

Apesar de utilizada anteriormente, Sampaio e Lycarião (2021) destacam que as primeiras incursões em direção a uma abordagem científica da AC ocorreram principalmente na análise quantitativa de jornais, rádios e influências das mídias de massa a partir de 1890. Posteriormente, durante as Grandes Guerras do século XX, o método AC emergiu no contexto das comunicações políticas, visando preencher a lacuna na mensuração dos padrões presentes nas mensagens midiáticas e propagandas de guerra.

Eles pontuam que, nessas ocasiões, havia uma preocupação sobre os possíveis efeitos das mensagens dos meios de comunicação de massa nas pessoas e graças à necessidade de analisá-las, a técnica da AC quantitativa passou a ser bastante adotada e aperfeiçoada. Assim, para além do uso na comunicação política, ela se tornou muito utilizada na área de humanidades (Sampaio; Lycarião, 2021, p.6-7).

Apesar de ter sido amplamente difundida, a AC não ficou longe de sofrer críticas, passando por ciclos de grande reconhecimento (como o período citado acima), mas também de questionamentos. Na década de 1970, por exemplo, alguns pesquisadores marxistas entendiam que, graças à origem positivista do método, ele não conseguiria se aproximar de maneira crítica e ideológica suficientemente dos meios de comunicação de massa. No entanto, outros pesquisadores - também marxistas - contestaram essa opinião, levando em conta o fato de que "o trabalho crítico não se define pelas técnicas de pesquisa que utiliza" (Fonseca, p. 281).

Na década de 1990, com a popularização da Internet e a possibilidade de acesso on-line de arquivos de jornais, programas de rádio e televisão, a AC foi trazida novamente ao destaque, renovando o interesse científico por esse método.

No Brasil, existem poucas pesquisas que buscam entender a aplicação da AC (Sampaio; Lycarião, 2021). Globalmente, o nome mais referenciado sobre o assunto é Laurence Bardin que, nos anos 1970, lançou um livro intitulado "Análise de Conteúdo", no qual conduz o pesquisador em um passo a passo para a aplicação das técnicas, de forma didática, detalhada e muito acessível.

Bardin pontua que as fases da AC devem incluir: a pré-análise dos dados coletados; a exploração do material; e, por último, o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação. Essas fases podem ser identificadas nesta pesquisa com bastante clareza. A pré-análise deu-se a partir das postagens da fanpage do Movimento Mães de Maio coletadas e organizadas nas

tabelas; em um segundo momento, realizamos a exploração deste material, entendendo e classificando as características das publicações. Por último, chegamos à fase da interpretação dos resultados obtidos, que estão sendo abordados neste capítulo. Sobre a AC, Bardin lembra ainda que ela é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 2016, p. 48)

Sampaio e Lycarião (2021) assumem que a AC é uma técnica híbrida, não podendo ser vista apenas como quantitativa, mas também qualitativa, visão corroborada também por Klaus Krippendorff, que define a análise de conteúdo como "uma técnica de pesquisa que objetiva criar inferências válidas e replicáveis de textos (ou outro conteúdo significativo) para os contextos de seu uso" (Sampaio; Lycarião, 2021, p.16). Ele ainda pontua que a técnica deve envolver procedimentos especializados e deve se basear em três princípios básicos da ciência: validade, confiabilidade e replicabilidade.

Em uma tentativa de não reconhecer a AC em uma metodologia que se limita a resultados quantitativos, Sampaio e Lycarião (2021) trazem uma definição que soa muito mais pertinente aos objetivos de nossa pesquisa:

Análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos. (Sampaio; Lycarião, 2021, p.18)

Se a intenção desse trabalho é exatamente o de entendermos os processos comunicativos do Mães de Maio por meio do uso das redes sociais digitais precisamos levar em conta que:

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (Recuero, 2009, p. 24)

E também que o estudo das redes sociais na internet se concentre na compreensão de como as estruturas sociais se originam, que formas assumem, como são moldadas pelas

ferramentas digitais e pela intensa midiaticização da sociedade, e como essas interações podem conduzir a fluxos de informações e trocas sociais que influenciam essas estruturas e também que uma análise abrangente dessas redes requer ainda a investigação dos seus componentes individuais e dos processos em constante evolução que as caracterizam (Recuero, 2009). Considerando tudo isso, vamos nos concentrar na Análise de Conteúdo Categorical apresentada por Sampaio e Lycarião (2021) para alcançar nossos objetivos de pesquisa uma vez que os autores defendem que ela viabiliza a elaboração de inferências sobre um determinado conteúdo e que, para alcançar esse objetivo, os pesquisadores devem realizar a codificação deste conteúdo, aplicando códigos que formam categorias específicas.

3.3. Unidades de análise das redes sociais do Movimento Mães de Maio

Segundo Sampaio e Lycarião (2021), uma das escolhas fundamentais no planejamento da pesquisa em análise de conteúdo é a determinação da unidade de análise, bem como a identificação de eventuais subunidades de análise.

Em outras palavras, qual é a unidade de conteúdo sendo investigada (são posts de uma rede social? Editoriais de jornais? Prontuários de pacientes? Projetos de lei? A transcrição de falas de discursos de parlamentares?) e exatamente como o conteúdo está sendo analisado, ou seja, cada palavra está sendo avaliada, ou são frases, ou ainda parágrafos? Ou a unidade de análise é o texto como um todo? São questões que precisam de respostas inequívocas, inclusive para fins de transparência, confiabilidade e replicabilidade da pesquisa. (Sampaio, Lycarião, 2021, p 51).

No caso desta pesquisa, as unidades são as postagens da fanpage Mães de Maio no Facebook, realizadas nos meses de abril, maio e junho de 2022, conforme já apontamos anteriormente; organizadas inicialmente em subunidades: data, assunto, tipo de post (só foto, só texto, só vídeo, foto com texto, vídeo com texto, notícia), tipo de conteúdo (post com comentário, post sem comentário, repost com comentário, post sem comentário), tipo de autoria (própria ou não), números de curtidas, compartilhamentos e comentários, e utilização ou não de hashtags que podem indicar etiquetas temáticas.

3.3.1. Entendendo o período analisado: rua e rede

Nos três meses selecionados, foram levantados um total de 146 posts, sendo 60 em abril, 32 em maio e 54 em junho. Analisando esses números, percebemos que os meses de abril e junho têm uma quantidade próxima de posts, mas, em maio, essas postagens caem

quase pela metade, muito embora este seja um mês significativo dentro do contexto do movimento. A justificativa pode estar no fato de que, durante maio de 2022, mês em que os Crimes de Maio são lembrados e, ainda, o mês em que se comemora o Dia das Mães, essas ativistas estiveram mais nas ruas do que nas redes, inclusive, se deslocando da Baixada Santista.

Para entendermos melhor essa atuação nas ruas nesse período, selecionamos duas postagens, ambas do dia 14 de maio. A primeira⁵⁷ é o “repost” de um álbum de fotos referentes ao protesto realizado em Brasília, no dia 12, organizado pela Coalizão Negra por Direitos, em parceria com movimentos de mães de vítimas do Estado. Estavam presentes além das ativistas do Movimento Mães de Maio, as Mães de Manguinho e as Mães da Maré. Juntas, elas mobilizaram sete partidos políticos para que fosse protocolada no Supremo Tribunal Federal uma ação por meio da qual reivindicam a garantia de direitos da população negra que não foram plenamente garantidos desde a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888. Na petição, esse evento é referido como "Dia da Abolição Inconclusa" (Mendonça, 2022).

Figura 3 - Mães de Maio protestam em frente ao Supremo Tribunal Federal, em Brasília.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio

⁵⁷ Disponível em

<https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/pfbid02M3OB2CgPyJcM2b5cH7MrK9NQnD9TyiXjjf5zFN6vzBhmAEwj47i93GPYgBm4NTNQL>. Último acesso em 21 abr. 2024.

Já a outra postagem⁵⁸ trazia uma matéria do site A Ponte a respeito de um protesto no qual as manifestantes se concentraram, na noite de 13 de maio, próximo ao prédio do Ministério Público de São Paulo, para onde caminharam segurando velas e fotos das vítimas. Elas também espalharam tinta vermelha pelo chão, simbolizando o sangue de seus filhos.

Figura 4 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 14 de maio de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Isso pode sinalizar que, apesar de presente nas redes sociais, o Mães de Maio não deixa de lado as manifestações nas ruas. Importante também destacar que a fundadora Débora Maria explicou que, durante eventos, a rede social que elas mais utilizam é o Instagram, publicando fotos e vídeos na modalidade de *stories*, mostrando o que está acontecendo de maneira mais imediata (Silva, 2023a). Além disso, este tipo de publicação fica disponível por apenas 24 horas aos usuários.

⁵⁸ Disponível em <https://ponte.org/maes-de-maio-cobram-ministerio-publico-por-crimes-de-2006-e-declaracao-de-promotora-que-caluniou-movimento/>. Último acesso em 21 abr. 2024.

3.3.2. Números, tipos de posts e autorias

Dando continuidade à análise das publicações, retomamos a quantidade geral de posts. Inicialmente, tínhamos um total de 148 postagens, no entanto, no tratamento dos dados do período de três meses, percebemos que algumas publicações não traziam relevância à pesquisa, segundo dois critérios de exclusão: não foram considerados e nem constam da contagem posts como trocas de avatar, trocas de capa e imagens aleatórias, sem vínculos a alguma temática. Desse modo, ficou estipulado um universo de 136 posts. Entre eles, observamos:

- a) tipos de posts: dez apenas com foto; quatro apenas com texto; oito apenas com vídeo; 80 com foto acompanhada de texto; 16 com vídeo acompanhado de texto e 18 de notícias;
- b) tipos de conteúdo: 15 posts com legenda; 19 posts sem legenda; 10 reposts com legenda e 92 reposts sem legenda;
- c) tipos de autoria: 15 posts de autoria própria, 121 posts sem autoria própria.

Levando em consideração os tipos de posts, percebemos que, em sua maioria, as publicações trazem elementos de apoio, como fotos, vídeos e notícias acompanhando os textos. Apenas quatro deles têm apenas textos. Essa presença relevante de elementos imagéticos como apoio para as postagens, pode representar o grande diferencial do Facebook frente às redes sociais anteriores a ele como o X (antigo Twitter), por exemplo, que é a utilização de diferentes linguagens pelos usuários, possibilitando "diversas formas de interação social através de quatro semioses: a escrita; a associação de fotos, conteúdos audiovisuais e imagéticos; a convergência entre as diversas plataformas digitais por postagem de links; e a possibilidade de comunicação não verbal pouco explorada em outras redes sociais" (Berto, 2011, p. 105).

Ainda sobre os tipos de posts, vale destacar que 18 deles traziam notícias. Em abril, foram compartilhadas seis notícias, sendo três da chamada mídia tradicional (A Tribuna⁵⁹,

⁵⁹ Disponível em <https://www.tribuna.com.br/noticias/policia/maniaco-da-peruca-vai-a-juri-popular-em-santos-por-assassinatos-d-e-donos-de-clinica-odontologica>. Último acesso 25 abr. 2024.

Terra⁶⁰ e G1⁶¹) e três de veículos independentes (A Ponte⁶², Outras Palavras⁶³ e TVT⁶⁴). Duas delas falam sobre o prêmio que Débora Maria ganhou no Festival de Cinema de Málaga; como melhor atriz coadjuvante pelo filme A Mãe.

Em maio, apenas duas notícias foram compartilhadas, uma de veículo da mídia tradicional (G1⁶⁵) e outra da mídia independente (A Ponte⁶⁶). A notícia do G1 apresentou um desdobramento sobre o Caso Miguel, em que o menino Miguel Otávio de Santana, de cinco anos, caiu de um prédio de luxo em Recife resultando em sua morte. Já a notícia do site A Ponte trouxe o protesto das Mães de Maio em frente ao Ministério Público em São Paulo, o que pode indicar que a manifestação não foi coberta pela mídia tradicional.

Em junho, foram compartilhadas seis notícias, sendo duas de veículos da mídia tradicional (Uol⁶⁷ e Terra⁶⁸) e quatro da mídia independente (Tijolaço⁶⁹, Portal Geledés⁷⁰,

⁶⁰ Disponível em

https://www.terra.com.br/visao-do-corre/pega-a-visao/debora-silva-de-mae-em-luta-e-luto-a-atriz-premiada.dc237893920fc288e69a9d111934c23eg8b0ipm4.html?utm_source=clipboard. Último acesso 25 abr. 2024.

⁶¹ Disponível em

<https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2022/04/13/profissao-reporter-registra-como-a-ausencia-paterna-marca-a-historia-dos-filhos-a-vida-inteira.ghtml?fbclid=IwAR1MuGMTbLCjr6HN6KXzsO7GhgoZ-WxGENVNOdWkqad9d116h0fZwaYdZI>. Último acesso 25 abr. 2024.

⁶² Disponível em

<https://ponte.org/relator-da-onu-recomenda-descriminalizacao-das-drogas-para-combater-a-violencia-policial-no-brasil/?fbclid=IwAR3K1dngmqTWS65aPtbWD04RK3XDtNkLenDdnpB5qH34iVTEYpJs9tgZLGc>. Último acesso 25 abr. 2024.

⁶³ Disponível em

<https://outraspalavras.net/mercadovsdemocracia/pochmann-e-a-politica-estupido/?fbclid=IwAR3srWUArAKkO2-IGOIIOcy-L0u-sZTnMF0bPNjUCxZTtmaMwJkC0hEAgFA>. Último acesso 25 abr. 2024.

⁶⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AV8M9LUhWvw>. Último acesso 25 abr. 2024.

⁶⁵ Disponível em

<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/05/31/caso-miguel-sari-corte-real-e-condenada-a-8-anos-e-seis-meses-de-prisao.ghtml?fbclid=IwAR28AF66Ce0eWZyKxnCPvVtqYOcZkba5981faPDAOXBYqn2IE-fmVrNnpWE%22>. Último acesso 25 abr. 2024.

⁶⁶ Disponível em

https://ponte.org/maes-de-maio-cobram-ministerio-publico-por-crimes-de-2006-e-declaracao-de-promotora-que-caluniou-movimento/?fbclid=IwAR0E41VOhvA8QAc5qbEMm_ohfztesmKfIP5_FEiPhEbS-WCPCzbSW8fymMzk%22. Último acesso 25 abr. 2024.

⁶⁷ Disponível em

https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/06/22/policia-pede-prisao-preventiva-de-procurador-que-agrediu-colega-em-registro.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral&fbclid=IwAR3g3ASe_drnXXZBgx120KQTnZCpX6F0gPA7sh8TvLkVJfWDMFPbTTeVJYI%20%20%22. Último acesso 25 abr. 2024.

⁶⁸ Disponível em

https://www.terra.com.br/noticias/menino-de-13-anos-morre-apos-ser-agredido-por-adolescentes-da-mesma-escola.27e32e303ae5e4429c86cbc29c8d2bd7gicligxt.html?utm_source=clipboard%22. Último acesso 25 abr. 2024.

⁶⁹ Disponível em

https://tijolaco.net/mais-presos-mais-penas-mais-custo-mais-dor-e-mais-crimes/?fbclid=IwAR1zKtq0KNsvk38TEODKx0jh7939CJ3BF8IuV2chMp5PS4un3JnV9qHy5hO#google_vignette. Último acesso 25 abr. 2024.

⁷⁰ Disponível em

https://www.geledes.org.br/os-cotistas-desagradecidos/?fbclid=IwAR3302QKq_GhSnvXWZTsDK7nPbrfn_uwj-_cAkxo9CIE2Uqww2yvNvkQQ4. Último acesso 25 abr. 2024.

Frequência Caiçara⁷¹ e A Frente Jornalismo⁷²). Chama a atenção a variedade dos temas abordados: problemas no sistema penal brasileiro; imigração no início do século XX; despejo de uma comunidade periférica em Santos; a morte de um adolescente após sofrer bullying na escola e a execução do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips. Nenhuma dessas matérias tem relação direta com o Movimento Mães de Maio, ao contrário dos meses anteriores, quando havia postagens com notícias relacionadas ao grupo. Mais à frente, entraremos com mais profundidade na análise das temáticas das publicações da fanpage.

Ainda sobre a presença das notícias nas postagens do Movimento, notamos que, das 18 publicações, oito eram matérias de veículos da mídia tradicional e dez de veículos independentes. Esses veículos independentes são tidos pelo Mães de Maio como sites realmente independentes, nos quais elas confiam e que foram sugeridos por elas mesmas como fonte de informações concretas a respeito do movimento (Dara; Silva, 2015, p.100).

Quanto ao tipo de conteúdo, percebemos que grande parte é de reposts de outras páginas ou perfis pessoais. Dos 136 posts, 102 foram repostagens, sendo que 10 trazem legendas e 92 deles não trazem nenhuma legenda. Desses reposts, 13 têm origem do perfil pessoal da fundadora do Movimento Mães de Maio, Débora Maria, que é também uma das administradoras da fanpage. Existem reposts também de páginas como Anistia Internacional Brasil, da Rede de Observatórios de Segurança, do juiz Luiz Carlos Valois, da deputada federal Talíria Petrone e de sites de notícia⁷³ como Frequência Caiçara, Esquerda Diário e Jornal do Brasil. A variedade de fontes não aparenta um padrão de escolha, porém é notório que são de páginas com um alinhamento ideológico mais progressista e vinculado à pauta de direitos humanos. Outro ponto de atenção é a quantidade de reposts tão acentuada, que pode mostrar uma possível falta de estratégia na curadoria e escolha do que é postado na fanpage.

Mais um indicador que pode significar essa ausência de um planejamento para as postagens é que das 136 publicações, apenas 15 são de autoria própria das Mães de Maio, ou seja, que não foram postadas a partir de outras fanpages ou que não sejam apenas divulgação

⁷¹ Disponível em https://frequenciaaicara1.wordpress.com/2022/06/14/justica-determina-ordem-de-despejo-de-70-familias-que-residem-ha-vinte-anos-em-imovel-abandonado-em-santos/?fbclid=IwAR1AS0xPe_4Qvww9sTBkp4vo0zF0LfJIPkHtZiDCaSUIrOMSYJSyN45I_z0. Último acesso 25 abr. 2024.

⁷² Disponível em https://afrontejornalismo.com.br/bruno-e-dom/?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAR0xIQtO2btCuOnLTT-8kRAjAPs_tftdKzNmK36u_TKO4hvaKmR5CL3aRYY_aem_Af5bR66kO5bbb50A3VKuAWftXNS4hLhOlStJi-0sn_nLW4_fPmMwEu5GDJvZW5lkxYAJ5u_nK1tjzN9SEx7cSZE-S. Último acesso 25 abr. 2024.

⁷³ Essas postagens não traziam notícias que estavam publicadas em seus sites, mas postagens feitas diretamente nas fanpages dos veículos.

de links externos com autoria de terceiros, mas que se trata de posts escritos e produzidos pelos autores da fanpage. Desse universo de 15 posts, vale atentar para o fato de que, nove deles são referentes ao próprio movimento às suas integrantes ou aos Crimes de Maio, conforme analisamos nos posts abaixo⁷⁴:


Tabela 1: Postagens com autoria própria na fanpage Mães de Maio

	data	legenda	resumo da postagem	link da postagem
1	16/04/2022	<p>https://youtu.be/AV8M9LUhWvw Filme "A Mãe " Em breve nos cimenas Brasileiro. A Cara do Brasil 😞😭 Rebeldias tod 🌹 s Tudo bem! Segue um pouquinho de nós "Mães e filhos" Mais uma vez, nós mostramos, que a teoria sem a prática não trás a perfeição transformadora. Ser #humilde,nunca será sinônimo de pobreza A terioria sozinha podemos afirmar é pobreza de espírito,de uma lógica,com a palavra dos Egos (eu,meu),só na cabeça de mentes pobre. Os oportunistas sim,podemos também disser,são pobre de espírito,usam suas falas,seus conhecimentos no cópia e cola e diz "É meu,eu fiz" 😞😡 Respeito, Humildade é positivismo é o caminho da Vitória. Obrigada, Ao diretor,Cristiano Bullan e equipe 🌹🌹 Juntos Samos mais fortes! Feliz Páscoa 🐰 a Tod 🌹 s</p>	<p>A postagem se refere ao filme A Mães, do qual a fundadora do Movimento Mães de Maio, Débora Maria da Silva faz parte. Junto da postagem foi postado um link referente ao filme.</p>	<p>https://www.facebook.com/maes.demais/posts/2513596898775995</p>
2	22/04/2022	<p>Felipe Freitas - BA 🙌🙌😄🍷 Tive a honra de ter um artigo meu e de minha colega Marta Machado citado no voto do ministro Rogério Schietti que trata da abordagem policial. Na importante decisão o STJ entendeu que a prática da busca pessoal, conhecida no Brasil como baculejo ou</p>	<p>O post é uma se trata de uma reprodução ipsis literis de uma mensagem recebida por um militante do Movimento Mães de Maio, seguida dos prints do artigo</p>	<p>https://www.facebook.com/maes.demais/posts/2518058428329842</p>

⁷⁴ As legendas dos posts foram reproduzidas exatamente como estão nas publicações, sem correções da Língua Portuguesa formal e também incluindo os emojis, próprios da linguagem da Internet.

		enquadro, depende da existência de fundadas razões que possam ser concretamente aferidas e justificadas a partir de indícios. Denúncia anônima, intuição policial ou mesmo abordagens "de rotina" não são suficientes para autorizar a medida, um avanço muito significativo na jurisprudência.	publicado.	
3	03/05/2022	<p>Hoje, dia 03 de maio completa 4 anos da morte da nossa querida Vera Lúcia Gonzaga. Quatro longos anos de ausência de uma pessoa amorosa e potente. Potente no olhar e amorosa quando se expressava em poucas palavras. De sua partida em 2018 até aqui, quantas outras vidas de mães que perderam suas/seus filhas/os foram sentidas? E mais ainda, quantas/os outras/os filhas/os foram ceifadas/os do bem mais precioso que temos – a vida – pelo projeto de extermínio das/os nossas/os jovens, moradores das periferias de todo o país?</p> <p>Para as pessoas que acompanhavam a luta por justiça que Verinha travou pelo assassinato de sua filha e neta (ainda no útero), muitas perguntas permanecem sem repostas, mas a que se torna latente é até quando essas mães viverão sem resposta?</p> <p>Até quando será tolerada a impunidade que está impregnada dentro das instituições que afirmam existirem pela justiça?</p> <p>Que justiça é essa que não investiga porque já tem o resultado expresso desde suas raízes e em consequência criminaliza o jovem assassinado, carregando de estigmas sua conduta – porque em sua maioria é preto, pobre e “favelado”?</p> <p>Mais ainda, até quando o Ministério Público se calará diante do vergonhoso massacre de maio de 2006 com o assassinato de mais de 500 jovens em todo o estado de São Paulo? Para nós resta a certeza da impunidade que também reina na fragilidade democrática, não só em contextos ditatoriais.</p> <p>Quantas mães ficarão adoecidas (além das que ainda resistem) sem o acalento de saber que os responsáveis pelas mortes de suas/seus filhas/os serão responsabilizados?</p>	<p>O post se trata do aniversário de morte de Vera Lúcia Gonzaga, uma das mães fundadoras do Movimento Mães de Maio. A publicação traz um vídeo autoral junto de uma foto de Vera.</p>	<p>https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2527763320692686</p>

		<p>Quantas mães deverão morrer – também criminalizadas – sem conhecer a tão falada justiça para todas e todos? Sim! Mães criminalizadas e a total falha do Ministério Público quando permitiu a apresentação de um vídeo com falas caluniosas contra as mães que tiveram seus filhos assassinados pelo braço armado do Estado, ignorando o pedido para a retirada desse vídeo das plataformas digitais.</p> <p>O Ministério Público que deveria buscar a defesa da dignidade humana, prestou um desserviço à população quando solicitou o arquivamento desses crimes, permitindo e caluniando ainda mais as mães que lutam e querem a verdade, a memória e a justiça.</p> <p>Essa prática reforça a tentativa de desmoralizar a mobilização e a luta das mães, perpetuando a impunidade que vem sendo praticada pelo órgão que deveria ser público e investigativo.</p> <p>Verinha se foi como tantas outras mães e para nós, suas companheiras/os de luta, resta reafirmar que não nos calaremos diante de tanta barbárie.</p> <p>Jamais esqueceremos e nunca aceitaremos o adoecimento e a morte de mães que seguem em luta contra o genocídio desenfreado das/os nossas/os filhas e filhos.</p> <p>De Verinha guardamos saudades infinitas e a tristeza de não podermos mais partilhar de sua convivência, mas herdamos sua força e convicção de que algo precisa ser feito, e assim seguiremos – na (re)existência e na luta!</p> <p>Reafirmamos que nossos mortos têm voz e tem mães!</p> <p>Reafirmamos que nossa luta por justiça tem memória!</p> <p>E porque somos sementes, Vera Lúcia Gonzaga estará sempre em nossos corações!</p> <p>#ministériopúblicotemqueserpúblico #respeitemasmãesdemaio #controlesuaspolícias #crimesdemaionãooficounopassado #crimesdemaioacontecetododia</p>		
4	04/05/2022	sem legenda	Vídeo de um grafite em homenagem à	https://www.facebook.co

			fundadora do Movimento Mães de Maio, Débora Maria da Silva, sendo realizado	m/reel/1200484050707497
5	08/05/2022	 Feliz Dias das #Mães	Duas colagens com diversas fotos, em formatos de coração. Na primeira imagem aparecem fotos de algumas das vítimas dos Crimes de Maio, com a frase "Amor e Saudade" no centro da montagem. Na segunda imagem, outra montagem com cinco fotos de integrantes do movimento, com a frase "Amizade para sempre!", ao centro.	https://www.facebook.com/maes.dem.aio/posts/2531623710306647
6	09/05/2022	Sem legenda.	O post é um compartilhamento de uma lembrança da própria fanpage do movimento, cuja autoria também foi própria. Trata-se de uma foto lembrando o aniversário de oito anos do movimento, em 2014.	https://www.facebook.com/maes.dem.aio/posts/pfbid02v3rTayBcHrA51hiLOYEZvA5BW8amJPf3aLusWxfDpu9TCW19QVwxc6rGtGfpVtCgl
7	09/05/2022	Mais um mãe nós deixou no Maio Joelma se vai por não suportar A dór da morte de um filho "Lucas" Respeitem essa dór Não Sejam tão covarde Brazil. Palavras de Joelma Corrêa 🖐🖐 No dia 8 de Maio de 2020. 🌻 Hoje eu sei que não existe um "manual" de como sobreviver sem aqueles que amamos 😊... aliás eu sempre soube. 🕊️ A gente simplesmente vai seguindo dia a dia e aprendendo e se virando nos "trinta" ... E por mais que a gente ache que sabe, a gente progride e regride todos os dias... Tem mães que não aguentam falar ou ver algo do filho, outras precisam ver e "sentir" eles o tempo todo...	O post aborda sobre a morte de Joelma Corrêa, uma das integrantes do movimento, que também teve um filho vitimado durante os Crimes de Maio. A publicação ainda reproduz um texto escrito pela própria Joelma sobre o luto por Lucas e traz uma montagem da mulher com seu filho.	https://www.facebook.com/maes.dem.aio/posts/pfbid0xF5r2IMDGuGeKMRZX4SBYzZmfHr1S9PJXnjCcJGfu7gNMFZNN35VL7m7yctuOpQpl

		<p>Outras ficam " rebeldes" e revoltadas e outras simplesmente não falam mais... Vivi, senti e vi de tudo um pouco nesta caminhada sem meu filho... Continuo aprendendo, desaprendendo, chorando e crendo todos os dias! Uma luta diária onde sempre dou o primeiro passo 😞... um passo de cada vez,e as vezes dois para trás,mas vou tentando 🙏 Só quem viu partir um filho como eu sabe o que é ter que começar , recomençar, desistir e lutar todos os dias 🙏 Por:🙏Joelma Corrêa. 😞😞😞😞😞😞😞😞😞</p>		
8	12/05/2022	<p>12 de Maio - Dia das vítimas do estado terrorista brasileiro - Dia de Luta das Mães de Maio. Dados publicados no Livro "Mães em Luta - Dez anos dos crimes de maio de 2006", organizado por André Caramante e produção da Ponte Jornalismo</p>	<p>A publicação vem acompanhada de nove ilustrações e infogramas com dados sobre os Crimes de Maio, produzidos pelas Mães de Maio, em parceria com o jornalista André Caramante e o veículo independente Ponte Jornalismo.</p>	<p>https://www.facebook.com/maes.dem.aio/posts/pf.bid0kNJ8g5.Ee3mARoBJP4AjKWVRWVeCj1VTPZqThe3arPqVNafHJVLkHYzN4ha7YVthNI</p>
9	06/06/2022	<p>Vera,,Presente,,Sempre! 🇧🇷 Sua luta contínua árdua 🇧🇷</p>	<p>A postagem faz alusão à integrante Vera Lúcia Gonzaga, uma das fundadoras do movimento, morta em 2018, acompanhada de uma foto em preto e branco de Vera em um protesto do movimento.</p>	<p>https://www.facebook.com/maes.dem.aio/posts/pf.bid02RWfc73LfSTVq4iNz1coaWBzmtwZu7fKYNZgJroBeRdqnpLaJZCZouoDgfjPmvpCMI</p>

Levantamos também o uso das hashtags pelo movimento durante o período. Uma hashtag é uma palavra ou frase precedida pelo símbolo # (*hash*, em inglês) e que pode ter diversos usos, como marcar mensagens como parte de um grupo específico ou torná-las relevantes para determinados tópicos ou assuntos. Elas servem como pontos de referência para que os usuários encontrem e se conectem com outros que compartilham interesses semelhantes, além de facilitar a articulação de listas de contatos ou apoios públicos. Podem

ser usadas também de maneira informal para contextualizar uma mensagem, sem a intenção de categorizá-la para busca posterior ou compartilhamento (Costa-Moura, 2014).

O uso das hashtags no período analisado foi bem tímido. Elas apareceram em apenas dois dos 136 posts válidos e foram as seguintes: #ministériopúblicotemqueserpúblico, #respeitemasmãesdemaio, #controlesuaspolícias, #crimesdemaionãoficounopassado, #crimesdemaioacontecetododia, #ouçam as Mães, #Crimesdosmaios, #Fimdoracismo, #Serpobrenãoécrime, #bastadechacinas, #paremdenosMatarem e #nóspornósmesmo.⁷⁵

É interessante considerar como as hashtags se constituem e quais podem ser suas funções. Elas vêm acompanhadas do símbolo # sucedido de alguma palavra ou expressão-chave. Essa combinação se torna "um hiperlink indexado pelos mecanismos de busca" (Langner; Zuliani; Mendonça, 2015, p. 8), além disso, uma hashtag pode ser usada "para aumentar o alcance e promover o engajamento do seu público" (Orlandini, 2022, p.136). No caso das publicações da fanpage Mães de Maio, as hashtags parecem aleatórias e não intencionais, deixando de lado um grande potencial que seu uso pode ter dentro de uma estratégia ciberativista, que é engajar os usuários a respeito de uma determinada luta ou protesto. A aleatoriedade, o uso escasso e até mesmo algumas hashtags escritas de maneira errada ou com termos longos podem denotar uma incompreensão sobre sua função.

3.3.3. Curtidas, compartilhamentos e comentários

O Facebook, assim como outras redes sociais, constrói um "espaço social no cotidiano dos atores, gerando práticas que ressignificam seus usos" (Recuero, 2014, p 114). Um desses elementos ressignificados é a conversação, que é reelaborada a partir das ferramentas "curtir", "compartilhar" e "comentar".

Assim, as curtidas, os comentários e os compartilhamentos foram levados em conta nesse levantamento pois funcionam como "termômetros da audiência e permitem entender como os seguidores se relacionam com o conteúdo" (Bueno; Silva; Reino, 2019) .

a) Curtidas

Os usuários das redes sociais utilizam a função "curtir" como uma maneira de participar da conversação sem, necessariamente, se comprometer com uma resposta, mas visibilizando a sua participação. Curtir uma postagem pode comunicar que a mensagem foi

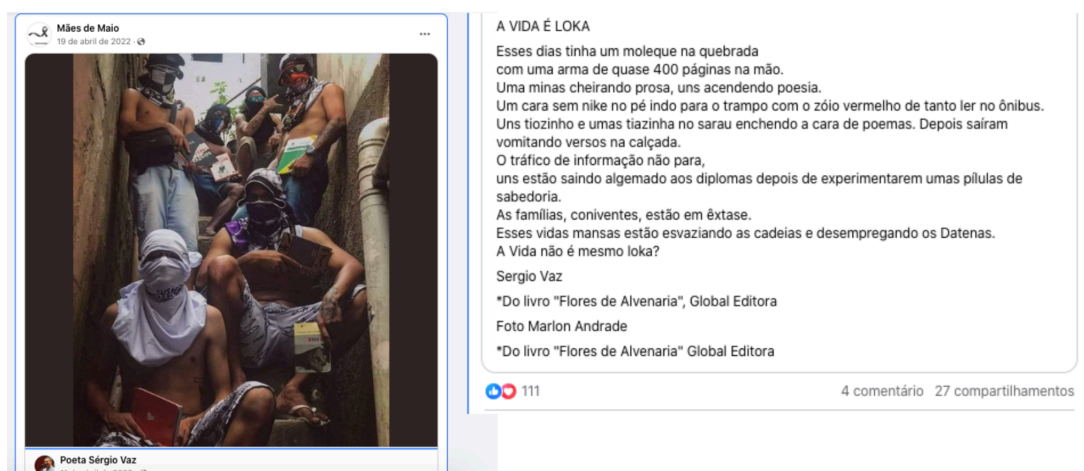
⁷⁵ Aqui reproduzimos as hashtags de maneira literal, exatamente como foram utilizadas nas postagens levantadas.

recebida e que o usuário concorda com ela e que a apoia, além disso, é também uma maneira do usuário vincular seu nome àquela publicação, uma vez que a curtida está visível aos outros usuários do Facebook. (Recuero, 2014, p. 119).

No levantamento realizado sobre a Fanpage do Movimento Mães de Maio, no que diz respeito às curtidas⁷⁶, no período analisado, as postagens tiveram um total de 2596 curtidas, 936 em abril, 602 em maio e 1058 em junho. Se levarmos em consideração que temos um universo de 136 postagens e que a fanpage tem mais de 119 mil seguidores, o número de curtidas parece bem inferior ao que poderia ser baseando-nos nesses dados.

Em abril, as publicações receberam uma média de 15,6 curtidas por post. A publicação mais popular⁷⁷ teve 111 curtidas, foi publicada no dia 19 de abril de 2022, e é um repost de uma publicação do poeta Sérgio Vaz de 11 de abril de 2022:

Figura 5 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 19 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Em maio, a média ficou em 18,8 curtidas por post. A publicação⁷⁸ com mais posts recebeu 178 curtidas e é um post de autoria própria, que traz uma homenagem a uma das integrantes do Movimento Mães de Maio, Joelma Corrêa, que faleceu em 2022:

⁷⁶ No Facebook, as curtidas se dividem em diversas reações. Nesta pesquisa, decidimos unificá-las todas sob a expressão "curtidas".

⁷⁷ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2515588728576812>. Último acesso 28 abr. 2024.

⁷⁸ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2518058428329842>. Último acesso 28 abr. 2024.

Figura 6 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de maio de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Em junho, a média de curtidas foi de 19,5 e o post⁷⁹ mais popular recebeu 285 curtidas. Ele traz uma reflexão sobre o trabalho doméstico, realidade entre mulheres periféricas e negras no Brasil⁸⁰, perfil que é o mesmo da maioria das integrantes do Movimento Mães de Maio.

Figura 7 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 18 de junho de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

⁷⁹ Disponível em

<https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/pfbid02YI3PqXB57BSNzW9A5EeYv1XACRi2c2HqPiCB4vtXJpxfRmVVvcvQksjb4heu4uChJ>. Último acesso 28 abr. 2024.

⁸⁰ Segundo nota publicada pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, em 2023, o trabalho doméstico em 2022, ocupava 5,8 milhões de pessoas, sendo 92% mulheres e 61,5% mulheres negras. Disponível em:

https://mds.gov.br/webarquivos/MDS/7_Orgaos/SNCF_Secretaria_Nacional_da_Politica_de_Cuidados_e_Familia/Arquivos/Nota_Informativa/Nota_Informativa_N_2.pdf. Último acesso em 28 de abr. 2024.

Se levarmos em consideração que curtir uma postagem é uma ação positiva e que pode agregar valor à rede social e reconhecer sua relevância, importância e apoio ao que é divulgado (Recuero, 2014, p. 120), no caso das publicações analisadas, podemos considerar que as práticas comunicacionais do Movimento Mães de Maio poderiam ter resultados melhores. Isso pode estar relacionado ao algoritmo do Facebook. Na teoria, o algoritmo de uma rede social consiste em uma série de critérios e cálculos que operam sistematicamente para decidir quais publicações devem ser exibidas para cada usuário e em qual sequência, com o objetivo de garantir a melhor experiência aos usuários, apresentando conteúdos mais pertinentes com base em seus interesses e interações individuais (Mlabs, 2020).

O algoritmo do Facebook chama-se EdgeRank e baseia-se nos seguintes fatores para selecionar quais publicações vão aparecer no feed dos usuários: a) o que o usuário curte; b) com quem o usuário interage; c) o que o usuário compartilha; d) em quais fanpages o usuário deixa comentários, e, e) os perfis que o usuário segue (Mlabs, 2020). Além disso, desde 2019, um dos cofundadores do Facebook, Mark Zuckerberg, anunciou que esta rede social valorizaria e daria mais visibilidade a conexões entre perfis do que aos posts de fanpages. (Patel, 2023). Dessa forma, o alcance orgânico, ou seja, que não depende de impulsionamentos pagos à plataforma, teriam sua visibilidade comprometida. É o caso da fanpage do movimento Mães de Maio que, em nenhum momento, utilizou impulsionamentos ou tráfego pago para divulgar suas postagens, dependendo unicamente do algoritmo (Silva, 2023a). Isso pode explicar porque, apesar de ter 120 mil seguidores, as publicações não conseguiram, no período analisado, alcançar um número expressivo de curtidas.

b) Compartilhamentos

A principal função do compartilhamento é a de dar visibilidade para uma publicação, ampliando o alcance da conversa e da mensagem. Para Recuero (2014), quando o usuário compartilha uma informação, ele atua na difusão da conversa, pois permite que os usuários de sua própria rede social possam tomar parte de uma discussão que, por sua vez, é de seu interesse.

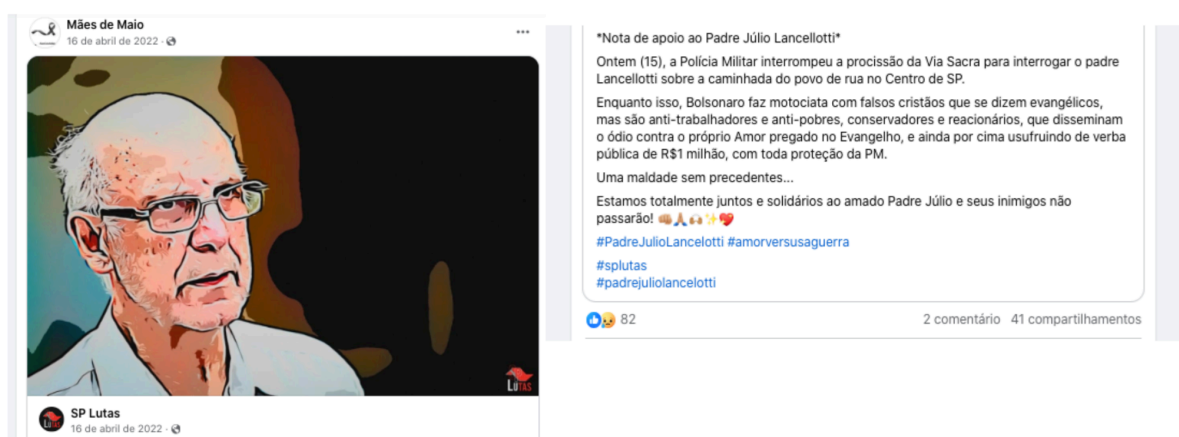
O compartilhamento pode também legitimar uma postagem e sua mensagem, contribuindo para a reputação do que foi compartilhado e valorizando a informação originalmente publicada. "Embora tenhamos observado em alguns casos, o compartilhamento

para crítica, de um modo geral, o compartilhamento parece ser positivo, no sentido de apoiar uma determinada ideia, um manifesto ou uma mensagem" (Recuero, 2014, p. 120).

No caso da análise de compartilhamentos da fanpage Mães de Maio, suas publicações foram repostadas 425 vezes por outros perfis e páginas no decorrer do período analisado. Sendo 179 em abril, 85 em maio e 161 em junho. Os números, assim como avaliamos no quesito curtidas, também são baixos frente à quantidade de seguidores da página e a explicação também pode estar no algoritmo do Facebook e no alcance exclusivamente orgânico e, por consequência, baixo, da página.

Em abril, a média foi de 2,9 compartilhamentos por post e o post com mais ocorrências foi compartilhado 41 vezes. Trata-se de uma repost⁸¹ de uma publicação da fanpage SP Lutas, em apoio ao Padre Júlio Lancellotti, que foi abordado pela Polícia Militar de São Paulo enquanto liderava a Via Sacra organizada pela Pastoral do Povo da Rua, no dia 15 de abril de 2022. Lancellotti, há mais de 35 anos é padre e um defensor da Teologia da Libertação, uma corrente progressista e com foco social dentro da Igreja Católica. Além de seu compromisso com a população de rua, ele tem uma trajetória marcada pela defesa de adolescentes infratores em São Paulo (Nexo, 2022). A causa de Lancellotti relaciona-se à das Mães de Maio, e o fato de ele ser interpelado por forças policiais no exercício de sua função pode também ter motivado o compartilhamento da postagem.

Figura 8 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 16 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

⁸¹ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2513639268771758>. Último acesso em 01 mai. 2024.

Em maio, a média ficou em 2,7 e o maior número de compartilhamentos de uma publicação foram 17. O post⁸² refere-se a um trabalho realizado pelo jornalista André Caramante e A Ponte Jornalismo com gráficos e números sobre os Crimes de Maio. O material foi originalmente publicado em um livro na ocasião dos 10 anos dos crimes em 2006. A publicação, certamente, foi motivada pela proximidade do aniversário dos Crimes de Maio.

Figura 9 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 12 de maio de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Em junho, a média foi de 2,9 compartilhamentos e o maior número de compartilhamentos de uma publicação foi 26. A publicação⁸³ traz uma notícia⁸⁴ publicada pelo site Frequência Caiçara, falando sobre o despejo dos moradores da Comunidade Anchieta, em Santos. Essa postagem se relaciona com as Mães de Maio, pois denuncia um dos grandes

⁸² Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/pfbid0kNJ8g5Ee3mARoBJP4AjKWVRWVeCj1VTPZqThe3arPqVNafHJVLkHYzN4ha7YVthNI>. Último acesso em 01 mai. 2024.

⁸³ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/pfbid02y6StT9sP9RCcwp3UqUo1fE1NU1fsF5eftSjY2AcMijVhD9ey59vinXEa3EN8R8RsI>. Último acesso em 01 mai. 2024.

⁸⁴ Disponível em <https://frequenciaaicara1.wordpress.com/2022/06/14/justica-determina-ordem-de-despejo-de-70-familias-que-residem-ha-vinte-anos-em-imovel-abandonado-em-santos/>. Último acesso em 01 mai. 2024.

obstáculos dos indivíduos que vivem em periferias no Brasil, a vulnerabilidade em relação à moradia. Além disso, a comunidade fica na Baixada Santista, lar primeiro do movimento.

Figura 10 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 14 de junho de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Ainda no que se refere à quantidade de compartilhamentos durante o período analisado, vale destacar o fato que, dos 136 posts analisados, 71, ou seja, mais da metade deles, não tiveram nenhum compartilhamento, o que pode evidenciar, uma vez mais; que a fanpage pode não estar alcançando os usuários da plataforma e que faltam estratégias.

c) Comentários

Recuero (2014, p. 120) explica que os comentários, dentro da dinâmica das redes sociais, são as práticas mais conversacionais. Eles ficam agregados à postagem original, são visíveis tanto para o autor quanto para os outros usuários (comentaristas ou não) e permitem que as pessoas curtam e respondam a ele, expandindo-o em uma espécie de conversa entre usuários.

Comentar nas postagens é uma ação que sinaliza a participação, mas também apresenta uma contribuição efetiva para a conversação e envolve uma participação mais significativa, exigindo maior engajamento. Eles ocorrem quando os usuários acreditam que têm algo relevante a dizer sobre o tema em discussão.

Na análise que realizamos, percebemos que os comentários nas postagens foram bastante escassos. Dos 136 posts levantados, 103 não receberam nenhum comentário. Ao total, foram 97 comentários.

Em abril, a média de comentários do mês ficou em 0,45 por postagem. Sendo que a publicação com mais comentários, recebeu quatro e foi a mesma postagem que recebeu mais curtidas; no mês de abril (Figura 5)

Em maio, a média foi de um comentário por postagem e a publicação com mais comentários recebeu 14. Ela também foi a recordista de curtidas em maio (Figura 6).

Em junho, a média foi de 0,7 comentários por post, sendo o número de 13 comentários o mais expressivo. Trata-se de um repost⁸⁵ do perfil da psicanalista Erica Azambuja sobre a morte de Genivaldo de Jesus Santos, ocorrida em 25 de maio de 2022, durante uma abordagem de trânsito em Sergipe, realizada pela Polícia Rodoviária Federal. Os policiais alegaram que o homem havia resistido à ação e, por conta de sua agressividade, tiveram de usar instrumentos “de menor potencial ofensivo” para conduzi-lo à delegacia. Contudo, vídeos mostram que ele foi imobilizado por três agentes, colocado dentro do porta-malas e sufocado até a morte (Lacerda, 2023).

O fato de as postagens com mais comentários de abril e maio serem as mesmas que receberam recorde de curtidas, isso não deve ser visto como uma coincidência. A quantidade de curtidas amplia o engajamento mesmo que orgânico das postagens, fazendo com que elas cheguem a um número maior de usuários, impactando mais pessoas e aumentando as possibilidades de os usuários deixarem comentários interagindo com o autor da postagem.

Esses dados analisados evidenciam que, apesar do número robusto de seguidores e o potencial de engajamento que a página tem, ela não consegue atingir um público relevante, o que pode, inclusive, dificultar a estratégia ativista do grupo de levar suas reivindicações a um público mais amplo, fazendo com que mais pessoas conheçam a atuação do grupo também por meio das redes sociais.

A falta de planejamento nas publicações, o fato de a maioria ser apenas reposts de outras páginas e, ainda, a ausência de um impulsionamento das publicações podem ser fatores que dificultam o engajamento e o alcance das postagens das Mães de Maio. Isso tudo evidencia o fato de que o Movimento atua de forma tática, e não estratégica, de acordo com o conceito de Certeau (1998), atuando a partir das circunstâncias possíveis e dependendo delas.

⁸⁵ A postagem não está mais disponível na rede social.

3.4. Temáticas das postagens

A partir dessa análise inicial, chamou atenção também o fato de que as postagens do movimento não se restringiam apenas a demandas por justiça, relatos dos Crimes de Maio ou convocações para protestos e eventos. Diversas temáticas foram abordadas em suas publicações e, à primeira vista, algumas pareciam pouco ligadas ao propósito central do movimento.

Essa diversidade de assuntos evidenciou a necessidade de investigar por que tais postagens estavam presentes e de problematizar as motivações do Mães de Maio ao utilizarem suas plataformas nas redes sociais para discutirem outras causas além da sua própria. Além disso, levar em consideração todas as postagens na classificação nos daria pistas importantes de seus interesses, mesmo que essas escolhas estivessem sendo pautadas por certo amadorismo das ativistas nas redes sociais.

Assim, após a classificação inicial baseada nas unidades de análise dos estudos de Sampaio e Lycarião (2021), uma nova categoria foi adicionada para classificarmos as postagens na fanpage, a de temáticas.

Considerando que a atuação do Movimento Mães de Maio, desde o seu início, foi o de buscar respostas a respeito dos Crimes de Maio e que, ao longo de sua atuação denunciou firmemente "a violência contra os pobres, os negros e os habitantes das periferias" (Mães de Maio, 2011, p.20), e, ainda apontou o Estado como o principal agente da violência, responsabilizando as forças de segurança de São Paulo pela morte de seus filhos; é importante pensarmos que essas são tônicas de suas abordagens e postagens também em sua fanpage oficial, apontando uma possível "intencionalidade performática".

O modo como os sujeitos se expressam nos sites de redes sociais dirige-se a um público imaginado e/ou intencionado, pessoas que esperam ou se empenham para atingir com determinada ação na rede (Boyd, 2011). Ação esta que pode ser interpretada como ato performático. As intencionalidades performáticas seriam, portanto, as performances por meio das quais os sujeitos concretizam sua intencionalidade em relação a certo conteúdo, atitude e/ou público. (Souza, 2019)

Assim, dos 136 posts, identificamos as seguintes categorias temáticas:

- a) eventos: postagens com convocações para protestos, convites para reuniões, workshops e palestras e, também, publicações com a cobertura de eventos das quais as Mães de Maio participaram;

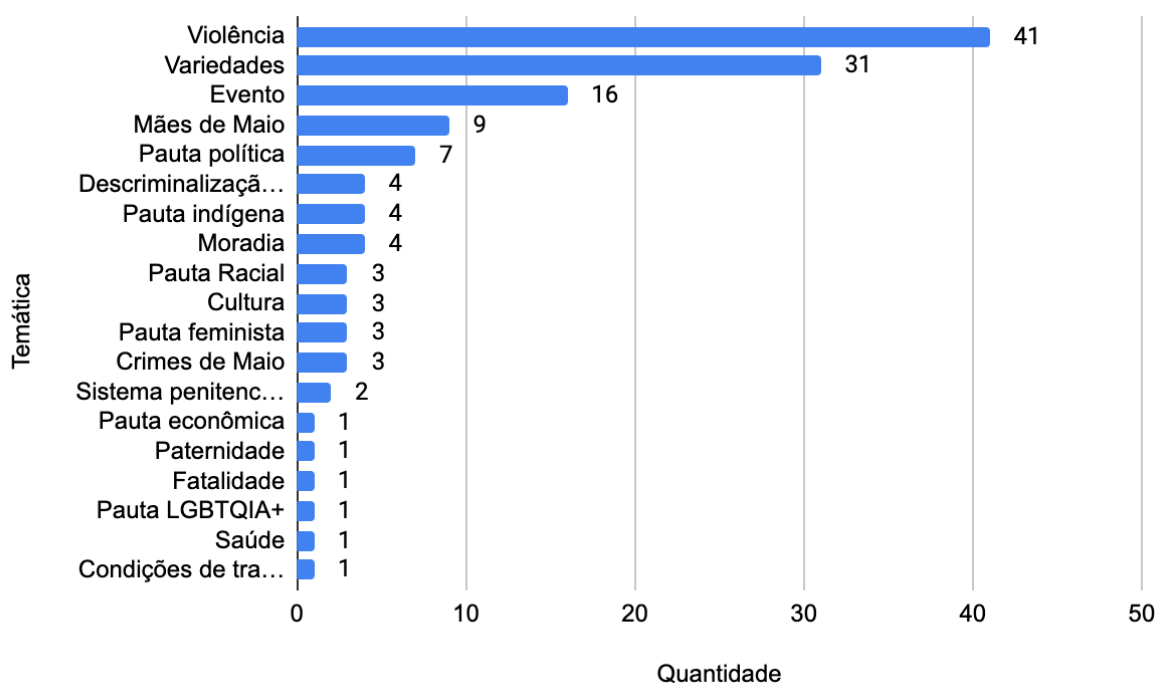
- b) violência: nesta categoria, estão as postagens de notícias e denúncias sobre pessoas sofrendo violência;
- c) pauta racial: postagens que trazem notícias ou textos com debates raciais;
- d) cultura: publicações com recomendações culturais;
- e) pauta feminista: postagens que trazem notícias ou textos referentes ao feminismo ou à luta feminista;
- f) descriminalização das drogas: postagens com notícias e textos sobre a política de drogas no Brasil;
- g) pauta indígena: postagens que trazem notícias ou textos sobre a situação dos povos originários no Brasil;
- h) pauta econômica: notícias sobre a economia no Brasil;
- i) paternidade: publicações que abordam sobre a relação entre pais e filhos;
- j) fatalidade: mortes que não estejam relacionadas à causa da violência;
- k) pauta LGBTQIAP+: postagens que trazem notícias ou textos referentes a pessoas e à causa LGBTQIAP+;
- l) pauta política: notícias sobre a política no Brasil e na América Latina;
- m) saúde: notícias sobre a saúde no Brasil;
- n) sistema penitenciário: postagens com notícias e textos sobre a política de prisões no Brasil;
- o) moradia: postagens com notícias e textos sobre a situação da moradia no Brasil;
- p) condições de trabalho: postagens com notícias e textos sobre o trabalho de forma geral;
- q) Mães de Maio: postagens com notícias e textos referentes ao movimento ou a membros do movimento;
- r) Crimes de Maio: postagens com notícias e textos referentes aos Crimes de Maio;
- s) variedades: nessa categoria, estão posts que não se encaixaram em outras temáticas, como ilustrações sem um tema definido, poemas, músicas e homenagens.

As divisões temáticas foram organizadas de acordo com as semelhanças encontradas entre as postagens. Algumas delas contemplavam mais de um tema por publicação, nesse caso, decidimos pela temática dominante na postagem.

3.4.1 Temáticas levantadas nas publicações

As temáticas das publicações analisadas ficaram distribuídas da seguinte maneira, segundo a quantidade de ocorrências:

Gráfico 1 - Levantamento de temas tratados durante o período entre abril e junho de 2022 na fanpage Mães de Maio.



Fonte: Produção da autora, março de 2024.

Para analisar as publicações, iniciaremos pelas temáticas com menos ocorrências até as com mais ocorrências. Com uma inserção cada, aparecem as temáticas Pauta Econômica, Paternidade, Fatalidade, Pauta LGBTQIAP+, Saúde e Condições de Trabalho.

a) Pauta Econômica

Na pauta econômica, a publicação⁸⁶, postada em 11 de abril de 2022, indica um artigo de opinião que se refere à situação econômica do país durante o período. Publicado no site Outras Palavras, pelo economista, pesquisador e político brasileiro Marcio Pochmann, o texto fala sobre um Brasil com acentuada taxa de desemprego, com terras inutilizadas e infraestrutura deficitária, um cenário definido como uma "tragédia nacional" (Pochmann, 2022).

Figura 11 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 11 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Como as Mães de Maio são, majoritariamente, mulheres da periferia, é possível inferir que a escolha em postar esse artigo em sua página está no fato de que essas questões as afetam diretamente. O desemprego, por exemplo, tem cor e gênero. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, a taxa de desemprego entre as mulheres foi de 10,8%, enquanto entre os homens o índice foi de 7,2%. Além disso, a taxa de desocupação, no primeiro trimestre de 2022, era de 11,3% entre os que se autodeclaravam pretos, 10,1% entre os pardos e 6,8% entre os brancos. (Abdala, 2023).

⁸⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2509705752498443>. Última atualização 13 mai. 2024.

b) Fatalidade

Outra temática que também teve apenas uma ocorrência foi a de "fatalidades". Definimos como fatalidade, para esta pesquisa, uma morte que não tenha sido fruto de violência. A publicação⁸⁷, postada no dia 22 de abril de 2022, é um repost do perfil pessoal de Fernando Tupinambá⁸⁸, amigo de Débora Maria da Silva. A postagem traz uma foto da menina Raquel Antunes, morta atropelada por um carro alegórico, no Rio de Janeiro, durante os desfiles da Série Ouro, Grupo de Acesso do Carnaval carioca, em abril de 2022, acompanhada de um texto poético sobre o ocorrido.

Figura 12 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 22 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Raquel Antunes era uma menina negra, periférica, moradora do Rio de Janeiro, que estava com a família próxima à dispersão dos carros alegóricos. Ela chegou a passar por cirurgias, mas não resistiu (Brasil de Fato, 2022). A morte de uma criança, em uma situação trágica como essa, pode ter gerado empatia o suficiente para motivar a repostagem da publicação na fanpage do movimento, uma vez que ele tem como uma de suas características se solidarizar com mães e famílias que perdem seus filhos. Aqui a motivação pode ter sido a emoção, a mesma que Castells (2013) indica como força motriz para os movimentos sociais e que pode ter sido um grande motivador para postagem.

⁸⁷ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2518374094964942>. Último acesso em 13 mai. 2024.

⁸⁸ Disponível em <https://www.facebook.com/fernandoluis.monteirosoares>. Último acesso em 13 mai. 2024.

c) Paternidade

Outra temática identificada com uma ocorrência foi a da paternidade e traz o aspecto do abandono parental. O post⁸⁹ publicado no dia 13 de abril de 2022 traz uma matéria⁹⁰ hospedada no portal G1, mas com a reprodução do programa Profissão Repórter, da rede Globo. Ele aborda sobre como a ausência paterna pode acarretar em diversos prejuízos, inclusive, emocionais na vida dos filhos.

Figura 13 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 13 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Apesar de a maternidade ser um dos eixos principais de movimentos como as Mães de Maio, a paternidade também é um assunto que influencia diretamente o dia a dia dessas mulheres. No Brasil, 67% das mães solo, que criam os filhos sem a presença do pai, são negras. Além disso, 57,9% delas tinham um rendimento inferior a 28 reais por dia, o que as colocava abaixo da linha da pobreza (Barkus, 2022).

⁸⁹ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2510971132371905>. Disponível em <https://www.facebook.com/fernandoluis.monteirosoares>. Último acesso em 13 mai. 2024.

⁹⁰ Disponível em https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2022/04/13/profissao-reporter-registra-como-a-ausencia-paterna-marca-a-historia-dos-filhos-a-vida-inteira.ghtml?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAR0vKd4KFp1St4Ng-xVRrnan89hnpSFLtXAWTQ1FAB1k55HEjouA0boC8_aem_ASg08Fa_MNfWJPsmIb8wOb9v81I8gsAv8dKOCiY7NVA6bzfR-vcy8NQP-1eI2OIMq_qFDYP73xkCX9u_30Gkkt. Último acesso em 13 mai. 2024.

d) Pauta LGBTQIAP+

Outra temática identificada foi a pauta LGBTQIAP+, também com uma inserção, no dia 30 de abril de 2022. A publicação⁹¹ é um repost feito de um vídeo da fanpage do então deputado federal David Miranda. Trata-se de um vídeo no qual o deputado discorre sobre uma visita que fez ao Ambulatório Municipal de Atenção à Saúde de Travestis e Transexuais, em Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro sobre a importância de que esses cidadãos tenham garantidos direito à saúde e oportunidades de trabalho.

Figura 14 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 30 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

A presença de uma postagem com temática LGBTQIAP+ evidencia o caráter diverso das preocupações e lutas do movimento Mães de Maio, sempre preocupado em proteger e promover políticas de proteção às minorias. "Nós somos contra toda forma de Opressão e de Exploração, e seguiremos combatendo-as de frente, sem massagem" (Mães de Maio, 2018, p. 15).

⁹¹ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2524942257641459>. Último acesso em 13 mai. 2024.

e) Condições de trabalho

Também com uma inserção, apareceu a temática de "condições de trabalho". O post, que foi publicado no dia 18 de junho de 2022, foi o mais popular do período de três meses analisado nesta pesquisa; e traz uma imagem com texto onde está escrito: "Quem acha caro o trabalho de diarista, nunca limpou uma casa na vida". A publicação foi repostada da fanpage Toda Atual⁹², que tem foco no público feminino.

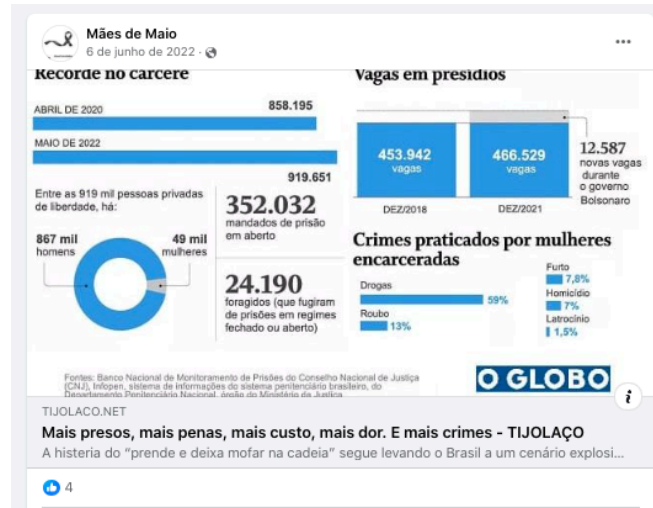
A temática desta postagem relaciona-se diretamente às integrantes do movimento Mães de Maio, uma vez que essas mulheres são, em sua maioria, periféricas e negras. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 5,8 milhões de pessoas trabalhavam como empregados domésticos no Brasil, em 2022. Do total, 91% eram mulheres e, destas, 67% eram negras (Brasil, 2024). A expansão do papel da diarista, dentro do contexto das trabalhadoras domésticas, mostra ainda que a função, remunerada por diárias e não por mês, sem vínculo de registro em Carteira de Trabalho e, dessa forma, sem proteções trabalhistas e previdenciárias, coloca essas mulheres em uma situação de vulnerabilidade (Melo, 2023). Essa realidade é, então, confrontada com a sentença que está na postagem, que denuncia a desvalorização desse trabalho.

f) Sistema penitenciário

Com duas inserções, aparece a temática "sistema penitenciário". Na postagem do dia 06 de junho de 2022, foi publicado um artigo de opinião do site Tijolaço, assinado pelo jornalista Fernando Brito. A partir dos dados revelados pelo Banco Nacional de Monitoramento de Prisões do Conselho Nacional de Justiça de que, no Brasil, existiam em 2022, mais de 920 mil homens e mulheres presos, Brito teceu uma crítica sobre um sistema que “prende e deixa mofar na cadeia” (Brito, 2022).

⁹² Disponível em <https://www.facebook.com/TodaAtual>. Último acesso em 28 abr. 2024.

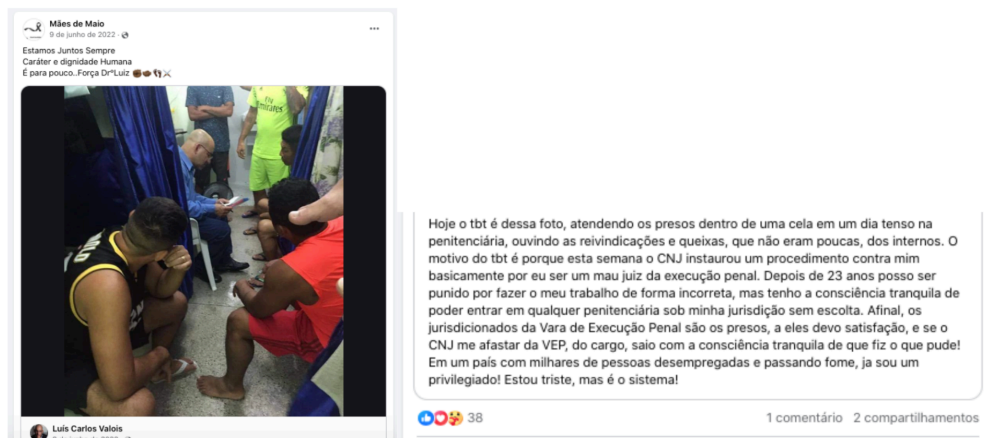
Figura 15 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 06 de junho de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

A outra publicação é um repost do juiz progressista Luís Carlos Valois, "notório defensor do direito de defesa e dos direitos humanos" (Rodas, 2017), acompanhada de uma foto na qual Valois está ouvindo reivindicações e queixas de presos dentro de uma cela. Na legenda, ele explica que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) havia instaurado um procedimento contra ele. A foto supõe que o comportamento inadequado do juiz se refere ao atendimento humanizado que o mesmo despense aos penitenciários. O repost na fanpage Mães de Maio vem acompanhado de uma legenda de apoio do movimento ao juiz.

Figura 16 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de junho de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Abordar sobre o sistema penitenciário brasileiro é um tema caro às Mães de Maio, pois é basilar em sua existência. Os filhos dessas mulheres foram executados por forças de segurança do estado, sem o direito constitucional à defesa. Além disso, tanto a violência policial quanto o encarceramento da população periférica e negra são denunciados pelo movimento, como explica em uma das coletâneas organizadas pelo movimento, o sociólogo Lio Nzumbi.

(...) a política criminal do Estado brasileiro, travestida historicamente sob a função anunciada de "segurança pública" e armada pelo aparato de controle penal e o poder estatal de polícia, empreende, deliberadamente, através de todos os poderes deste Estado, um processo seletivo (discriminatório e/ou discricionário) de criminalização, que por sua vez, adota critérios sócio-raciais para eleição de um padrão de sujeitos a se suspeitar, perseguir, penalizar e enfim eliminar: jovens negros. Se assimilarmos a semântica dada pelos dicionários da língua portuguesa, o termo "genocídio" significa "eliminação de um povo", de um determinado tipo de gente. Em nossa análise entendemos ainda que este processo de criminalização resulta em duas formas históricas e flagrantes de genocídio no Brasil: a execução sumária, empreendida pela polícia e grupos para-policiais e o encarceramento massivo de jovens negros. (Nzumbi, 2011, p.115)

A importância dessa temática para o movimento e ainda o caráter de denúncia, pode ter sido um grande motivador para que esse tema estivesse presente mesmo que em duas ocorrências, impulsionadas pela atualidade do caso. Vale também frisar que a publicação com o repost de Luís Carlos Valois teve 38 curtidas, excedendo a média do mês de junho, de 19,1 curtidas, o que mostra um interesse da audiência pela publicação e que pode ter sido impulsionada pela popularidade do juiz.

g) Crimes de Maio

Com três ocorrências, foram classificados sob a temática "Crimes de Maio" dois posts em maio e um em junho. As publicações de maio fazem alusão ao aniversário dos crimes, que aconteceram em maio de 2006. A mais popular das três, ou seja, a que teve mais curtidas, é do dia 03 de maio de 2022⁹³. Trata-se de um repost da página SP Lutas⁹⁴ com uma montagem fotográfica com algumas vítimas dos Crimes de Maio e um texto de solidariedade às vítimas e às Mães de Maio.

⁹³ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2527541327381552>. Último acesso em 14 mai. 2024.

⁹⁴ Disponível em <https://www.facebook.com/SPLutasOficial>. Último acesso em 14 mai. 2024.

Figura 17 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 03 de maio de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Chama a atenção o fato de ele ter apenas três ocorrências em um universo de 136 posts, apesar de ser um assunto importante para o movimento, uma vez que se os Crimes de Maio não tivessem ocorrido, ele não existiria. A explicação pode estar no fato de que, nesse período, sobretudo, em maio, as ativistas estavam mais focadas em participar de eventos externos e entrevistas sobre a temática do que em atualizar a página, como, inclusive, citamos no início do capítulo ao falar da quantidade de posts no período analisado.

h) Pauta feminista

A pauta feminista também foi observada no período analisado, porém aparece apenas em três ocorrências. Chama a atenção que, em duas delas, uma em abril e outra em junho, é citada uma das grandes sujeitas do feminismo no Brasil: Patrícia Galvão, a Pagu, uma mulher paulista, nascida em 1910, que foi jornalista, escritora, militante comunista e transgressora do status quo, no que diz respeito à expressão e ao comportamento feminino.

A publicação de abril⁹⁵ é um repost de um vídeo do perfil pessoal da pesquisadora Camila Pierobon⁹⁶, convidando os usuários do Facebook a conhecerem os Cadernos Pagu⁹⁷, uma publicação interdisciplinar da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com

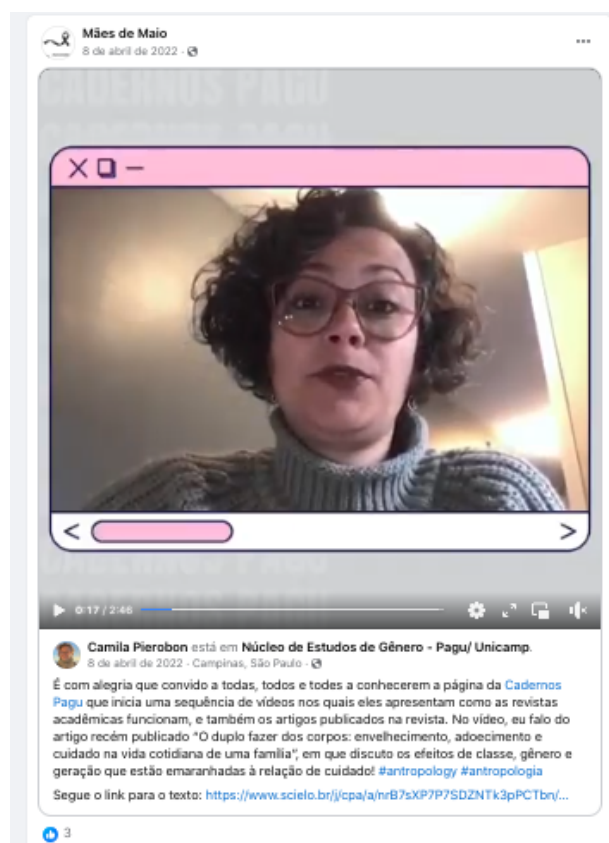
⁹⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2507297659405919>. Último acesso em 14 mai. 2024.

⁹⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/camila.pierobon>. Último acesso em 14 mai. 2024.

⁹⁷ Disponível em <https://www.facebook.com/cadernospagu>. Último acesso em 14 mai. 2024.

artigos de diversas áreas do conhecimento, articulando um diálogo com teorias femininas e de gênero.

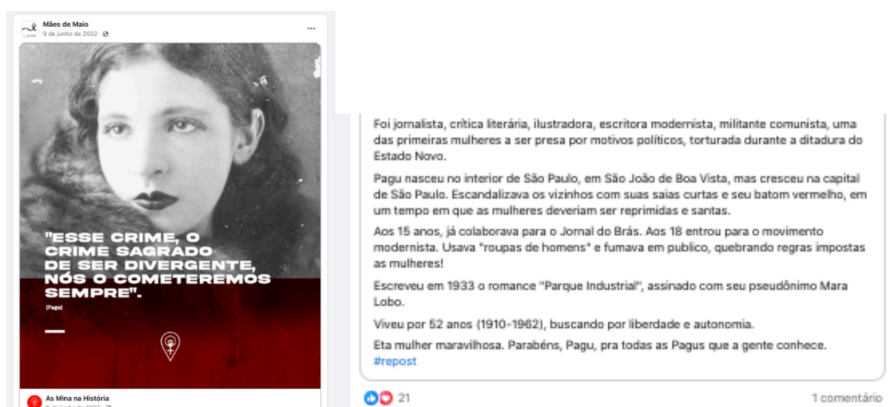
Figura 18 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 08 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

A publicação de junho, por sua vez, traz um repost da página As Minas da História, em homenagem a Pagu, em razão de seu aniversário.

Figura 19 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de junho de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Apesar de o Movimento Mães de Maio não se definir como um movimento de cunho feminista, sua fundadora lembra que é impossível não entender a si mesma como uma feminista, tampouco as outras ativistas, uma vez que elas também militam em prol de sua independência, contra violências e opressões próprias do patriarcado (Silva, 2023b).

i) Cultura

Com três ocorrências, a temática de Cultura aborda sugestões culturais feitas na página pelas Mães de Maio. Duas delas, ambas publicadas em abril, trazem o filme A Mãe, do qual a fundadora do movimento participou. A primeira⁹⁸ traz uma matéria exibida no jornal do canal TVT, no Youtube, que anuncia que Débora recebeu um prêmio pela participação no filme, acompanhado de um texto anunciando que o filme em breve estaria nos cinemas brasileiros e agradecendo ao diretor e à equipe do filme.

Figura 20 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 16 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

A segunda⁹⁹ publicação também traz o assunto da premiação, desta vez, com um link de uma matéria do portal Terra. O texto, escrito por Gil Luiz Mendes, jornalista do “A Ponte Jornalismo”, traz o título "Débora Silva: De mãe em luta e luto a atriz premiada", revelando a jornada da fundadora do movimento que, de dona de casa na Baixada Santista, viria a se tornar uma atriz premiada, interpretando a si mesma, em uma história que traz uma ficção brutalmente real.

⁹⁸ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2513596898775995>. Último acesso em 14 mai. 2024.

⁹⁹ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2505805589555126>. Último acesso em 14 mai. 2024.

A busca incessante de uma mãe por justiça e punição para os assassinos do seu filho, que teria sido morto brutalmente por policiais, em uma onda de ataques violentos em periferias do estado de São Paulo, em 2006. Esta não é a história do filme 'A Mãe', de Cristiano Burlan, mas a de Débora Maria da Silva, fundadora do movimento Mães de Maio, que conta parte da sua história na obra do diretor gaúcho.

Por sua participação no longa, que ainda estreará no Brasil, Débora, líder do Movimento Independente Mães de Maio e ativista de Direitos Humanos, de 62 anos, recebeu em 26 de março o prêmio de melhor atriz coadjuvante no Festival de Cinema de Málaga, na Espanha. (Mendes, 2022).

Durante o filme, a protagonista, interpretada por Marcélia Cartaxo, procura as Mães de Maio, em busca de orientações. Divulgar o filme em suas redes sociais; é também um convite para que mais pessoas conheçam a história de luta desse movimento.

j) Pauta racial

Como já falamos anteriormente, para se entender o Movimento Mães de Maio é necessário utilizarmos também a lente do recorte de raça (Akotirene, 2019), uma vez que a origem dele está na periferia e que grande parte das vítimas dos Crimes de Maio eram jovens negros e pardos. Sendo assim, utilizar a Pauta Racial para os posts da fanpage parece bastante coerente à proposta do movimento, que, além de buscar justiça pela morte de seus filhos, ainda denuncia um Estado que é racista, oprime e criminaliza pessoas pobres, negras e indígenas (Mães de Maio, 2018, p. 37). Foram três publicações específicas do tema, mas ele também aparece transversalmente em outras postagens, classificadas com outras temáticas, como a violência policial, por exemplo, cujas vítimas são em grande parte negras, e ainda no tópico de violência racial.

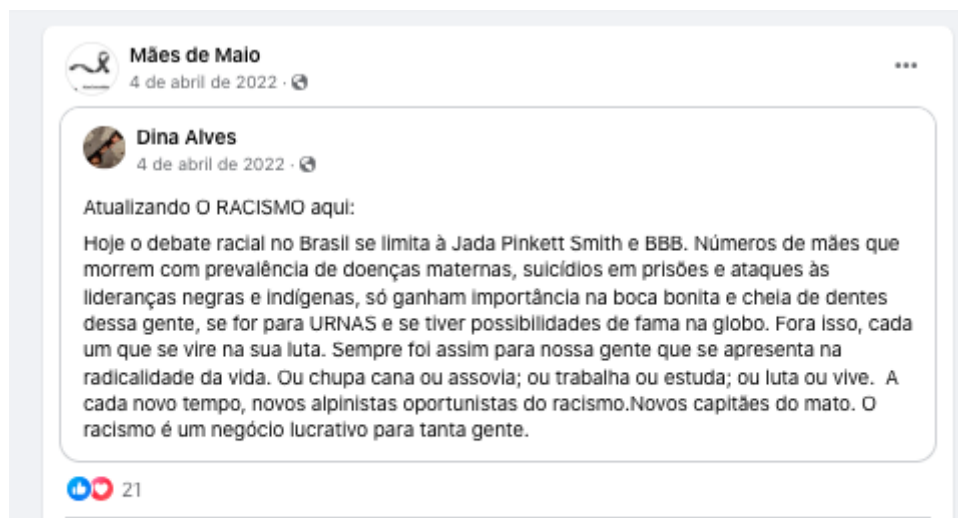
Trazer o debate racial à fanpage pode também ser um convite para que os seguidores tomem conhecimento, questionem e discutam o tema. Isso fica claro na publicação¹⁰⁰ de 4 de abril de 2022, que é um repost do perfil pessoal de Dina Alves¹⁰¹, militante do Movimento Mães de Maio, advogada, pesquisadora na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos e líder do Programa Marielle Franco¹⁰².

¹⁰⁰ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2503849533084065>. Último acesso em 14 mai. 2024.

¹⁰¹ Disponível em <https://www.facebook.com/dinaalves.alves>. Último acesso em 14 mai. 2024.

¹⁰² O programa visa promover lideranças femininas negras para que acessem espaços de decisão, mobilizem a luta antirracista e promovam justiça e equidade racial e social.

Figura 21 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 04 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Na postagem, Dina denuncia que o debate racial só interessa ao grande público quando viraliza, como foi o caso da atriz americana negra Jada Pinkett Smith ou o ocorrido com o elenco do Big Brother Brasil. Quando Dina fala que o racismo é um negócio lucrativo, é possível fazer um paralelo com o que as próprias Mães de Maio denunciam que "(...) alguém sempre lucra com a morte ou prisão de um favelado... e não são apenas corporações empresariais - imprensa policial, indústria armamentista, empresas de gestão penitenciária, milícias armadas e as elites políticas que ganham" (Mães de Maio, 2011, p. 109).

A presença dessa temática na fanpage assume um papel imprescindível de denúncia, mas o assunto ainda retornará dentro da temática Violência, dentro do viés da Violência Racial, que discutiremos posteriormente, trazendo uma infeliz consequência que o racismo pode causar.

k) Moradia

A temática de moradia também é cara ao Mães de Maio, com um total de quatro inserções durante o período analisado. No caso das postagens, todas estão focadas em um fato local, ocorrido na Baixada Santista, local onde o movimento se originou e onde grande parte dos integrantes reside. As publicações tratam de protestos contra a reintegração de posse e despejo das famílias da Ocupação Anchieta, localizada em um antigo hospital psiquiátrico em

Santos. A mais popular¹⁰³, publicada no dia 14 de junho de 2022, teve 10 curtidas e 26 compartilhamentos, e traz uma matéria do site Frequência Caiçara, que explica que idosos, crianças, pessoas com deficiência e em situação de vulnerabilidade ficariam sem moradia com o despejo.

Figura 22 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 04 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Problemas com moradia são um tema relevante para as Mães de Maio por ser, sobretudo, uma questão importante para a população negra e periférica no Brasil que continua marginalizada e com direitos básicos como educação, saúde e moradia decente, sendo negados (Gonzalez, 2020, p. 302).

De acordo com dados da Habitat Brasil, feito pelo Despejo Zero, em São Paulo, há cerca de 45 mil famílias morando em ocupações, o maior índice do Brasil. Todos os dias pessoas buscam um lugar para chamar de lar, afinal, a moradia digna é um direito previsto pela Constituição Federal de 1988. (Almeida, 2023)

É importante lembrar que uma das lutas das Mães de Maio reside no fato de que elas buscam uma sociedade mais igualitária, onde os direitos básicos - e neles se incluem direito à moradia digna - não sejam negados a ninguém (Mães de Maio, 2018, p. 15).

¹⁰³ Disponível em

<https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/pfbid02y6StT9sP9RCcwp3UqUo1fE1NU1fsF5eftSjY2AcMijVbD9ey59vinXEa3EN8R8Rsl>. Último acesso em 14 mai. 2024.

l) Pauta indígena

A Pauta Indígena aparece com quatro inserções, todas elas relacionadas ao Dia dos Povos Indígenas, celebrado no Brasil em 19 de abril. A postagem¹⁰⁴ mais popular, publicada no dia 11 de abril de 2022, com 30 curtidas, trata-se de um repost do perfil pessoal de Dina Alves, com uma foto tirada pelo fotógrafo Ricardo Stuckert durante um protesto em Brasília (DF) contra o Projeto de Lei (PL) 191/2020, que liberava a prática da mineração e outras atividades, como agronegócio e grandes obras de infraestrutura nas terras indígenas de todo o país.

Figura 23 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 11 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Os indígenas são também um ponto de atenção para as Mães de Maio que também se propõem a lutar por essa população marginalizada (Mães de Maio, 2011, p.20). Além disso, Débora explica que o movimento faz parte de algo ainda maior, unindo-se a diversos coletivos de mulheres que lutam por proteção e justiça por seus filhos, dentre eles, as Mães do Xingu, no Pará, que denunciaram as mortes dos filhos por forças policiais locais.

m) Descriminalização das drogas

Também com quatro ocorrências, aparece o debate da descriminalização das drogas. Três delas são reposts de publicações do juiz Luís Carlos Valois, já citado anteriormente e relacionado também a questões do sistema penitenciário no Brasil. A mais popular delas,

¹⁰⁴ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2509616222507396>. Último acesso em 14 de maio de 2024.

publicada¹⁰⁵ no dia 3 de maio de 2022, com 37 curtidas traz uma reflexão sobre como a descriminalização das drogas, sobretudo da maconha, poderia trazer vantagens para o mercado e aumento de empregos para o país, ao invés de intensificar a repressão policial.

Figura 24 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 03 de maio de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

O fato de esse ser um tema importante para o movimento pode ter motivado as postagens. É importante lembrar que durante os Crimes de Maio, a justificativa dada pelas forças policiais de São Paulo era a de combater o PCC que, segundo o Estado e a imprensa, tinha como principal atividade o tráfico de drogas. Como já citado anteriormente, mais de 500 pessoas foram mortas no período, sobretudo jovens, negros, moradores de periferia, o que aponta fatores em comum, dentro do estereótipo de marginalidade no país.

A guerra às drogas é a tecnologia atuante da colonialidade urbana que, a um só tempo, serve de facilitadora da função primordial do racismo (exploração, controle e eliminação do contingente negro) e caracterização territorial do mito da marginalidade. Esse mecanismo se apresenta socialmente como justificativa para mortes por abandono do estado, chacina intragrupos (pretos e pobres), genocídio como pretexto para pacificação e uma espécie de sublimação (desvio de tensão) da persona social branca. (Berth, 2023, p 142-143)

¹⁰⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2527223670746651>. Último acesso em 14 de maio de 2024.

Vale também destacar a postagem¹⁰⁶ do dia 8 de abril de 2022, que traz uma matéria¹⁰⁷ do site “A Ponte Jornalismo”, na qual Clément Voule, relator especial da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os direitos à liberdade de reunião pacífica e de associação, afirmou em coletiva de imprensa após visitar Salvador, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo que a guerra às drogas serve como justificativa para as forças de segurança brasileiras matarem jovens negros em comunidades periféricas, ponto historicamente denunciado pelo movimento Mães de Maio desde o início de sua atuação.

n) Pauta Política

A Pauta Política ganhou destaque dentro do período analisado; com postagens a respeito das eleições na Colômbia, que é citada em cinco das sete postagens coletadas dentro da temática.

Na ocasião, foi eleito Gustavo Petro, primeiro presidente de esquerda do país, e há um entusiasmo nas postagens ao se referir à vice-presidente Francia Márquez Mina, uma mulher negra, mãe solo, ativista ambiental e advogada. Em seu primeiro discurso após a vitória, ela disse: "Depois de 200 anos, conquistamos um governo do povo. O governo dos e das 'ninguéns' da Colômbia. Vamos com dignidade viver de maneira saborosa".¹⁰⁸ A eleição de Petro e de Mina foi comemorada pelo movimento em duas de suas postagens, a mais popular teve 37 curtidas.

¹⁰⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2507321519403533>. Último acesso em 14 mai. 2024.

¹⁰⁷ Disponível em https://ponte.org/relator-da-onu-recomenda-descriminalizacao-das-drogas-para-combater-a-violencia-policial-no-brasil/?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAR0aYcXYxDRvouhQxXar26KHKon0BgwAOIxdrOqh9AIFPwr54L-gn0_Plo_aem_AePXW3aBL_9qrWH8fe1vnetE7CT98oF8Da4A2eI9tQTBATrLGuAImnAUWtzo9dbXotAe9QR0deZU3bLwL_S-4bi_. Último acesso em 14 mai. 2024.

¹⁰⁸ Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/20/quem-e-francia-marquez-a-primeira-mulher-negra-vice-presidenta-na-colombia>. Último acesso em 14 mai. 2024.

Figura 25 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 19 de junho de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Na postagem¹⁰⁹, foi publicada uma imagem de duas mãos entrelaçadas, demonstrando união, e a legenda traz um dos lemas do Movimento Mães de Maio: "Nossa luta Não tem Fronteiras / Nossa luta é Transnacionais 🧑🏾👩🏾👩🏾👩🏾👩🏾¹¹⁰". As Mães de Maio definem sua luta antiviolença como sem fronteiras e de caráter internacional e essa pode ser uma das possíveis razões pelas quais o movimento se identifica com essa pauta política e, também, por Mina ser uma mulher negra e periférica, como as ativistas do Mães de Maio, e que conseguiu papel de destaque dentro de sua luta.

¹⁰⁹ Disponível em

<https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/pfbid027BwguMHY9vUMv6iGPpDcpud7EjjgZgVmuUPKVUdnwSvPXtBPJng36Larnpwvityl>. Último acesso em 14 mai. 2024.

¹¹⁰ Reproduzido exatamente como está na legenda na postagem.

o) Mães de Maio

Logo depois, ganha destaque a temática Mães de Maio, com nove postagens que se referem ao próprio movimento. Esta classificação também está relacionada ao período em que a coleta das postagens foi realizada, pois, no mês de maio, acontece o aniversário de criação do movimento, tanto que, das nove ocorrências, seis foram publicadas neste mês.

A mais popular deste período foi publicada em 9 de maio de 2022 e aborda a morte de uma das ativistas, Joelma Corrêa, que, inclusive, foi citada anteriormente, por ter sido a mais curtida de todo o mês de maio.

Chama a atenção também que, das nove publicações dessa temática, três homenageiam Vera Lúcia Gonzaga, uma das fundadoras do movimento, o que mostra também que maio é um mês especialmente difícil para o movimento. Vera faleceu em 3 de maio de 2018. Na postagem¹¹¹ do dia 3 de maio de 2022, foi publicado um texto pela sua memória.

Figura 26 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 03 de maio de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Mais do que uma homenagem para Vera, o texto tem tom de denúncia e cobrança ao Estado, que nunca trouxe respostas aos Crimes de Maio, o que também impacta diretamente

¹¹¹ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2527763320692686>. Último acesso em 14 mai. 2024.

na vida das mães dessas vítimas que sistematicamente adoecem física e mentalmente por conta da perda dos filhos e pela falta de um posicionamento dos órgãos públicos. Além disso, como já citamos nos capítulos anteriores, algumas dessas mães foram também criminalizadas, caso de Vera, que chegou inclusive a ser presa.

p) Eventos

A temática de eventos foi a terceira em quantidade no período analisado, com 16 ocorrências. Destas, cinco foram referentes ao Cordão da Mentira, evento que acontece todos os anos no dia primeiro de abril e reúne diversos movimentos sociais, inclusive as Mães de Maio. A motivação é relembrar a data que marca o golpe militar de 1964 no Brasil.

Em 2022, ano em que foi realizada a análise das postagens, o evento completava 10 edições sob o tema “Verás que é tudo mentira”.

Em nota pública, organizadores do Cordão anunciam que voltam a colocar “o bloco na rua para lembrar os crimes de Estado do passado e do presente, destacando os 15 anos dos Crimes de Maio, a maior matança ocorrida a pós o processo de redemocratização e os 30 anos do Massacre do Carandiru, a maior carnificina prisional de nossa história”. (Moncau, 2022)

No período analisado, a publicação que mais obteve curtidas foi referente ao Cordão. Trata-se de um repost do perfil pessoal da fotógrafa Alice Vergueiro¹¹² com um álbum de fotos tiradas por ela referente à cobertura do evento.

Figura 27 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 02 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

¹¹² Disponível em <https://www.facebook.com/alice.vergueiro>. Último acesso em 16 mai. 2024.

O fato de a temática de Eventos ser tão presente em suas postagens; pode, inclusive, nos remeter à primeira plataforma utilizada pelas Mães de Maio, em 2009, o blog do movimento que, majoritariamente, postava convocações para eventos e manifestações das quais as mães participariam.

Isso pode mostrar como as redes sociais ainda têm poder para a convocação de participantes para manifestações e protestos, o que é notado pelas Mães de Maio que utilizaram essa ferramenta durante o período analisado.

q) Variedades

Das 136 postagens, 31 trazem a temática de Variedades, uma classificação que precisamos utilizar pois diversas publicações pareciam não ter ligação alguma com o movimento.

Algumas eram apenas ilustrações, outras vídeos de danças ou poemas, por exemplo. No entanto, ao invés de simplesmente descartar essas publicações do nosso levantamento, consideramos que elas são importantes e podem mostrar aspectos fundamentais da atuação do Mães de Maio: a espontaneidade e o autogerenciamento, próprios dos movimentos das ruas e das redes, como lembra Castells (2012). Segundo a líder do movimento, Débora Maria (2023a), não há um planejamento para as postagens, elas são feitas de maneira espontânea e não apenas por ela, mas por diversas outras pessoas, que fazem parte do movimento e que têm acesso ao gerenciamento da fanpage e realizam as postagens, o que denota ainda uma falta de profissionalização e de estratégia com as publicações, que acabam tendo um alcance puramente orgânico de sua audiência, sem impulsionamentos pagos, por exemplo, ou preocupação com horários ou quantidade de postagens, por exemplo.

Nove pessoas têm acesso ao gerenciamento da fanpage Mães de Maio, algumas são mães e outros fazem parte do que ela chama de militância. "São coisas que chamam nossa atenção como mães" (Silva, 2023b)

Para análise, selecionamos a publicação mais popular do período, que teve 108 curtidas e 23 compartilhamentos e tem um caráter bastante aleatório, pois traz um brasão do Grêmio Gaviões da Fiel Torcida, vinculada à escola de Samba do time paulista do Corinthians. A publicação é um repost do perfil pessoal do advogado Rui Eliseu de Matos Pereira¹¹³, amigo da fundadora do movimento, político e apoiador das Mães de Maio.

¹¹³ Disponível em <https://www.facebook.com/ruielizeu.dematospereira.1>. Último acesso em 16 mai. 2024.

Figura 28 - Publicação da Fanpage Mães de Maio do dia 24 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

É curioso também perceber que, apesar de aleatórias, essas publicações são as campeãs de curtidas na página, o que pode mostrar que, possivelmente, os seguidores não se importam se há ou não uma estratégia de postagens ou, ainda, pode evidenciar que esse tipo de publicações era mais visibilizado pelo algoritmo do Facebook.

3.5 Violência: um tema que não se cala

Para a temática com mais ocorrências no período de coleta, decidimos dedicar um item especialmente para analisá-la com mais detalhamento. Como observamos, dos 136 posts, 41 trazem o tema Violência como categoria principal. Se retirarmos a temática Variedades, pela aleatoriedade das publicações e considerarmos que temos, então, um universo de 105 postagens com temáticas bem definidas, a Violência representa 39% delas.

É coerente que esse seja o assunto mais abordado na fanpage, se lembrarmos que a violência é o principal assunto que assola as ações do Movimento Mães de Maio, afinal, não fosse por conta da existência da violência, os Crimes de Maio nunca teriam acontecido e, por consequência, nem o movimento em si. Vale lembrar ainda que uma das principais bandeiras de protesto do Mães de Maio é a continuidade da violência como um dos legados da Ditadura Militar, e a denúncia de que a estrutura da segurança pública implementada após o Golpe de

1964 continua a mesma, inclusive, com a impunidade dos agentes públicos (Miguel; Moraes, 2023).

Considerando que a coleta das publicações foi realizada em 2022, 16 anos após o nascimento do movimento e da ocorrência dos crimes, o fato de o tema ter tanto espaço ainda na atualidade, pode nos trazer algumas pistas sobre a perpetração da violência no Brasil.

Além disso, mais do que assinalar que a Violência é a temática mais presente, chama a atenção como ela se apresenta de diversas formas nas postagens, acometendo vítimas diferentes; como crianças, mulheres, pessoas negras e pessoas LGBTQIAP+, por exemplo.

Para ajudar nessa classificação, utilizamos algumas das temáticas apresentadas pelo Atlas Da Violência 2023. A publicação é lançada anualmente pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), com os dados atualizados de violência no Brasil. Ele é realizado em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e busca retratar a violência no país, principalmente, a partir dos dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) do Ministério da Saúde. Uma vez que ele traz uma análise das ocorrências à luz da perspectiva de gênero, raça e faixa etária, pareceu-nos pertinente utilizá-lo como norte para segmentar as postagens.

Segundo o Atlas da Violência de 2023, por meio de dados do SIM, em 2021, aconteceram 47.847 homicídios no país. O número é maior do que o indicado no levantamento de 2019, quando a quantidade de assassinatos teve o menor patamar no período de análise iniciado em 2011, mas ainda menor que o de 2020.

Desde 2016, esse índice de violência vinha diminuindo nas regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul. Conforme analisado nos Atlas da Violência 2019 e 2020, consideramos que três fatores ajudaram a impulsionar a diminuição dos homicídios ao longo da década em várias Unidades Federativas. Além do armistício na guerra entre as maiores facções do país pelo controle do corredor internacional de drogas nas regiões Norte e Nordeste, houve a mudança do regime demográfico, rumo ao envelhecimento da população, com a subsequente diminuição do número de jovens. Por fim, em alguns estados e municípios brasileiros houve a implementação de ações e programas qualificados de segurança pública. (Ipea, 2023, p.10)

O estudo aponta que essa queda poderia ter sido ainda mais acentuada em 2021, mas cita fatores como "a política armamentista desencadeada no governo Bolsonaro" e a "guerra pelo controle do varejo de drogas em territórios das grandes cidades, que parece ter se acentuado com a pandemia"(Ipea, 2023, p. 11).

No levantamento das publicações que realizamos, percebemos que, dentro da temática Violência, estavam elencados agentes e vítimas diversos. Por exemplo, há ocorrências de postagens que destacavam a morte do garoto Miguel, no Recife; a execução da liderança quilombola Edvaldo Rocha, no Maranhão; ou a morte do Genivaldo Santos, em Sergipe, em uma abordagem da Polícia Rodoviária Federal. Nesses casos, por exemplo, podemos elencar pelo menos três tipos de violência: o primeiro caso, contra uma criança; o segundo, contra uma pessoa negra e o último, além de ser contra uma pessoa com esquizofrenia, vale atentar para o fato de ter sido infligida por uma força de segurança federal.

Assim, para viabilizar uma categorização desses tipos de violência, utilizamos a classificação trazida pelo próprio Atlas da Violência 2023, embora façamos uma ampliação, não considerando apenas mortes, mas também situações em que as pessoas tenham sido vítimas de agressões.

Isso posto, identificamos 3 publicações dentro da temática violência contra a juventude e as crianças; 3 de violência contra a mulher; 5 englobando violência contra pessoas negras; 1 postagem com a temática violência contra a população LGBTIAP+, e 1 destacando violência contra indígenas.

Considerando que uma das grandes bandeiras do Movimento Mães de Maio é denunciar a violência policial, ainda que ela não seja uma classificação que conste no Atlas, decidimos também incluir essa temática na categorização. Dessa forma, tivemos 22 ocorrências, mostrando que esse é o tema mais recorrente dentro de Violência, em um universo de 41 postagens. Restaram ainda outras seis publicações que não se encaixaram em nenhuma das classificações, mas que também são relevantes e serão analisadas.

a) Violência contra a juventude e as crianças

No Brasil, a violência é a causa número um de morte entre jovens. Segundo o Atlas da Violência 2023, a cada cem indivíduos entre 15 e 29 anos que morreram no país por qualquer causa, 49 foram vítimas da violência letal. Além disso, do total de 47.847 homicídios ocorridos no Brasil no mesmo ano, 50,6% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. Neste período, 66 jovens foram assassinados por dia no país (Ipea, 2024, p.22).

Na análise, das três publicações, chama a atenção o fato de que duas são referentes ao Caso Miguel, nome dado pela imprensa à cobertura da morte de Miguel Otávio de Santana,

um menino negro, de cinco anos, no dia 5 de junho de 2020, dois anos antes da coleta dos posts analisados.

Miguel caiu da altura do nono andar de um dos edifícios de mais alto padrão de Recife (PE), após entrar em um elevador de serviço. Ele estava sob os cuidados de Sari Corte Real, patroa da mãe de Miguel, a empregada doméstica Mirtes Renata. Momentos antes, Sari, que estava fazendo as unhas com uma manicure em casa, pediu para que Mirtes levasse o cachorro para passear nas áreas comuns do prédio. Miguel ficou então sob a responsabilidade de Sari. O garoto tentou descer para encontrar a mãe e, nessa busca, sem entender os perigos que estaria passando, acabou tendo seu destino trágico (Silva Jr., 2020).

A primeira postagem¹¹⁴ publicada na fanpage Mães de Maio sobre o anúncio, data de 8 de maio de 2022, e trata-se de um vídeo repostado da página de Mônica Cunha¹¹⁵, vereadora pelo município do Rio de Janeiro, com imagens de um ato no qual as pessoas reivindicavam justiça pela morte de Miguel. Além disso, o vídeo traz uma mensagem de apoio a Mirtes e informa que o processo foi concluído e aguardava sentença.

Figura 29 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 08 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

¹¹⁴ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2507197092749309>. Último acesso em 16 mai. 2024.

¹¹⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/monicacunhario/>. Último acesso em 16 mai. 2024.

Essa temática, aliás, é cara ao Mães de Maio e, portanto, é muito coerente que faça parte dos seus interesses para publicação, basta lembrarmos que grande parte das vítimas dos Crimes de Maio era composta por jovens (CAAF/Unifesp, 2019, p.71). Além disso, vale destacar que, quando uma criança ou um jovem morrem, perdemos no caminho vidas que poderiam transformar e ser transformadas, "talentos não realizados, que deixaram de contribuir para a cidadania, para a cultura, os esportes e a ciência do país, entre outras atividades (...) o descompromisso com a juventude está comprometendo o futuro da nação" (Ipea, 2023, p. 24).

b) Violência contra a mulher

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública divulgou, em 2023, que quase 30% das brasileiras sofreram algum tipo de violência ou agressão durante o ano de 2022 (FBSP, 2023) e indicou que, desde seu primeiro levantamento, em 2017, o número cresceu ano a ano.

O Atlas da Violência 2023 indica algumas hipóteses para esse aumento. Em primeiro lugar, a diminuição do orçamento público federal para as políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres. O governo Jair Bolsonaro (2019-2022) reduziu em 94% o orçamento para as políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres. Em segundo, o radicalismo político, associado ao aumento do conservadorismo que reforça os valores patriarcais, promovidos e incentivados pelo ex-presidente da República, pode ter contribuído para intensificar os conflitos e a violência de gênero contra as mulheres na sociedade. E, em terceiro, as condições que a pandemia de Covid-19 submeteu as pessoas, sobretudo, as mulheres que, por conta de fatores como restrição de horário e funcionamento de serviços protetivos; diminuição do controle social da violência por conta do isolamento; o aumento dos conflitos relacionados à convivência e também das separações de casais, e a diminuição do poder econômico das mulheres nas famílias.

No período analisado, a fanpage Mães de Maio tratou do assunto em três ocasiões. A primeira¹¹⁸, em 19 de abril de 2022, com um vídeo mostrando uma tentativa de feminicídio. A publicação é um repost da fanpage do vereador por São Paulo Thammy Miranda¹¹⁹.

¹¹⁸ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2515602771908741>. Último acesso em 16 mai. 2024.

¹¹⁹ Disponível em <https://www.facebook.com/ThammyOficial>. Último acesso em 16 mai. 2024.

Figura 31 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 19 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

A segunda¹²⁰, publicada em 04 de maio de 2022, traz uma ilustração onde está escrito: "Não quero flores, quero o fim do feminicídio", repostada do perfil pessoal da pedagoga Sara Oliveira¹²¹. O post teve bom engajamento com 41 curtidas e 13 compartilhamentos.

¹²⁰ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2528468797288805>. Último acesso em 16 mai. 2024.

¹²¹ Disponível em <https://www.facebook.com/profile.php?id=100006034249156>. Último acesso em 16 mai. 2024.

Figura 32 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 04 de maio de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

O uso de ilustrações como é o caso desta publicação, chama a atenção do público por se utilizar de uma linguagem simples e direta e, para além disso, por se tratar de uma ilustração crítica como é o seu caso, exige do sujeito um olhar que questione o que acontece à sua volta, instigando-o ainda a "exercer uma atitude participativa que estimule o confronto de ideias durante a decodificação dos códigos visuais de uma imagem" (Rocha, 2021).

A terceira postagem, publicada em 22 de junho de 2022, traz um link do site Universa, do Uol, com a matéria "Procuradora espancada: Agressor tem prisão preventiva requerida por polícia". O caso, que teve grande repercussão, aconteceu no dia 20 de junho, quando o

procurador Demétrius Oliveira de Macedo agrediu a colega e também procuradora Gabriela Samadello, dentro do prédio da prefeitura. A agressão, que foi filmada, ganhou ampla notoriedade na época. No vídeo, o agressor insulta e desfere socos no rosto da procuradora-geral, que tentava se proteger enquanto gritava por socorro. Outras mulheres presentes tentaram contê-lo, mas ele empurrou uma delas com força contra a porta.

Figura 33 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 22 de junho de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Esse post foi o mais popular dentro de sua categoria, com 69 curtidas, dois comentários e cinco compartilhamentos. A escolha dessa temática pelo Mães de Maio não é por acaso. Além de o grupo ser formado sobretudo por mulheres, o tema é uma das preocupações atuais do movimento, uma vez que a violência contra a mulher tem se tornado cada vez mais latente nas mais diversas esferas. Há uma preocupação ainda maior no que se refere às mulheres negras e às da periferia, mas há também uma noção de que, uma vez que o movimento se pauta também dentro da luta feminista, protestar contra essa violência contra todas as mulheres torna-se prioridade (Silva, 2023b)

c) Violência contra pessoas negras

Em 2021, a população negra (negros e pardos, segundo o IBGE) representou 77,1% dos homicídios no país, apresentando uma taxa de 31 mortos a cada 100 mil habitantes, enquanto a taxa para pessoas não negras (incluindo amarelos, brancos e indígenas) foi de 10,8. Além disso, considerando os dados obtidos entre 2011 e 2021, apesar de ter ocorrido uma redução nos homicídios no país de forma geral, essa diminuição está mais concentrada entre os não negros do que entre as pessoas negras. "Considerando a tese do racismo estrutural, temos evidência de que há um grupo racialmente identificado sendo vitimizado de forma sistemática" (Ipea, 2023, p. 53).

O Atlas da Violência assinala que as chances de uma pessoa negra ser assassinada é maior do que o de uma pessoa não negra, apenas e tão somente, por conta da cor de sua pele, o que pode ser justificado graças ao racismo estrutural. Silvio Almeida nos lembra que o racismo pode levar a sociedade a se conformar com a violência sobretudo direcionada às pessoas negras.

O racismo, mais uma vez, permite a conformação das almas, mesmo as mais nobres da sociedade, à extrema violência a que populações inteiras são submetidas, que se naturalize a morte de crianças por 'balas perdidas', que se conviva com áreas inteiras sem saneamento básico, sem sistema educacional ou de saúde, que se exterminem milhares de jovens negros por ano, algo denunciado há tempos pelo movimento negro como genocídio. (Almeida, 2019, p.75)

Dentre as denúncias feitas pelo Movimento Mães de Maio está exatamente esse extermínio de pessoas negras, sobretudo, jovens no Brasil (Mães de Maio, 2011 , p. 13) e isso pode ter motivado as cinco postagens realizadas no período analisado para esta pesquisa.

Chama a atenção que, dessas cinco, quatro anunciam o lançamento do Observatório da Violência Racial (OVIR) uma iniciativa do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense da Universidade Federal de São Paulo (Caaf/Unifesp), com o objetivo de levantar e monitorar dados sobre o complexo e multifacetado fenômeno da violência racial cometida por agentes institucionais. Esse tema, inclusive, que trata não só da violência racial, mas da violência policial, será abordado mais à frente nesta pesquisa.

Destas quatro postagens, a que teve mais engajamento foi a do dia 24 de junho de 2022¹²², com nove curtidas, número baixo sobretudo se lembrarmos que a média de curtidas deste mês foi de 19,1 curtidas. A postagem traz um link de uma matéria¹²³ publicada no site A Ponte Jornalismo, com o título "Unifesp lança Observatório da Violência Racial para denunciar genocídio negro."

Figura 34 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 24 de junho de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Apesar da existência de publicações, acreditamos que a análise da temática "violência contra as pessoas negras" será ampliada quando analisarmos a categoria violência policial, mais à frente e que, por conta da transversalidade entre essas duas temáticas, a categoria tenha

¹²² Disponível em

<https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/pfbid02VSNS85Exma7mFH5Xdber2Bck6V4gmwdpip7EYQNMGHqEXDzJ6CmLpkaiRDGjDsGwl>. Último acesso em 17 mai. 2024.

¹²³ Disponível em

https://ponte.org/unifesp-lanca-observatorio-da-violencia-racial-para-denunciar-genocidio-negro/?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAR3Ooy5qKJoEP2DD6Q3Q0ftmAMgjqKUg3HM3s1mkeeBWcaPBFTgPLum7elk_aem_Ad2BGYigwR2wm6eqaUhHiNhKThC5FYTCL1I11P-xschF2yclc9TTGXbQiluLPVMDNRL82CIPnP0AtwMwi9hjqf5. Último acesso em 17 mai. 2024.

tido apenas cinco ocorrências. Chama a atenção, no entanto, a falta de interesse do público por essas postagens. Não podemos deixar, obviamente, de levar em conta o fato de que o algoritmo do Facebook pode ter diminuído as visualizações, sobretudo, por serem publicações unicamente orgânicas.

d) Violência contra a população LGBTQIAP+

Outra subcategoria dentro da temática violência que identificamos no período analisado foi o de "violência contra a população LGBTQIAP+". Segundo o Atlas da Violência 2023, há uma grande dificuldade em se levantar os dados relacionados a homicídios que vitimam essa parte da população brasileira, o que é um grande desafio técnico à implementação de políticas públicas destinadas a esses cidadãos.

É interessante notarmos que; o período de análises desta pesquisa de dissertação; está dentro do intervalo de análise utilizada para a elaboração do Atlas da Violência, um período que, segundo a publicação mostra um cenário bastante delicado para essa população, "marcado pela institucionalização de discursos LGBTfóbicos, sintetizados na máxima de que 'minorias têm que se adequar'" (Ipea, 2023, p 61) e cujo contexto estrutural precarizava o acesso dessa população a direitos, invisibilizava suas demandas, colocava-os em perigo e os submetia a um cenário de desinvestimento, sucateamento e uso instrumental de equipamentos estatais para perseguição sociopolítica, promovendo discursos de ódio contra essa comunidade (Ipea, 2023, p 61).

Ter esses fatores em mente pode nos ajudar a entender por que essa temática ganhou algum destaque na fanpage do movimento, com uma publicação¹²⁴ realizada no dia 9 de abril de 2022. Ela traz um repost do perfil pessoal de Dina Alves relatando a morte de Luana Barbosa dos Reis, em 8 de abril de 2016, após ser abordada por três policiais em Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo.

Apesar de termos identificado apenas uma publicação dentro da subcategoria "violência com as pessoas LGBTQIAP+", ela teve boa recepção pelos seguidores da fanpage, com 37 curtidas e 7 compartilhamentos.

¹²⁴ Disponível em <https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/2507602632708755>. Último acesso em 17 de maio de 2024.

Figura 35 - Publicação da Fanpage Mães de Maio do dia 09 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

A morte de Luana traz diversos pontos a serem observados e que podem ter chamado a atenção do Mães de Maio e motivado a postagem.

No dia 8 de abril de 2016, na cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, em uma intervenção da polícia militar no Bairro Jardim Paiva II, Luana Barbosa foi brutalmente espancada por três policiais. À Luana, mulher negra, periférica, lésbica e mãe de Luan dos Reis, não foi garantido o direito de ser revistada por uma agente do sexo feminino e esse foi o fator que culminou em sua morte após ser abordada e espancada pelos policiais. (Diplomatique, 2022)

Luana foi morta em condições muito parecidas às dos filhos das ativistas do movimento e, assim como as ativistas, também era mãe, negra e periférica. Essa identificação pode ter sido importante na decisão de compartilhar essa postagem, sobretudo, quando observamos que o ato do compartilhamento é também mostrar uma identificação com aquele conteúdo e uma intenção de reverberá-lo à sua rede (Recuero, 2014).

f) Violência contra indígenas

A violência contra indígenas no Brasil é histórica. Desde o período colonial, essa população tem sido sistematicamente dizimada e essa ainda é a realidade atual no país. Segundo o Atlas da Violência 2023, em 2021, aconteceram 19,2 homicídios a cada 100 mil indígenas em 2021. No entanto, é importante ressaltar que esses números podem não ser exatos, uma vez que, em alguns estados, não há registro de dados.

No período analisado para esta pesquisa, foi identificada uma publicação categorizada como "violência contra indígenas". Trata-se de um repost¹²⁵ do perfil¹²⁶ pessoal do pesquisador Marcelo Zelic.

Figura 36 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 28 de junho de 2022.

A situação é muito grave em todo o país. A paralisação das demarcações de terras, o não reconhecimento da legislação internacional que garante a escuta, proteção e cuidado dos povos indígenas e seus territórios tem cobrado um preço muito alto em vidas indígenas no Brasil. Os assuntos ligados às disputas de terras indígenas têm caráter federal e não podem ser resolvidos mediante a força bruta, ainda mais por forças regulares de âmbito estadual.

É preciso que as instituições cumpram seu papel constitucional para que a democracia prevaleça à barbárie. O que acontece aos povos indígenas com a negação de seus direitos solapa os pilares da democracia de todos cidadãos e todas cidadãs brasileiras e traz consigo a derrocada das próprias instituições nacionais.

Nos solidarizamos com o povo Guarani Kalowá que tem sido historicamente aviltado de seus direitos constitucionais em favor do agronegócio e apoiamos os pedidos feito pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) da qual recebemos cópia em nossa instituição, dos documentos protocolados no Ministério Público, CIDH e na ONU em anexo.

O ciclo de repetição de violência contra o povo Guarani Kalowá e demais povos brasileiros precisa ser rompido em nosso país. A demarcação de suas terras e a definição sobre o marco temporal por parte do STF em favor da tese do indígenato e o respeito ao direito originário é parte da solução.

Demarcar é reparar! A paz é fruto da justiça.

Comissão Justiça e Paz de São Paulo
.Documentos Recebidos:
Pedido de Providências n. 03/2022 – AJUR/APIB - Procuradoria da República em Mato Grosso do Sul - <https://armazemmemoria.com.br/.../Pedido-de-Providencias...>
Report 02/2022 – AJUR/APIB - Comissão Interamericana de Direitos Humanos – CIDH - Secretaria Executiva - <https://armazemmemoria.com.br/.../Report-APIB-02-22.-CIDH...>
Report 02/2022 – AJUR/APIB - ONU - Relatoria Especial para os Direitos dos Povos Indígenas - <https://armazemmemoria.com.br/.../Report-APIB-02-22.-ONU...>

Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

A postagem, inclusive, chama a atenção por relatar uma situação ocorrida em Mato Grosso do Sul, estado de onde esta pesquisa está sendo produzida. Apesar de geograficamente distante do coração do movimento, a causa indígena tão presente em estados fora do eixo Rio-São Paulo é importante para elas, tanto que grupos de mães indígenas como as mães Guarani Kaiowá, de Mato Grosso do Sul, chegaram a participar do I Encontro Internacional

¹²⁵ Disponível em

<https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/pfbid05T35qV1syGPKBW4Z4msq41rxxJSenApPmyeBUchDQdOQj4DgtXN9g9LJbfHNLcJPI>. Último acesso em 18 mai. 2024.

¹²⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/marcelo.zelic>. Último acesso em 18 de maio de 2024.

de Mães e Familiares de Vítimas do Estado Democrático, evento organizado pelo Mães de Maio, em 2016, quando os Crimes de Maio completaram dez anos ¹²⁷(Stabile, 2016).

Figura 37 - Registro do I Encontro Internacional de Mães e Familiares de Vítimas do Estado Democrático, em 2016.



Fonte: Site A Ponte, disponível em <https://ponte.org/maes-de-maio-abrem-primeiro-encontro-internacional-de-vitimas-do-estado>. Foto: Caio Palazzo

Vale lembrar também que faz parte da missão do movimento "lutar pela Verdade, pela Memória e por Justiça para todas as vítimas da violência contra a população Pobre, Negra, Indígena" (Mães de Maio, 2011, p.20), o que pode justificar também a presença dessa temática em suas publicações.

g) Violência sem classificação

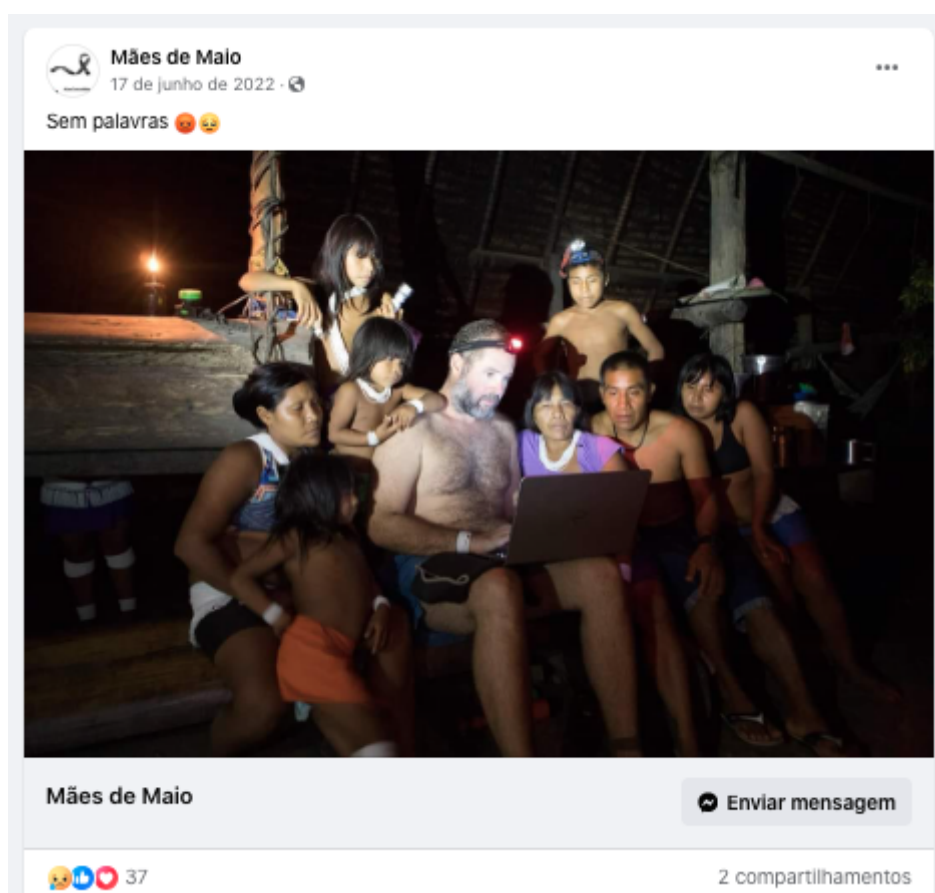
Além dessas categorias e também a de Violência Policial que abordaremos logo mais, tivemos seis postagens que, apesar de trazerem a temática da violência, não se encaixaram em

¹²⁷ Em uma conversa prévia com Débora Maria da Silva, ela explicou que a participação das mães Guarani Kaiowá foi breve e que depois do encontro, acabaram se afastando da rede de mães.

nenhuma das categorias. Para elas, demos o nome generalista de "Violência Sem Classificação", apenas.

Nessa categoria, tivemos seis ocorrências, sendo que cinco delas, todas postadas em junho, se referiam às mortes do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips, e a que teve mais engajamento foi a postagem¹²⁸ de uma foto de Bruno ao lado das crianças indígenas do Vale do Javari. Foram 37 curtidas e uma única legenda: "Sem palavras".

Figura 38 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 17 de junho de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Bruno estava na região do Vale do Javari, no Estado do Amazonas, para reuniões em cinco aldeias sobre a proteção do território, e Dom tinha a intenção de entrevistar lideranças indígenas e ribeirinhos para um novo livro, chamado "Como Salvar a Amazônia?". Eles

¹²⁸ Disponível em

<https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/pfbid033GEsioQouxVy1exSYmSGDJFpKKGWmQN5GVuuPdcj6ec3g6syLmqA33C4xtCLRwXKwI>. Último acesso em 18 mai. 2024.

desapareceram no dia 05 de junho de 2022 e seus corpos foram encontrados oito dias depois. (G1, 2022)

Acreditamos que a presença de cinco ocorrências de publicações sobre a morte de Bruno e Dom na fanpage do Movimento Mães de Maio possam ter sido motivadas por esse acontecimento ter sido um tema que ganhou dimensão nacional e provocou amplo debate público, lembrando que Débora destaca que as postagens também estão relacionadas a temas que chamam a atenção do Mães de Maio (Silva, 2023a) que, assim, como esses dois sujeitos também lutavam por pessoas vítimas de opressões.

3.6. Violência policial: uma categoria que pesa

Das 41 postagens levantadas durante o período analisado dentro da categoria Violência, 22 são relativas à subcategoria Violência Policial.

Essa violência é uma das denúncias basilares do Movimento Mães de Maio, a razão pela qual os Crimes de Maio ocorreram. Mas podemos ir um pouco mais fundo e considerar a violência policial uma das cicatrizes mais profundas da sociedade brasileira que, ao mesmo tempo que mostra uma ferida, é quase perene, parte da dinâmica da nação cujo passado escravocrata traz reflexos mais de 130 anos depois da assinatura da Lei Áurea e que ainda carrega uma forte herança da ditadura militar no país.

O antropólogo Luiz Eduardo Soares explica que esse período sombrio da história brasileira ajudou a instituir o modelo atual da polícia, reorganizando os aparatos policiais, intensificando sua tradicional violência, autorizando-a e adestrando-a, e expandindo o espectro de sua abrangência. (Soares, 2015, p.30). As próprias Mães de Maio consideram que ainda estamos em uma espécie de ditadura: "(...) vivemos em um Estado dito democrático de direito que camufla uma verdadeira ditadura continuada, operando livremente, assolando lares de famílias periféricas, sem direito à justiça, à verdade e à liberdade" (Mães de Maio, 2011, p. 26). Para a análise dessa subcategoria que traz tanto peso à história e à atuação do movimento, concentramo-nos em três assuntos que tiveram mais destaque nesses 41 posts. Quando falamos em destaque não apenas consideramos o engajamento das publicações, mas também a ligação que esses temas têm com o dia a dia dessas ativistas.

Percebemos nas análises das temáticas anteriores, por exemplo, que casos de repercussão na mídia nacional acabaram ganhando grande destaque nas publicações da fanpage do movimento. Na subcategoria Violência Policial, isso não foi diferente. Dos 21

posts levantados, três foram sobre a morte de Genivaldo de Jesus Santos, no dia 25 de maio de 2022, e o que mais recebeu curtidas foi publicado no dia 29 de maio de 2022.

Figura 39 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 29 de maio de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

A postagem teve 28 curtidas, um comentário e 6 compartilhamentos. Na legenda, o Mães de Maio pede o que vem pedindo por seus filhos desde 2006: "Justiça".

Genivaldo tinha 38 anos e morreu após ser trancado no porta-malas de um carro da Polícia Rodoviária Federal por três policiais e forçado a inalar gás lacrimogêneo por quase 12 minutos. A ação foi filmada por testemunhas e as imagens da viatura repleta de fumaça ganharam o mundo, chamando a atenção, inclusive, do escritório da Organização das Nações Unidas (ONU) para os Direitos Humanos na América do Sul, que pediu agilidade na investigação (Barreto; Gonçalves, 2023).

Genivaldo foi abordado pelos policiais por estar pilotando uma motocicleta sem capacete da rodovia BR-101 em Umbaúba, Sergipe. A justificativa de Paulo Rodolpho, um dos três policiais envolvidos no caso, foi a de que foram utilizados os equipamentos de rotina da corporação com o objetivo de conter a agressividade de Genivaldo e preservar a integridade dos agentes.

Essas execuções são frequentemente justificadas pelos agentes de segurança como "autos de resistência", ou seja, incidentes que registram civis mortos em abordagens policiais nos quais houve resistência seguida de morte (Bezerra, 2014). Para o movimento Mães de Maio, eles significam um grande perigo para as pessoas negras e periféricas.

"(...) uma verdadeira 'licença para matar' pessoas pobres, pretas e/ou anônimas. Aquelas que eles são pagos para controlar, para aterrorizar, e para descartar quando bem entenderem. Nunca é demais repetir: apenas entre os dias 12 e 20 de Maio de 2006 foram mais de 500 pessoas assassinadas no estado de São Paulo, na maioria jovens que hoje constam como mortos ou desaparecidos (...) (Mães de Maio, 2011, p.13)

Genivaldo deixou um filho pequeno e uma companheira. Dois dias após sua morte, ativistas do movimento negro organizaram um protesto em frente à sede da Polícia Federal (que ficou responsável pela investigação do caso), em Aracaju, Sergipe. Esse protesto foi também citado na fanpage das Mães de Maio em um vídeo¹²⁹ postado no dia 28 de maio de 2022. A legenda escolhida foi: "Abolição desses Crápulas / Já passou da hora 🤢🤡🤡", o que explicita a luta e o repúdio que o movimento tem contra uma polícia que tem se mostrado tão violenta ao longo dos anos.

Outro caso que teve repercussão nacional foi a agressão sofrida por uma professora da rede pública de Barra Mansa (RJ) por agentes da Guarda Municipal enquanto participava de uma manifestação pela categoria. Eles alegaram que a mulher havia agredido os agentes e eles apenas reagiram. (Luz, 2022).

A publicação¹³⁰, do dia 30 de junho de 2022, é um repost da página¹³¹ da deputada federal Talíria Petrone que, inclusive, denuncia nessa postagem o descaso com que o estado

¹²⁹ Disponível em

<https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/pfbid0E2A8KP6H2qxWTyC3b3sJowHKO13NTHOSENHjts57KwxnnVgch2XMG95pe3msbSJI>. Último acesso 20 mai. 2024.

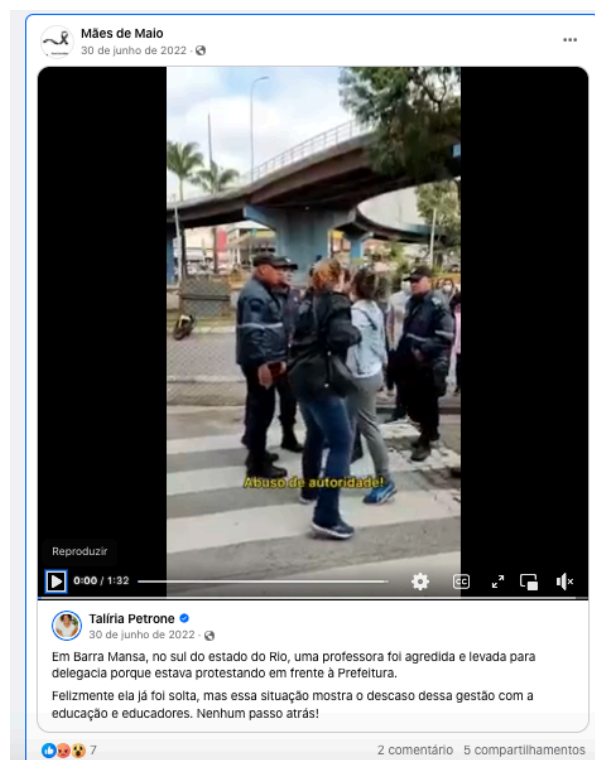
¹³⁰ Disponível em

<https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/pfbid0266VdEYMK8Ya1Yoc8tBfsS4s1EeZnYsvcEA3wAqnE36qpoJ4CSGhkXS72rX7aaBA5I>. Último acesso em 21 mai. 2024.

¹³¹ Disponível em <https://www.facebook.com/taliriapetronepsol>. Último acesso em 21 mai. 2024.

trata a educação e os educadores. No vídeo, é possível ver que a professora foi colocada à força na viatura da Secretaria Municipal da Ordem Pública e levada à delegacia.

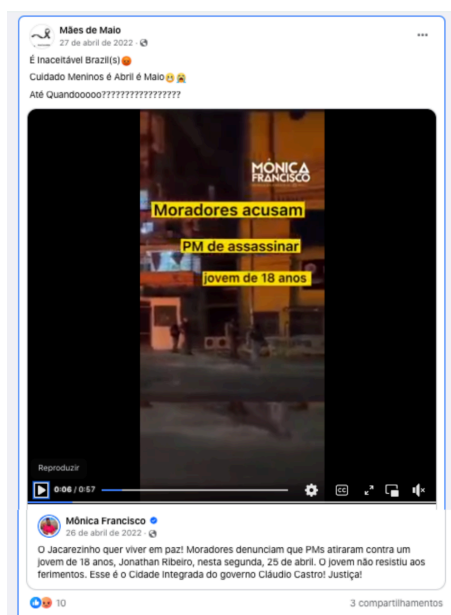
Figura 39 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 30 de junho de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

A violência de ações policiais também foi destaque na postagem do dia 27 de abril de 2022, com um repost de um vídeo da página da ativista Mônica Francisco, que denuncia que moradores da comunidade do Jacarezinho, no Rio de Janeiro, denunciaram que policiais militares haviam assassinado um jovem de 18 anos.

Figura 40 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 27 de abril de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

Jonathan Ribeiro de Almeida foi atingido com um tiro no peito no dia 25 de abril de 2022. Moradores acusaram a Polícia Militar de ter efetuado o disparo e, no dia 26, um cabo da Polícia Militar assumiu que atirou contra o jovem mesmo sem ter ocorrido troca de tiros. A Assessoria de Imprensa da Secretaria de Estado de Polícia Militar alegou que Jonathan portava drogas e um simulacro de arma de fogo (Nexo, 2022).

É preciso lembrar que Jacarezinho foi palco da operação policial mais letal da história do Rio de Janeiro, ocorrida em maio de 2021. Realizada pela Polícia Civil, a ação resultou em 28 mortes, incluindo a de um policial. Na época, a Polícia Civil afirmou que houve confronto entre agentes e traficantes, mas moradores relataram que algumas vítimas não tinham envolvimento com crimes e, ainda assim, foram rendidas. Desde 19 de janeiro de 2021¹³², a comunidade está ocupada por forças de segurança como parte do projeto Cidade Integrada, implementado pelo governo do Estado do Rio de Janeiro. Esse programa, considerado uma reformulação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), inclui patrulhamento, investigações contra organizações criminosas e intervenções sociais. (Barreira; Brasil, 2021) No entanto, moradores dizem não ver resultados efetivos que tenham melhorado a vida da comunidade desde o início de sua implantação (Costa, 2024).

¹³² Durante a escrita desta pesquisa, em julho de 2024, a comunidade continuava ocupada pelo projeto Cidade Integrada.

Na postagem publicada na fanpage do Movimento Mães de Maio sobre a execução no Jacarezinho, a legenda escrita por elas traz um "até quando?" e faz um alerta aos meninos, para que tomem cuidado. O medo, inclusive, é parte de um *modus operandi* violento de controle, fruto de uma polícia que não protege parte dos cidadãos, sobretudo, os periféricos, mas que causa temor.

Somam-se aos números estatísticas que ilustram a relação negativa dos brasileiros com suas polícias: 70% da população do país não confia na instituição, e 63% se declaram insatisfeitos com sua atuação. O medo diante da polícia também é registrado em cifras: um terço da população teme sofrer violência policial, e índice semelhante receia ser vítima de extorsão pela polícia. (Mena, 2015, p.21)

Sob a justificativa de proteger a população, ações policiais desastrosas têm deixado marcas e interrompido histórias, sobretudo, de pessoas negras, pobres, moradoras de periferias, em uma associação manipulada pela mídia entre criminalidade, pobreza e negritude (Wyllys, 2015, p. 62).

Dentro da subcategoria Violência Policial, chamou também a atenção a ocorrência de publicações com depoimentos e posicionamentos de mães e familiares de vítimas de abordagens de agentes de segurança em uma tônica de “vozes de quem ficou”

No dia 9 de junho de 2022, foi publicado um repost¹³³ do perfil pessoal do pesquisador Fábio Araújo¹³⁴. Nele, duas fotos 3x4 de um jovem e sua mãe e, na legenda, o relato de uma mensagem de Izildete Santos da Silva, cujo filho Fábio Eduardo de Souza estava desaparecido há 19 anos na ocasião da publicação.

O jovem desapareceu em 2003, na Baixada Fluminense, quando estava em uma festa junina e teria sido levado por policiais. Izildete nunca mais teve notícias do filho.

¹³³ Disponível em

<https://www.facebook.com/maes.demaio/posts/pfbid02Aj3EwVQWxPHtfUgpuuTwCa7mvTQtbLqHqOmYKc2TX6r8gKkBsnpqqvuv3s3ktbsyl>. Último acesso em 21 mai. 2024.

¹³⁴ Disponível em <https://www.facebook.com/fabio.araujo.900>. Último acesso em 21 mai. 2024.

Figura 40 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de junho de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

O post, que repete diversas vezes a pergunta "Onde está meu filho?", foi um dos mais populares do mês de junho, com 42 curtidas e 6 compartilhamentos. A emoção que o texto da legenda traz pode ter sido um dos grandes motivadores para que os usuários curtissem a postagem.

Outra publicação que traz o posicionamento de uma mãe em busca de um filho desaparecido foi postada no dia 10 de abril de 2022. Trata-se de um vídeo repostado do perfil pessoal da militante colombiana Cristina Bautista, no qual uma mãe exige a "aparição com vida" de seu filho desaparecido. O termo, inclusive, foi amplamente utilizado, na década de 1980, pelas Madres de La Plaza de Mayo, na Argentina, movimento já abordado nesta pesquisa. O slogan, algumas vezes era completado por "com vida os levaram, com vida os queremos" (Quadrat, 2002, p.119)

Figura 41 - Publicação da fanpage Mães de Maio do dia 09 de junho de 2022.



Fonte: Fanpage do Movimento Mães de Maio.

A violência policial na América Latina é uma problemática de longa data, uma vez que os países que apresentam hoje grande dados de abuso e violência policial, tiveram em algum momento do passado um governo ditatorial e militarizado, além disso, essas instituições detêm o monopólio do uso da força legítima do Estado, ainda que a população, de forma geral, não acredite estar sendo protegida por esses agentes de segurança. (Jasso Lopez, 2021, p.122)

O fato de que tanto uma súplica de uma mãe brasileira quanto a de uma mãe colombiana buscando seus filhos terem ganhado espaço na página do movimento só reforça e que o Mães de Maio é mesmo um movimento cujos braços querem alcançar todas aquelas mães e pessoas que buscam por seus filhos, familiares e pessoas amadas que tenham sido vítimas, de algum modo, do Estado.

A dor de Débora fez dela a maior referência dos milhares de pais e mães que, desde 2006, perderam seus filhos devido à ação da Polícia Militar. Assim, o movimento Mães de Maio começou a juntar também mães de outros meses, de 2007, 2008, 2009, até hoje. E não para de crescer, porque a polícia nunca cessou de tratar os pretos pobres, moradores das periferias, como “suspeitos padrão”. Débora exige apuração dos crimes. Mostra o rosto devastado dos pais chorando a morte dos filhos. Dá nome e sobrenome às vítimas. Cobra ação da Justiça. Denuncia a reação anestésica da mídia tradicional. Escracha os programas sensacionalistas, que vivem de incitar a população à prática da vingança de sangue. Débora incomoda porque desnuda a violência estatal (...) (Capriglione, 2015, p.61)

A ocorrência dessas postagens pode revelar o fato de que a violência sofrida por seus filhos acaba por reverberar em outros tipos de violência, sobretudo, causadas a minorias, como nos casos dessas postagens em uma espécie de reação e denúncia contra a necropolítica e a do estado que tenta ditar quais corpos merecem continuar vivos e quais não, sobretudo, a partir da "percepção da existência do Outro como um atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança" (Mbembe, 2018, p.19).

Essa perspectiva de um movimento que denuncia a violência policial e o que ela faz a seus filhos pode, então, ser percebida não só em seus atos e protestos nas ruas, mas também nas redes sociais do movimento. A escolha de falar sobre esses assuntos, em uma rede que pode alcançar milhares de pessoas, não é por acaso, é intencional, ainda que sem uma estratégia delimitada. Elas amplificam, sobretudo, as vozes de quem ficou.

4. Considerações finais

Em 2024, ano em que esta pesquisa está sendo publicada, o Movimento Mães de Maio completou 18 anos de ativismo. Em todo esse tempo, os avanços foram poucos: elas continuam aguardando respostas do Estado sobre a violência sofrida por seus filhos e nunca foram ressarcidas ou sequer acolhidas por nenhuma esfera do governo no que se diz respeito a danos morais, psicológicos, financeiros e também físicos sofridos em consequência dessas perdas.

Em 2023, o deputado federal Orlando Silva (PCdoB) propôs o Projeto de Lei 2999/2022, conhecido como PL das Mães de Maio, que visava criar um programa destinado a enfrentar os impactos da violência institucional sofrida por mães e familiares das vítimas, oferecendo suporte jurídico, econômico, social e psicológico. Além disso, ele propunha a capacitação permanente das forças policiais, buscando adequar abordagens e protocolos para que fossem menos violentos, com a promoção de temáticas relacionadas a direitos humanos e contra discriminações e preconceitos nos currículos das forças, bem como o incentivo a campanhas educativas sobre práticas não violentas (Silva, 2023).

No entanto, em consulta ao site da Câmara dos Deputados¹³⁵, foi constatado que o PL não chegou a ser votado e está apensado ao PL 3503/2004 que, dentre outros pontos, cria o Fundo Nacional de Assistência às Vítimas de Crimes Violentos. No momento, ele aguarda a Criação de Comissão Temporária, sendo assim, as integrantes do Movimento Mães de Maio e tantas outras mães continuam desamparadas e sem apoio legal do Estado.

Mesmo com um cenário com mais revezes do que vitórias, as mães do Mães de Maio nunca deixaram de se manifestar nem de buscar parcerias para conseguirem cumprir com seus objetivos. Uma das grandes reivindicações do movimento, como citamos no Capítulo 1, era buscar ajuda psicológica para os familiares das vítimas. Em janeiro de 2024, o movimento, em colaboração com o Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (Caaf) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), lançou o Projeto de Pesquisa e Intervenção Multiprofissional. Essa iniciativa, que combina acolhimento, formação e suporte jurídico, recebeu um aporte de R\$ 4 milhões do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP). Com ela, será possível realizar atendimentos nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Ceará e Minas Gerais. O objetivo é estabelecer em cada local um polo de suporte composto por uma equipe

¹³⁵ Disponível em <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2343051>. Último acesso em 10 jun. 2024.

multidisciplinar, incluindo, advogados, assistentes sociais e psicólogos. Aproximadamente, 30 famílias em cada estado deverão ser beneficiadas com as ações. O projeto será mantido por dois anos (Duarte, 2024), mas ainda não entrou em atividade¹³⁶.

Em março de 2024, o movimento lançou um documentário com depoimentos e gravações feitas ao longo dos 18 anos de atuação e também elaboraram e distribuíram a cartilha “Escute as Mães de Maio: vamos parir um novo Brasil”. Ela é descrita como um “oráculo da luta”, e visa orientar familiares que possam vir a sofrer a perda de um ente querido pelo Estado e que não sabem por onde começar e a quem recorrer (Arroyo; Mendonça, 2024).

O ritmo de ações das quais o movimento continua participando sinaliza que o Mães de Maio está a todo vapor em sua militância. Além da participação usual no Cordão da Mentira, em primeiro de abril, elas também promoveram eventos como o projeto “Fortalecendo o alcance e o impacto dos movimentos de direitos humanos no Brasil”, em Santos (SP), no qual exigiram de representantes do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, respostas quanto à violência de Estado (Participantes, 2024).

Todos esses acontecimentos foram divulgados nas redes sociais do Movimento, sobretudo em sua fanpage, que se mantém bastante ativa, mas, assim como no período analisado nesta pesquisa, as postagens continuam sendo feitas de forma orgânica, muitas vezes, até tímida, sobretudo, por não se tratar de estratégias (Certeau, 1998), mas de uma atuação tática, a partir do que o próprio lugar e as circunstâncias possibilitam. A falta de estratégia não as impossibilitou de utilizar ativamente o meio digital, ao contrário, elas se apropriaram do espaço que as redes sociais oferecem para atuar para a manutenção e o avivamento do coletivo, amplificando, inclusive, o alcance que elas já têm nas ruas.

Para nos aprofundarmos e compreendermos ainda mais essa atuação, historicizamos no primeiro capítulo o Movimento Mães de Maio e outros semelhantes, estudando, no Capítulo 2, as possibilidades do ativismo em rede e, ainda, considerando a atuação de movimentos de mulheres na América Latina, com o cuidado de incluir a perspectiva de mulheres negras e mães nessa mobilizações.

A partir da fanpage do Movimento Mães de Maio, recorreremos à Análise de Conteúdo, com uma perspectiva quantitativa e qualitativa para entender as práticas comunicativas do

¹³⁶ Em conversa com Débora Maria da Silva, ela explicou que o edital ainda não havia sido publicado, mas a previsão era que isso acontecesse até o final do mês de julho de 2024.

Movimento e contamos com a entrevista em profundidade com Débora Maria da Silva, principal fundadora do movimento e peça fundamental também no funcionamento das redes sociais do Movimento.

Em um universo de 136 postagens, coletadas entre abril e junho de 2022, percebemos alguns pontos importantes. Apenas 15 posts são de autoria própria. Dos outros 121, 102 são reposts, em sua grande maioria, de publicações de perfis e páginas de pessoas ou organizações de cunho progressista ou ligados aos Direitos Humanos, por exemplo.

As interações com os seguidores chamam a atenção nesta pesquisa. No período analisado, as 136 postagens receberam 2596 curtidas, 425 compartilhamentos e 97 comentários, números que apresentam performances bastante abaixo do potencial que uma página com quase 120 mil seguidores poderia gerar. Para se ter uma ideia do baixo envolvimento dos seguidores, 103 postagens não receberam nenhum comentário.

Esses números podem indicar o que discutimos ao longo do capítulo 3, que as postagens do Movimento não obedecem a nenhuma estratégia de publicação e dependem apenas do alcance orgânico para chegar aos usuários do Facebook, o que pode dificultar cada vez mais que eles impactem as pessoas, mesmo aquelas que seguem a página.

No que diz respeito às temáticas abordadas, que foi uma das principais preocupações desta pesquisa, o Movimento utilizou as redes sociais no período analisado para trazer postagens sobre diversos temas como eventos, pauta racial, cultura, pauta feminista, descriminalização das drogas, pauta indígena, pauta econômica, paternidade, fatalidades, pauta LGBTQIAP+, pauta política, saúde, sistema penitenciário, moradia, condições de trabalho, Mães de Maio, Crimes de Maio, variedades e violência.

A temática com mais ocorrências foi a violência, sobretudo, a policial. Das 41 postagens, 22 estiveram dentro dessa subdivisão, o que é coerente se considerarmos que a grande motivação para a existência das Mães de Maio foi a morte e o desaparecimento de seus filhos, vítimas de violência de agentes de segurança do Estado. Durante entrevista para essa pesquisa, Débora Maria da Silva, fundadora do Movimento, afirmou que a escolha das postagens sempre é feita a partir de critérios de identificação com o tema pelas nove pessoas que administram a página, dentre elas, algumas são as próprias mães (Silva, 2023b). Castells (2013, p. 18) aponta que os movimentos sociais nascem sobretudo de grandes emoções motivadoras e também que a continuidade de sua ação reside, sobretudo, em outra emoção positiva: a esperança.

É em nome da esperança que Débora e as Mães de Maio continuam, certamente, ocupando as ruas e utilizando todos os meios possíveis para que suas reivindicações cheguem ao maior número de pessoas possível.

Assim, podemos considerar que as redes sociais podem ser um grande apoio para esse Movimento, que continua indo para as ruas, ocupando lugares públicos, mas que utiliza plataformas como o Facebook e o Instagram para que pessoas não apenas da Baixada Santista saibam que elas existem, mas de todo o mundo, e também, que tenham ciência de suas lutas. É nesse sentido que as redes sociais podem ajudar a ampliar a luta dessas mulheres.

Quanto mais rápido e interativo for o processo de comunicação, maior será a probabilidade de formação de um processo de ação coletiva enraizado na indignação, propellido pelo entusiasmo e motivado pela esperança. (Castells, 2013, p. 19)

Para aumentar sua efetividade, no entanto, acreditamos que, a partir desta pesquisa, podemos sugerir alguns pontos de atenção para a atuação do Movimento nas redes. Postagens de autoria própria podem ser uma boa saída, uma vez que, em nosso levantamento, percebemos que a média de curtidas desse tipo de post foi de 19,15 por post, ou seja, dois pontos a mais que a média de todos eles, chegando ao recorde de 178 curtidas, o que pode evidenciar uma boa performance.

Além disso, posts com legendas também chamam mais atenção do público. Para se ter uma ideia, postagens com legendas tiveram em média 28,46 curtidas, enquanto que as sem legendas, receberam 15,99 curtidas. Sendo assim, uma sugestão é que os posts venham acompanhados de algum texto explicativo para que o seguidor consiga entender por qual motivo ele foi postado na página, assim, é possível criar um laço de compreensão e, conseqüentemente, identificação ou não do usuário com a postagem, lembrando que, segundo Recuero (2014), esse é um motivo-chave para que a pessoa interaja ou não com a publicação.

Por último, acreditamos que confiar apenas no alcance orgânico das postagens, atualmente, pode ser uma estratégia insuficiente para alcançar os usuários. Caso o Movimento tenha, dentro das redes sociais, o objetivo de captar mais simpatizantes de sua causa ou chegar a mais seguidores, para que cada vez mais pessoas conheçam a atuação das Mães de Maio e, assim, possam, também exigir respostas do Estado, elas devem repensar sua estratégia, considerando o impulsionamento pago de postagens importantes, como exemplo, aquelas que falam sobre participações do Movimento em ações nas ruas tanto para a convocação de ativistas quanto para mostrar como foram essas manifestações, solidificando assim a

autoridade das Mães de Maio, como um movimento organizado e independente. Convidar militantes que tenham expertise em marketing digital para se voluntariarem com esse propósito ou buscar parcerias com cursos de Comunicação em universidades pode ser uma opção interessante para que o Movimento tenha uma estratégia eficiente de publicações e utilização das redes sociais mais profissional.

Desse modo, acreditamos ter respondido ao que foi proposto nesta pesquisa, compreendendo as estratégias dessas ativistas dentro das redes sociais e, sobretudo, como um movimento social brasileiro de destaque a partir de um recorte feminino, materno, negro, periférico e que desnuda as diferenciais sociais da América Latina, que acorda, dia após dia, em busca de respostas, de justiça e de uma democracia verdadeiramente igualitária.

REFERÊNCIAS

Abdala, Vitor. **Desemprego é maior entre mulheres e negros, diz IBGE**. Agência Brasil, 18 mai. 2023. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-05/desemprego-e-maior-entre-mulheres-e-negros-diz-ibge>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Akotirene, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Almeida, Aline. **Moradia digna: A luta de quem vive em ocupações**. Espaço do Povo, 17 de abril de 2023. Disponível em:

<https://www.espacodopovo.com.br/comunidade/moradia-digna-a-luta-de-quem-vive-em-ocupacoes/> Acesso em: 25 de março de 2024.

Almeida, Matheus de Araújo. **Do luto à luta: o Movimento Mães de Maio da Baixada Santista de São Paulo**. 2021. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/SBD). São Paulo.

Almeida, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)

Algoritmo do Facebook 2020: descubra como funciona e melhore seus resultados!. Site Mlabs, 16 dezembro 2020. Disponível em:

<https://www.mlabs.com.br/blog/algoritmo-do-facebook>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Alvarez, Sonia E. **“Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista”**. Cadernos Pagu, nº 43, 2014.

Ansa. **Mulher membro das 'Mães da Praça de Maio' é assaltada e agredida**. Uol, 14 de março de 2012. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2012/03/14/mulher-membro-das-maes-da-praca-de-maio-e-assaltada-e-agredida.htm>. Acesso em: 08 de março de 2023.

Antunes, Leda. **Mães de Acari inspiram luta por justiça 30 anos após chacina**. O Globo, 17 de agosto de 2020. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/celina/maes-de-acari-inspiram-luta-por-justica-30-anos-apos-chacina-24584840>. Acesso em: 08 de março de 2023.

Após transferências, PCC faz rebeliões e ataques e mata pelo menos seis. Folha de São Paulo. 12 de maio de 2006. Disponível em:

<https://acervo.folha.uol.com.br/compartilhar.do?numero=16805&anchor=5240687&pd=a038d89a29c7c50fec269f94741ec900>. Acesso em: 01 de março de 2023.

Arroyo, Daniel; Mendonça, Jennifer. **‘Escute as Mães de Maio’: movimento lança doc e cartilha pela luta contra violência policial**. A Ponte Jornalismo, 24 mar. 2024. Disponível em:

<https://ponte.org/escute-as-maes-de-maio-movimento-lanca-doc-e-cartilha-pela-luta-contra-violencia-policial/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Ataques do PCC deixam pelo menos três policiais mortos em SP. Estadão, 12 de maio de 2006. Disponível em:
<https://www.estadao.com.br/brasil/ataques-do-pcc-deixam-pelo-menos-tres-policiais-mortos-e-m-sp/>. Acesso em: 01 de março de 2023.

Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

Barreira, G; F. Brasil. **Operação no Jacarezinho é a mais letal da história do RJ. G1, 06 mai. 2021.** Disponível em:
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/operacao-no-jacarezinho-rio-tem-nu-mero-recorde-de-mortes.ghtml>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Barreto, L; J. Gonçalves. **Caso Genivaldo: um ano após homem ser morto asfixiado pela PRF, viúva diz que filho ainda não sabe que pai foi torturado.** G1, 21 mai. 2023. Disponível em:
<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2023/05/21/caso-genivaldo-um-ano-apos-homem-ser-morto-asfixiado-pela-prf-viuva-diz-que-filho-ainda-nao-sabe-que-pai-foi-torturado.ghtml>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Berth, Joice. **Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.

Berto, Matheus; GONÇALVES, Elisabeth. **Diálogos on-line: intersemioses do gênero Facebook.** Ciberlegenda, n. 25, p.100-110, 2011.

Bertoia, Luciana. **Murió Nora Cortiñas, la madre de todas las batallas.** Página 12, 30 mai. 2024. Disponível em:
<https://www.pagina12.com.ar/740968-murio-nora-cortinas-un-emblema-de-la-lucha-por-los-derechos->. Acesso em: 28 jun. 2024.

Bezerra, Thays Alves. **Autos de resistência e violência policial: estratégias utilizadas para negar a violência institucional no registro das mortes dos acusados na guerra contra as drogas em duas capitais brasileiras, Curitiba e Salvador.** 2014. 99f. (Monografia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Direito, Brasília, 2014.

Bilge, Sirma; Collins, Patricia H. **O Movimento das Mulheres Negras.** In: Introdução ao pensamento feminista negro / Por um feminismo para os 99%. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021. p. 16-24. Livro eletrônico.

Biroli, Flávia. **O público e o privado.** In: Miguel, Luiz Felipe; Biroli, Flávia. (Org.) Feminismo e política. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014, p. 21-30.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Cuidados e Família. **Nota Informativa: nº 2/2023 - Trabalhadoras domésticas e políticas de cuidado.** Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, 2023. Disponível em:
https://mds.gov.br/webarquivos/MDS/7_Orgaos/SNCF_Secretaria_Nacional_da_Politica_de

Cuidados_e_Familia/Arquivos/Nota_Informativa/Nota_Informativa_N_2.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

Brito, Fernando. **Mais presos, mais penas, mais custo, mais dor. E mais crimes.** Tijolaço, 5 jun 2022. Disponível em: <https://tijolaco.net/mais-presos-mais-penas-mais-custo-mais-dor-e-mais-crimes>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Bruno Pereira e Dom Phillips: a cronologia do caso, desde o início da viagem. G1, 15 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/06/15/bruno-pereira-e-dom-phillips-a-cronologia-do-caso-desde-o-inicio-da-viagem.ghtml>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Bueno, Thaisa; Silva, Even Grazielly de Sousa Escócio; Reino, Lucas Santiago Arraes. **Curtir, comentar e compartilhar: como as seguidoras da Boca Rosa e Niina Secrets interagem nas redes.** Revista Observatório, v. 5, n. 6, p. 132-151, 2019.

Caaf/Unifesp. **Violência de Estado no Brasil: uma análise dos Crimes de Maio de 2006 na perspectiva da antropologia forense e da justiça de transição** - Relatório Final. São Paulo: UNIFESP 2019.

Calado, Maria da Glória. **Ações coletivas de mães em luto da Zona Leste de São Paulo: o papel da rede social digital Facebook na ressignificação do luto.** Extraprensa, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 199-216, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/169719/162163>. Acesso em 02 de junho de 2023.

Cano, Ignacio; Alvia, Alberto (coord.). **Análise dos Impactos dos Ataques do PCC em São Paulo em Maio de 2006.** Rio de Janeiro: LAV-Uerj; São Paulo: CONECTAS, 2008.

Capriglione, Laura. **Os mecanismos midiáticos que livram a cara dos crimes das polícias militares no Brasil.** In: Kucinski, Bernardo et al. Bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação. São Paulo: Boitempo, 2015.

Carneiro, Sueli. **“Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”** in Racismos Contemporâneos, org: Ashsoka /Takano Ed. Cidadania, Rio de Janeiro, 2003.

Castells, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança. Movimentos sociais na era da Internet.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Cerqueira, Daniel; Bueno, Samira (coord.). **Atlas da Violência 2020.** Rio de Janeiro: IPEA, 2020.

Certeau, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1998.

Ciacanglini, Sergio. **La historia de las Madres de Plaza de Mayo: érase una vez catorce mujeres.** La Vaca, 24 de março de 2022. Disponível em:

<https://lavaca.org/notas/la-historia-de-las-madres-de-plaza-de-mayo-erese-una-vez-catorce-mujeres/> Acesso em: 04 de março de 2023.

Cidades da Baixada Santista voltam à rotina após ataques. Estadão, 16 de maio de 2006.

Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/brasil/cidades-da-baixada-santista-voltam-a-rotina-apos-ataques/>. Acesso em: 04 de março de 2023.

Costa, Anna G. **Facebook tem recorde de público; por que plataforma ainda é tão forte?**

Terra, 04 agosto 2023. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/byte/facebook-tem-recorde-de-publico-por-que-plataforma-ainda-e-tao-forte.d01fa33bf4faa2fd8980d299f86a1ee6rblemrs.html>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Costa, Cristiane. Rede. In: Hollanda, Heloisa Buarque de (Org.) **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. 2ª ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, p. 43-60, 2018.

Costa, Rafael. **Programa ‘Cidade Integrada’ no Jacarezinho completa 2 anos sem nenhuma ação efetiva; moradores relatam dificuldades**. Voz das Comunidades, 19 jan. 2024. Disponível em:

<https://vozascomunidades.com.br/destaques/programa-cidade-integrada-no-jacarezinho-com-pleta-2-anos-sem-nenhuma-acao-efetiva-moradores-relatam-dificuldades>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Costa-Moura, Fernanda. **Proliferação das # hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos**. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 17, p. 141-158, 2014.

De Jesus, Maria Gorete Marques et al. **Mothers, protection and care amongst communities affected by torture and state violence in Brazil**. Journal of the British Academy, v. 10, n. s3, p. 97-116, 2022.

Domingues, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo, v. 12, p. 100-122, 2007.

Duarte, Catarina. **Familiares de vítimas de violência estatal terão atendimento multidisciplinar em SP, RJ, BA, CE e MG**. A Ponte Jornalismo, 10 jan.2024. Disponível em:

<https://ponte.org/familiares-de-vitimas-de-violencia-estatal-terao-atendimento-multidisciplinar-em-sp-rj-ba-ce-e-mg/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Fonseca Jr., Wilson Corrêa da. **Análise de Conteúdo**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

Franco, Fábio L. **Governar os mortos: Necropolíticas, desaparecimento e subjetividade**. São Paulo, Ubu Editora, 1ª edição, 2021.

Garcia, Raphael T. [Vídeo Censurado] **Mães de Maio denunciam promotora por “criminalizar” movimento.** YouTube, 16 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XW0HYcmUqpc>. Acesso em: 08 de março de 2023.

Geraldo, Nathália. **Débora, do Mães de Maio, luta por memória: “Meu filho morreu por ser preto”.** Portal Geledés, 12 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/debora-do-maes-de-maio-luta-por-memoria-meu-filho-morreu-por-ser-preto/>. Acesso em: 08 de junho de 2022.

Gohn, Maria da Gloria. **Novas teorias dos movimentos sociais.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

Gonçalves, Renata. **De antigas e novas loucas: Madres e Mães de Maio contra a violência de Estado.** Lutas Sociais, São Paulo, n. 29, 2012.

Gonzalez, Lélia. **O movimento negro na última década.** In: _____; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 2022.

Gonzalez, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Gorini, Ulises (2006). **La rebelión de las Madres. Historia de las Madres de Plaza de Mayo. vol. 1.** (1976-1983). Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.

Hebe de Bonafini, histórica líder das Mães da Praça de Maio, morre aos 93 anos na Argentina. G1, 20 de novembro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/11/20/hebe-de-bonafini-presidente-das-maes-da-praca-de-maio-morre-aos-93-anos.ghtml> . Acesso em: 04 de março de 2023.

Honorato, Fabiana. **Manifestação relembra vítimas.** A Tribuna. 15 de maio de 2007. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/153931_05/144375. Acesso em: 03 de março de 2023.

hooks, bell. **Olhares Negros: raça e representação.** São Paulo: Ed. Elefante, 2019.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), **Atlas da Violência.** Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9350-223443riatlasdaviolencia2023-final.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Justiça Global. **Campanha: apoie a luta da Rede de Comunidades e Movimentos contra a Violência,** 04 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.global.org.br/blog/campanha-apoie-a-luta-da-rede-de-comunidades-e-movimentos-contr-a-violencia/>. Acesso em: 04 de março de 2023.

Justiça Global; IHRC. **São Paulo sob achaque: corrupção, crime organizado e violência institucional em maio de 2006.** Rio de Janeiro: Justiça Global, 2011.

Lacerda, Nara. **Policiais rodoviários que mataram Genivaldo em 'câmara de gás' são demitidos.** Brasil de Fato, 14 ago. 2023. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2023/08/14/policias-rodoviaros-que-mataram-genivaldo-em-camara-de-gas-sao-demitidos>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Langner, Ariane; Zuliani, C. S.; Mendonça, Fernanda. **O Movimento Feminista e o Ativismo Digital: conquistas e expansão decorrentes do uso das plataformas online**. In: 3o Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: Mídias e Direitos na Sociedade em Rede e V Congresso Iberoamericano de Investigadores e Docentes de Direito e Informática. 2015. p. 3-12.

Lemos, Rosalia O. **Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro**, 1997. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Llorente, Analía. **'Voos da morte' na Argentina: como Justiça tenta fechar ferida aberta há 45 anos**. BBC News Brasil, 8 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56969227>. Acesso em: 08 de março de 2023.

Lopes, Débora. **Projeto de lei Mães de Maio quer apoiar vítimas da violência estatal em SP**. A Ponte, 08 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://ponte.org/projeto-de-lei-maes-de-maio-quer-apoiar-vitimas-da-violencia-estatal-em-sp/>. Acesso em 04 de março de 2023.

López, Lucía C.J.; GONZÁLEZ, Carolina J. **Abuso policial, discrecionalidad y tecnologías de vigilancia en América Latina**. Iztapalapa. Revista de ciencias sociales y humanidades, v. 42, n. 90, p. 119-144, 2021.

Lorenzo, Martín F. **Para não esquecer: a história das Mães da Plaza de Mayo, na Argentina**. Socialista Morena, 17 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.socialistamorena.com.br/para-nao-esquecer-a-historia-das-maes-da-plaza-de-mayo-na-argentina/>. Acesso em: 04 de março de 2023.

Luz, Yurick. **Vídeo: Professora é vítima de violência policial durante manifestação em Barra Mansa**. Diário do Centro do Mundo, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/video-professora-e-vitima-de-violencia-policial-durante-manifestacao-em-barra-mansa/> Acesso em: 19 mai. 2024.

Machado, Clarissa. **Quando o assunto é dinheiro, o que é ser mãe no Brasil?**. Expresso Estadão, 3 mai. 2022. Disponível em: <https://expresso.estadao.com.br/naperifa/quando-o-assunto-e-dinheiro-o-que-e-ser-mae-no-brasil>. Acesso em: 19 mai. 2024

Machado, Jorge Alberto S. **"Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais."** Sociologias, v. 18, p. 248-285, 2007.

Mães de Maio. **Do luto à luta: Mães de Maio**. São Paulo: Nós por nós, 2011.

Mães de Maio. **Salve Mães de Maio**. São Paulo: Nós por nós, 2018.

Mães de Maio. **Memorial dos Nossos Filhos Vivos**. São Paulo: Nós por nós, 2019.

Mães de Maio. **Carta das Mães de Maio à Presidenta Dilma Rousseff**. [S. l.]: Passa Palavra, 25 jul. 2012. Disponível em: <https://passapalavra.info/2012/07/62349>. Acesso em: 03 de março de 2023.

Mães de Maio. **Carta das Mães de Maio do Brasil às Madres e Abuelas da Plaza de Mayo**. Fundação Perseu Abramo, 15 de março de 2012. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2012/03/19/carta-das-maes-de-maio-do-brasil-as-madres-e-abuelas-da-plaza-de-mayo/> Acesso em: 08 de março de 2023.

Mães de Maio. **Ato Político-Cultural na estréia do filme "Salve Geral"**. Movimento Mães de Maio, 28 de setembro de 2009. Disponível em: <http://maesdemaio.blogspot.com/2009/09/ato-politico-cultural-na-estrela-do.html>. Acesso em 14 de junho de 2023.

Manso, Bruno P. **‘Foram viajar. Um dia viajo também. Vamos nos encontrar e matar as saudades’**. A Ponte, 04 de maio de 2018. Disponível em: <https://ponte.org/vera-lucia-maes-de-maio/>. Acesso em: 04 de março de 2023.

Mbembe, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

Melo, Cecy B. de. **A diarização do trabalho doméstico e o processo de tornar-se diarista**. SciELO Preprints, 2023. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6842/12926>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Mena, Fernanda. **Um modelo violento e ineficaz de polícia**. In: KUCINSKI, Bernardo et al. Bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação. São Paulo: Boitempo, 2015.

Mendes, Gil L. Débora Silva: **De mãe em luta e luto a atriz premiada**. Terra, 08 abr. 2022. Disponível em: https://www.terra.com.br/comunidade/visao-do-corre/pega-a-visao/debora-silva-de-mae-em-luta-e-luto-a-atriz-premiada,dc237893920fc288e69a9d111934c23eg8b0ipm4.html?fbclid=IwZ_Xh0bgNhZW0CMTEAAR1R4_bOqYg4OVnwzC4iavRF0SOOp5xPCWqoPKdRbNujMTTgm_XzhmHOXJ6Z4_aem_AY16T53wXZEMiWBvi97DILa0Oa87OMOU73M8v-3BxKw5hPqQ_hURasKWwr7GrNfEHojftLmhkbJ8zxX4uLcn5z_oU. Acesso em: 19 mai. 2024.

Mendonça, Jeniffer. **STJ determina federalização de chacina dos Crimes de Maio**. A Ponte, 10 de agosto de 2022. Disponível em: <https://ponte.org/stj-determina-federalizacao-de-chacina-dos-crimes-de-maio/>. Acesso em: 04 de março de 2023.

Mendonça, Jennifer. **Entidades entram com ação no STF contra genocídio negro**. A Ponte, 17 maio 2021. Disponível em:

<https://ponte.org/entidades-entram-com-acao-no-stf-contra-genocidio-negro/>. Acesso em: 19 de mai. de 2024.

Molina, Federico Rivas. **Na Argentina, falar da ditadura e dos militares que a conduziram é motivo de desonra**. El País, 31 de março de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/30/opinion/1553971198_297214.html. Acesso em: 25 de setembro de 2023.

Moncau, Gabriela. **Contra violência de Estado, o Cordão da Mentira vai às ruas nessa sexta (1º)**, em São Paulo (SP). Brasil de Fato, 01 abr. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/01/contra-violencia-de-estado-o-cordao-da-mentira-vai-as-ruas-nessa-sexta-1-em-sao-paulo-sp>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Miguel, Katarini. G.; Moraes, Evelise C. **Movimento Mães de Maio no Facebook: quais assuntos interessam a essas mães ativistas?** In: In: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte - MG. 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023.

Mortes: as muitas perdas no maio de Vera Lucia. Folha de São Paulo, 18 de maio de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/mortes-as-muitas-perdas-no-maio-de-vera-lucia.shtml> . Acesso em: 08 de março de 2023.

Moncau, Gabriela. **Com mães em luta contra a violência que se repete, chacina de Osasco e Barueri completa 7 anos**. Brasil de Fato, 13 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/08/13/com-maes-em-luta-contra-a-violencia-que-se-repete-chacina-de-osasco-e-barueri-completa-7-anos>. Acesso em: 04 de março de 2023.

Não Saia Hoje. Direção: Susanna Lira. [S. l.]: Modo Operante Produções, 2016. 1 vídeo (53 min).

Nic.br, **NIC.br anuncia resultados da pesquisa sobre o uso da internet no Brasil**. Cetic.Br, 09 de novembro de 2006. Disponível em: <https://www.cetic.br/noticia/nic-br-anuncia-resultados-da-pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-no-brasil/> > Acesso em 08 de julho de 2022.

Nzumbi, Lio. **A continuidade do genocídio negro através da Política Criminal da SSP/BA**. In: MÃES DE MAIO, Do luto à luta: Mães de Maio. São Paulo. Nós por nós, 2011.

Orlandini, Maiara Garcia. **Ativismo de sofá ou participação política? Os processos de politização do ativismo por hashtag**. Revista Mediação, v. 22, n. 29, p. 133-151, 2019.

O que faz o caso Luana Barbosa tão assustador?. Le Monde Diplomatique Brasil, 02 dez. 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-que-faz-o-caso-luana-barbosa-tao-assustador/> Acesso em: 19 mai. 2024.

Paixão, Fernanda. **Neto 131 é encontrado, conquista na busca por bebês sequestrados pela ditadura argentina.** Brasil de Fato, 23 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/12/23/neto-131-e-encontrado-conquista-na-busca-por-bebes-sequestrados-pela-ditadura-argentina> Acesso em: 08 de março de 2023.

Palacios, Ariel. **Argentinos elegem 2 de agosto, nascimento do ex-ditador Videla, como a data do desprezo.** O Globo, 27 de julho de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/argentinos-elegem-2-de-agosto-nascimento-do-ex-ditador-videla-como-data-do-desprezo-22921858>. Acesso em: 08 de março de 2023.

Participantes de evento das Mães de Maio relatam represálias a defensores dos direitos humanos na Baixada Santista. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 14 mai. 2024. Disponível em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/maio/participantes-de-evento-das-maes-de-maio-relatam-represalias-a-defensores-dos-direitos-humanos-na-baixada-santista>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Patel, Neil. **Algoritmo Do Facebook: Entenda Como Ele Funciona em 2023.** Neil Patel. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/algoritmo-do-facebook>. Acesso em: 19 de mai. de 2024.

Perez, Olívia Cristina; Ricoldi, Arlene Martinez. **A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva.** In: Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP), 10, Monterrey, Nuevo León, México, 2019. Anais [...]. s. l.: ALACIP; Asociación Mexicana de Ciencias Políticas A.C. (AMECIP); Tecnológico de Monterrey, 2019. Disponível em: <https://alacip.org/cong19/25-perez-19.pdf>. Acesso em: 02 de junho de 2023.

PM aborda padre Júlio Lancellotti em via-sacra em São Paulo. Nexo Jornal, 17 dezembro 2022. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/algoritmo-do-facebook>. Acesso em: 19 de mai. de 2024.

Polícia mata jovem no Jacarezinho sem troca de tiros. Nexo Jornal, 26 abr. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2022/04/26/policial-mata-jovem-no-jacarezinho-sem-troca-de-tiros>. Acesso em: 19 de mai. de 2024.

Pochmann, Marcio. **Pochmann: “É a política, estúpido!”.** Outras palavras, 11 abr. 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/mercadovsdemocracia/pochmann-e-a-politica-estupido> Acesso em: 19 mai. 2024.

Quadrat, Samantha Viz. **Aparição com vida: as Madres de Plaza de Mayo e a luta por justiça.** Revista Gênero, v. 3, n. 1, 2002.

Quintela, Débora Françolin. **O movimento de mães contra a violência policial nas periferias brasileiras.** Revista Sociedade e Estado, v 36, n. 3, p. 867-890. Set/Dez 2021.

Radar Municipal. **Projeto de Lei nº 734/2020**. Disponível em: <https://www.radarmunicipal.com.br/proposicoes/projeto-de-lei-734-2020>. Acesso em: 10 de março de 2023.

Ramalho, Fábio R. **São Paulo foi palco do 1º Encontro de Blogueiros Progressistas do Brasil**. Central de Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, 23 de agosto de 2010. Disponível em: <https://ctb.org.br/noticias/cultura-a-midia/sao-paulo-foi-palco-do-1o-encontro-de-comunicadores-independentes-do-brasil/> Acesso em: 14 de setembro de 2023.

Ramos, Beatriz D. **Crimes de Maio de 2006: o massacre que o Brasil ignora**. A Ponte, 17 de maio de 2021. Disponível em: <https://ponte.org/crimes-de-maio-de-2006-o-massacre-que-o-brasil-ignora>. Acesso em: 01 de março de 2023.

Recuero, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Meridional, 2009.

Recuero, Raquel. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. Verso e reverso, v. 28, n. 68, p. 114-124, 2014.

Retrato das desigualdades de gênero e raça. 4a edição. Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. Acesso em: 02 de junho de 2023.

Ribeiro, Diana; Nogueira, Conceição; & Magalhães, Sara Isabel. **As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro**. Sul-Sul - Revista De Ciências Humanas E Sociais, 1(03), 57–76. 2021.

Ribeiro, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Rio: menina de 11 anos morre após ser esmagada por carro alegórico na dispersão da Sapucaí. Brasil de Fato, 22 dez. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/22/rio-menina-de-11-anos-morre-apos-ser-esmagada-a-por-carro-alegorico-na-dispersao-da-sapuca>. Acesso em: 19 de mai. 2024.

Rocha, Claudio A. **Ilustração crítica e o engajamento social no design gráfico**. Chapon Cadernos de Design, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas. v. 2, n. 1, p. 51-67, 15 jun. 2021.

Rocha, Jan. **Mães e Madres**. In: MÃES DE MAIO, Do luto à luta: Mães de Maio. São Paulo. Nós por nós, 2011.

Rodas, Sergio. **"A prisão não funciona, pois ninguém que está preso aprende a viver em liberdade"**. Consultor Jurídico, 15 jan 2017. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2017-jan-15/entrevista-luis-carlos-valois-juiz-execucao-penal-man> aus. Acesso em: 19 mai. 2024.

Rose Nogueira. Memórias da Ditadura. Disponível em:

<https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/rose-nogueira/>. Acesso em: 04 de março de 2023.

Said, Tabita. "**Agora eu sou a voz do meu filho**": estudo mostra maternidade ativista como ferramenta de justiça. *Jornal da USP*, 20 de outubro de 2022. Disponível em:

<https://jornal.usp.br/diversidade/agora-eu-sou-a-voz-do-meu-filho-estudo-mostra-maternidade-ativista-como-ferramenta-de-justica>. Acesso em: 02 de junho de 2023.

Salvadori, Fausto. **Mães de Maio denunciam promotora por “criminalizar” movimento.** *A Ponte*, 16 de novembro de 2015. Disponível em:

<https://ponte.org/maes-de-maio-denunciam-promotora-por-criminalizar-movimento/>. Acesso em: 04 de março de 2023.

Sampario, Rafael Cardoso; Lycarião, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação.** Brasília: Enap, 2021.

Santos, Sônia Beatriz dos. **As ONGs de Mulheres negras no Brasil.** *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 275-288, jul./dez., 2009.

Scheibe Wolff, C. **Eu só queria embalar meu filho.** Gênero e maternidade no discurso dos movimentos de resistência contra as ditaduras no Cone Sul, América do Sul. *Revista Aedos*, [S. l.], v. 5, n. 13, 2013. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/44332>. Acesso em: 25 de setembro de 2023.

Silva Jr., José A. da. **A patroa, a criança, o elevador e a empregada.** Dispositivos da invisibilidade contemporânea do fazer morar e do deixar morrer In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020, Salvador - BA. 43 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020.

Silva, Orlando. **Lei das Mães de Maio: dever de reparação e combate à violência policial.** *Carta Capital*, 20 ago 2023. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/frente-ampla/lei-das-maes-de-maio-dever-de-reparacao-e-combate-a-violencia-policial/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Soares, Dandara Vicente. **Justiça segundo as mães de Acari: 30 anos depois.** 2021.151f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

Sorj, Bila. **O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade.** In: Hollanda, Heloisa Buarque de (Org.) *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 110-119.

Souza, Ana Luiza de F.. **CARTA À MÃE RECÉM-NASCIDA: Coerência expressiva, capital social e intencionalidade performática em sites de redes sociais.** *Avatares de la Comunicación y la Cultura*, n. 18, 2019.

Souza, Ana Luiza de F. **Ser Mãe é F*da: mulheres, (não) maternidade e mídias sociais.** Porto Alegre, Editora Zouk, 1ª edição, 2022.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios.** São Paulo: Alameda, 2017.

Vasconcelos, Caê. **Estado nega ajuda psicológica às mães dos jovens que matou.** A Ponte, 29 de novembro de 2019. Disponível em:

<https://ponte.org/estado-nega-ajuda-psicologica-as-maes-dos-jovens-que-matou/>. Acesso em: 04 de março de 2023.

Vera Lúcia Gonzaga, uma das fundadoras do Mães de Maio, morre em Santos. Claudía, 10 de maio de 2018. Disponível em:

<https://claudia.abril.com.br/noticias/morre-vera-lucia-gonzaga-maes-de-maio/>. Acesso em: 04 de março de 2023.

Vizer, E. **Movimentos sociais: novas tecnologias para novas militâncias.** In: Ferreira, J.; Vizer, E. (org.). *Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação.* São Paulo: Paulus, 2007. p. 23-51.

Wyllys, Jean. **Formas de temer, formas de reprimir: as relações entre a violência policial e suas representações nas mídias.** In: Kucinski, Bernardo et al. *Bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação.* São Paulo: Boitempo, 2015.

Entrevistas

SILVA, Débora Maria da. Sobre o Movimento Mães de Maio – 1o encontro. [25 jul. 2023]. Entrevistador: Evelise Couto Moraes. 2023a. 1 arquivo .mp4 (107 min).

SILVA, Débora Maria da. Sobre o Movimento Mães de Maio – 1o encontro. [11 ago. 2023]. Entrevistador: Evelise Couto Moraes. 2023b. 1 arquivo .mp4 (139 min).